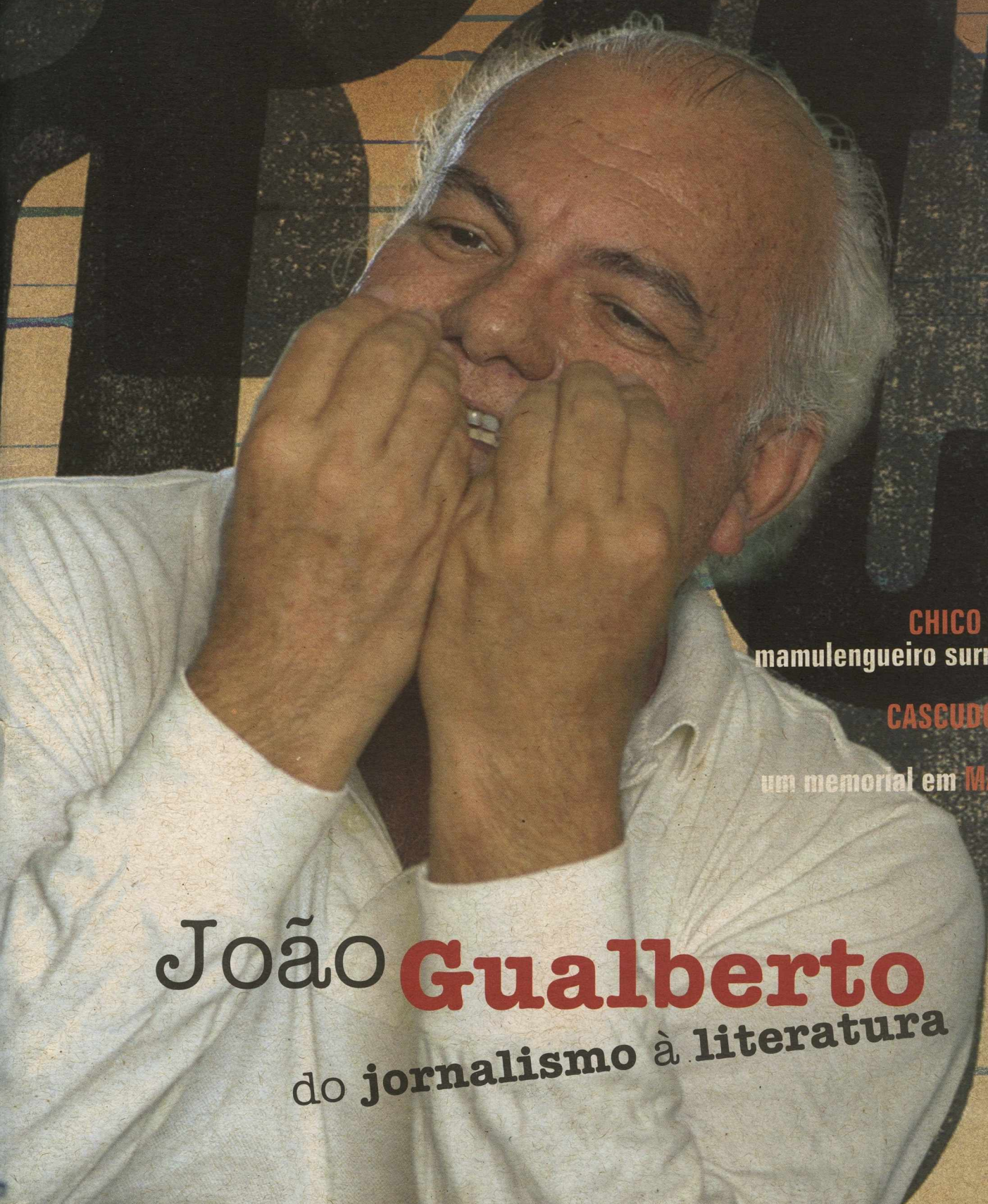


vozes na cultura potiguar

# BROUHAHA

Prefeitura Municipal do Natal Fundação Cultural Capitania das Artes Ano II Nº 3 Janeiro/Março 2006



**CHICO DANIEL**  
mamulengueiro surrealista

**CASCUDO** poeta  
um memorial em **MACAÍBA**

João **Gualberto**  
do jornalismo à literatura



MÁRIO DE ANDRADE, PAPA DO MODERNISMO BRASILEIRO, CRIADOR DE “MACUNAÍMA”, CHAMOU CHICO ANTÔNIO, FARMOSO COQUEIRO POTIGUAR, NASCIDO E VIVIDO EM PEDRO VELHO, DE CANTADOR SURREALISTA, OPINIÃO MAIS TARDE ENDOSSADA POR ANTÔNIO BENTO DE ARAÚJO LIMA, PORQUE CHICO ANTÔNIO, QUANDO CANTAVA, DEIXAVA-SE TOMAR DE TAL EMOÇÃO QUE SE DESGARRAVA DO TEMPO E DO ESPAÇO E ERA COMO SE FLUTUASSE, ENTRE NUENS. ¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶ COM O MAMULENGUEIRO CHICO DANIEL DÁ-SE COISA PA-RECIDA. QUANDO APRESENTA SEU ESPETÁCULO, HÁ CERTAS CENAS EM QUE OS BONECOS DECEM DA TOLDA, DESAPARECEM DA VISÃO DO PÚBLICO E O QUE DEVERIA SER VISÍVEL, CONTINUA A EXISTIR POR DETRÁS DA TOLDA, NUM UNIVERSO IRREAL, IMPONDERÁVEL, CUJA ÚNICA LIGAÇÃO COM A PLATEIA DO ESPETÁCULO É A VOZ DO CALUNGUEIRO, CONDUZINDO O DIÁLOGO ENTRE OS PERSONAGENS, FORA DE CENA.

DEFFILO GURGEL, EM “JOÃO REDONDO: TEATRO DE BONECOS DO NORDESTE”

**VANLIA ORICO**  
Arts



A terceira edição da Brouhaha reafirma seu caráter multicultural ao revelar para você, leitor, importantes manifestações de nossa cultura. Ela confirma também o compromisso de nossa administração em trabalhar por uma cidade mais saudável, sob o aspecto de não apenas valorizar, mas sobretudo registrar, as múltiplas ações no campo cultural na Natal que vivemos ontem e hoje, principalmente para as novas gerações.

Nesta edição, chamo sua atenção para três temas aqui abordados. O primeiro deles é o resgate de poemas inéditos de nosso eterno mestre provinciano Câmara Cascudo. São poesias de cunho regionalista, mas que transpõem as fronteiras da alma, numa projeção cosmopolita. Há também um passeio maravilhoso pelo mundo mágico e encantado do mamulengueiro Chico Daniel, um registro histórico para a posteridade.

Finalmente, destaco o ensaio fotográfico sobre a obra de Carlos Humberto Dantas.

Por tudo isto e muito mais, esta é uma edição para ler e guardar. Esta é uma edição para ficar na memória.

**CARLOS EDUARDO ALVES**  
Prefeito de Natal

O cheiro da Flor do Norte, escrever de poetas, movimentos de dança & música e a plástica surreal são itinerários artísticos plasmados na BROUHAHA. Abel Silva, João Gualberto, Anízia Marques, Enoch Domingos, Fernando Brant, Bianor Paulino entre outros fazem a reverberação de expressões culturais na cidade de Natal, provocadas entre gestos e vozes. Os poemas praxis de Carlos Humberto Dantas e a geometria pós-concreta de seus trabalhos visuais nos projeta e nos reverencia. Assim a sua ausência o presentifica junto ao rock, as Lágrimas Azuis do Impacto Cinco, e a cena eletrônica da urbe que amava.

Agora, é embarcar e navegar.

**DÁCIO GALVÃO**  
Presidente da Fundação Capitania das Artes

CARLOS HUMBERTO DANTAS  
S/ TÍTULO - Aquarela.  
Foto Argemiro Lima

## SUMÁRIO

Notas da Redação 06 / Poemúsica 07 / Flor do Norte Abel Silva 08

ENTREVISTA: Máquina de escrever poemas João Gualberto 10 / Solar do Caxangá: pela memória de Macaíba 20

Caminhos da poesia potiguar contemporânea 24 / Fajutos, autênticos, fiéis – poemas de Cascudo 30

Escola da arte mambembe 32. / O santo graal do rock potiguar 36 / ENSAIO Carlos Humberto Dantas Argemiro Lima 39

Arte integrada 43 / LETRA & MÚSICA Alex de Souza / Moisés de Lima 46 / MEMÓRIA POPULAR / Chico Daniel 48

Anízia Marques 54 / Artes visuais – perfis 56 / Um passo para a leitura 60

A carcaça do verme no vaso F. Caldas 62 / A marginália potiguar – anos setenta Bianor Paulino 64

Cena eletrônica potiguar 66 / Breve panorama sincrônico das artes plásticas potiguares Jota Medeiros 68

COM A PALAVRA Fernando Brant 72 / No meio da tarde Lívio Oliveira 74

REDE CASCUDIANA A voz de Cascudo Humberto Hermenegildo 76 / Nós, os outros... Gilmara Benevides 78

# BROUHAHA

A revista BROUHAHA é uma publicação trimestral da Prefeitura Municipal do Natal, através da Fundação Cultural Capitania das Artes

Prefeito Carlos Eduardo Nunes Alves - Presidente da Fundação Cultural Capitania das Artes Dácio Galvão - Conselho Editorial Dionísio Outeda, Moisés de Lima, Afonso Martins - Editor Moisés de Lima - Editor Assistente Yuri Borges - Repórteres Alex de Souza, Carlos de Souza, Jóis Alberto, Patrícia Cordeiro, Rafael Duarte, Rodrigo Hammer, Tádzio França, Ugo Leite - Colaboradores Abel Silva, Bianor Paulino, Célia Albuquerque, Enoch Domingos, F. Caldas, Gilmara Benevides, Humberto Hermenegildo, Jota Medeiros, Lívio Oliveira, Sânzia Pinheiro - Revisão Fernando Cardoso - Fotos Argemiro Lima, D'Luca, Candinha Bezerra - Direção de arte Afonso Martins - Designer Jussê Costa - Distribuição Anna Maria Jasiello ([capitaniadasartes@yahoo.com.br](mailto:capitaniadasartes@yahoo.com.br)) - Estagiário Victor Olavo Roca

Foto da contracapa Banda Sinfônica da Cidade do Natal. Foto de Candinha Bezerra

FUNDAÇÃO CULTURAL CAPITANIA DAS ARTES  
Endereço: Av. Câmara Cascudo, 434, Centro, Natal- RN, Cep 59025-280  
Telefone: (84) 3232 4956 – e-mail: [revistabrouhaha@hotmail.com](mailto:revistabrouhaha@hotmail.com)

# notas da redação

## NOTAS

É com muita satisfação que o corpo editorial desta publicação passa a publicar a partir deste número uma página com notas e comentários acerca de temas pertinentes à BROUHAHA. Gostaríamos de estimular nossos leitores a enviar sugestões, críticas e opiniões como forma de enriquecer o conteúdo de nossas próximas edições. Lembramos apenas nosso estimulante: desafio lançar um olhar mais atento à cultura natalense e dos municípios vizinhos que integram a região metropolitana. Para isso, precisamos da participação constante dos nossos leitores que podem, com certeza, nos render excelentes pautas.

## JOÃO GUALBERTO

A entrevista desta edição muito bem escrita por Carlos de Souza resgata com muita dignidade a figura do poeta e jornalista João Gualberto, cuja biografia foi muito pouco lembrada por muitos de sua geração e quase que totalmente desconhecida pelos jovens de hoje. A entrevista é marcante sob todos os aspectos, principalmente porque expõe momentos felizes e dramas de um grande escriba de nossa terra, alguém que poderia ter se tornado um dos maiores jornalistas do nosso país. Emocionante e imperdível!

## HOMENAGEM

Destaque também para a homenagem no ensaio do pintor/poeta Carlos Humberto Dantas recentemente falecido. Figura imponente em nossa arte que infelizmente foi mais um dos esquecidos em vida de nossa cidade.

## SAUDAÇÃO

Registramos e-mail enviado pelo leitor Derval Gonçalves a quem agradecemos a correspondência cordial:

“Em primeiro lugar, quero expressar meus parabéns à Prefeitura da Cidade do Natal, à equipe da Fundação Cultural Capitania das Artes e, em especial ao

amigo e timoneiro poeta Dácio Glavão, pela brilhante iniciativa de editar *BROUHAHA* – que, certamente, será um dos baluartes para o resgate, preservação, fortalecimento e difusão da diversidade cultural potiguar. Um forte abraço para todos da redação pelo grande trabalho desenvolvido. Saudações!

Derval Gonçalves de Amorim Filho  
Advogado e Pres. ACD Nação Junina”

## LIVROS ANTIGOS

O leitor João da Mata Costa nos envia um e-mail propondo uma série de artigos sobre livros antigos. Eis um trecho: “Livros formadores e que fazem parte de nossa identidade cultural. A cada número da revista colocaríamos o comentário/ resenha sobre o livro e sua importância para a nossa formação. São livros de cavalaria, almanaques. Guias médicos, etc”;

Ao caro João da Mata, um dos maiores pesquisadores brasileiros da obra do autor espanhol Miguel de

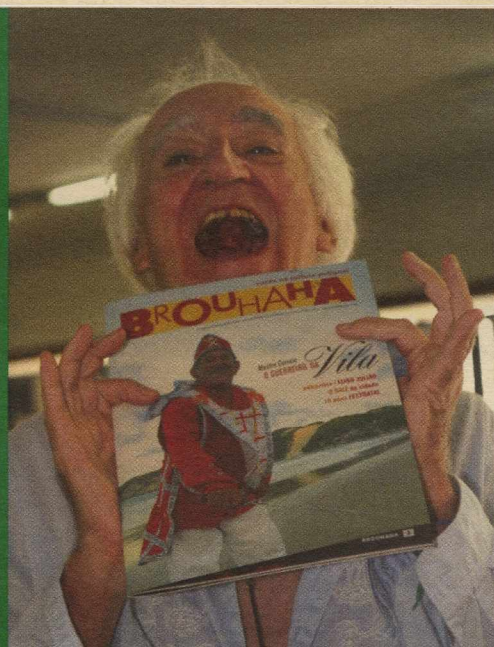
Cervantes, nosso muito obrigado pela lembrança e pela sugestão que será carinhosamente estudada.

## DISTRIBUIÇÃO

A presidência da Capitania das Artes e o corpo editorial da BROUHAHA estão trabalhando no sentido de melhorar a distribuição dos exemplares a partir desta edição. Esta tem sido a grande reclamação por parte dos nossos leitores. Pedimos um pouco de paciência.

## DISTRIBUIÇÃO II

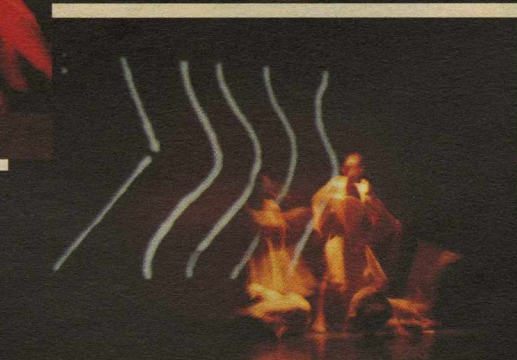
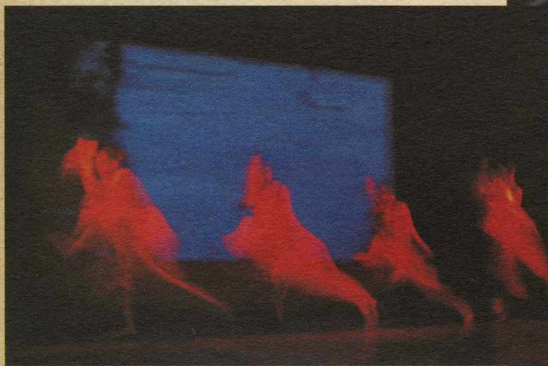
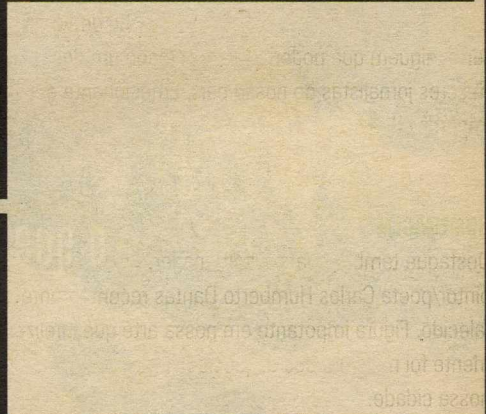
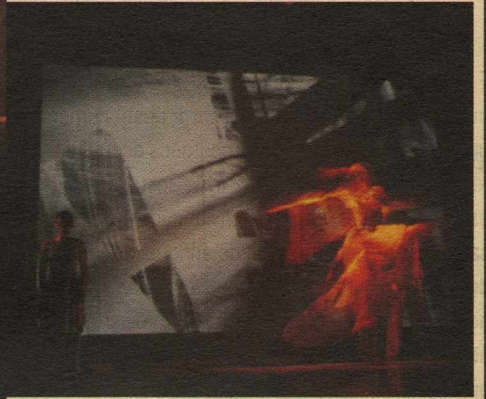
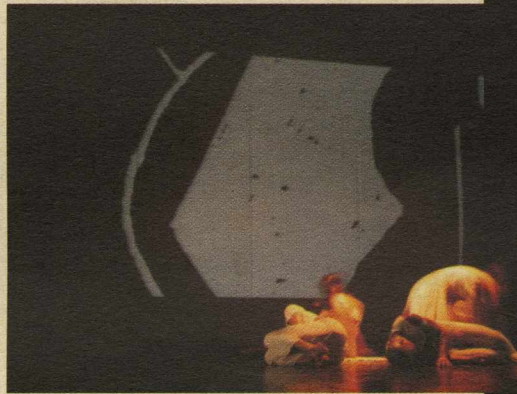
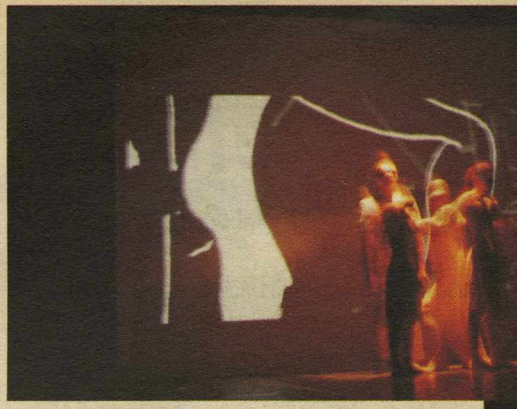
Ainda sobre o tema, destacamos a solicitação do leitor Volney Liberato, do município de Currais Novos, que nos enviou e-mail perguntando como proceder para receber periodicamente as edições. A ele e a todos os leitores informamos que podem enviar seus pedidos para o e-mail [capitaniadasartes@yahoo.com.br](mailto:capitaniadasartes@yahoo.com.br) ou para a Fundação Capitania das Artes (Av. Câmara Cascudo, 434, Centro, Natal-RN. CEP 59025-280). Outras informações pelo telefone (84) 3232-4956.



O diretor teatral José Celso Martinez Corrêa em dois momentos: exibindo a segunda edição da BROUHAHA e durante a conferência realizada no Dia Mundial do Teatro

# POEMUSICA

Um espetáculo marcou a cena potiguar nos dias 29 e 30 novembro. *Poemúsica*, apresentado pelo Balé da Cidade de Natal, exibiu coreografias, criadas por Anízia Marques e Danielle Flor, com a colaboração dos bailarinos, que transmitem uma mensagem ligada à história e à cultura do Rio Grande do Norte através de elementos cênicos que traduzem a natureza através de uma linguagem contemporânea. *Poemúsica* foi produzido a partir do CD homônimo, uma compilação de poemas expressivos da literatura norte-rio-grandense, oralizados por ícones da cena contemporânea como Arrigo Barnabé, Arnaldo Antunes, Naná Vasconcelos, entre outros. Entre os poetas locais estão Chico Ivan, João Gualberto Aguiar, Moacy Cirne, Anchieta Fernandes, Nei Leandro de Castro, Jorge Fernandes e Câmara Cascudo.  
(fotos Candinha Bezerra)



**FLOR DO NORTE**  
**ABEL SILVA**

A flor do norte me olhou

sorriu pra mim

a cor da sorte pintou

em meu jardim

se for verdade eu não sei

o que será de mim

brisa marinha

e o sol queimando a manhã

sorriso de bailarina

e a pele clara .....

Mas se o pôr do sol

em seu rosto chegar

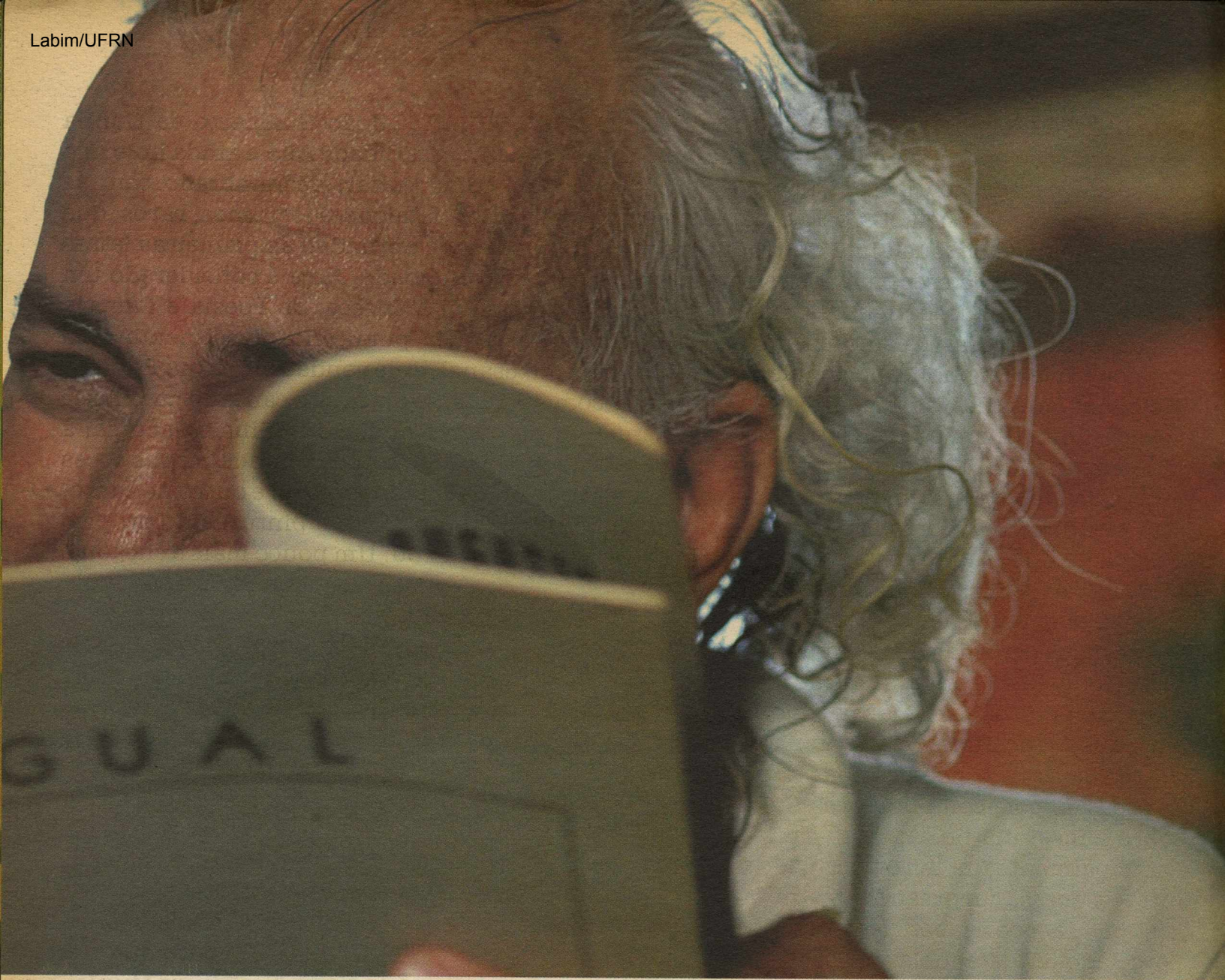
os meus olhos irão dizer

que um novo sonho

um novo dia virá

e esta flor eu vou merecer

O poeta e compositor carioca Abel Silva é autor das obras *Açougue das almas* (contos, 1974) e *Asas* (poesia, 1979). Parceiro de Moraes Moreira e Suely Costa, entre outros, compôs sucessos como *Festa do interior* e *Jura secreta*. Abel Silva escreveu o poema *Flor do Norte* inspirado numa musa natalense que assistia sua apresentação dentro do Projeto Poemúsica no Teatro Sandoval Wanderley em agosto de 2005.



**Gual**  
João **Gualberto**  
**Gualberto** Aguiar  
J. **Gual**  
Jon **Bert**  
Don **Sancho**

Entrevista a  
Carlos de Souza

Fotos  
Argemiro Lima

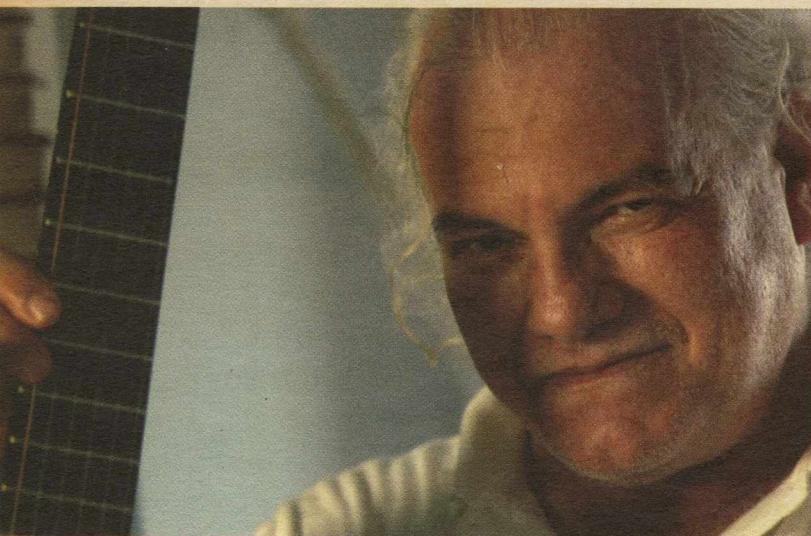
**JOÃO GUALBERTO: UMA MÁQUINA DE FAZER POEMAS.** João Gualberto da Cunha Aguiar nasceu em Natal, em 1947, na Rua Voluntários da Pátria, Cidade Alta e ainda hoje não consegue passar por lá sem ficar perdido, sem saber como voltar, deslumbrado com as lembranças da infância. O poeta João Gualberto é um desses natalenses legítimos, raros, que trazem a cidade em sua alma e a traduz em versos. Depois que aprendeu as primeiras letras não parou mais de escrever, escrever, escrever, como um alucinado. Hoje é considerado um dos maiores poetas potiguares, com dois prêmios: Othoniel Meneses, de Poesia e Câmara Cascudo, de Prosa. Mesmo assim não tem um livro sequer publicado oficialmente. Seu primeiro livro foi publicado por ele mesmo, de forma artesanal, e ele vendeu todos, na Praia do Meio, nos bares de Natal, nas ruas. Atualmente, com 59 anos, se diz muito cansado para fazer isso de novo. Ele me recebeu em seu apartamento, no quarto andar do Edifício Jacumã, à margem da BR 101. O que me chamou logo a atenção foi a geladeira, toda pintada com as cores mais psicodélicas imagináveis, mais adiante um violão todo pintado também e outro no canto, sem pintura, todo preto. Na sala, livros e mais livros por todo canto e pinturas do próprio poeta aqui e acolá. Ele gosta de pintar para se distrair, me explicou. Um pouco mais e chegou o fotógrafo Argemiro Lima, Gualberto fez aquela festa, velhos amigos de farras. Eu fui com uma caderneta em que anotei mais de 20 perguntas para o poeta, mas quando ele começou a falar, vi que meu esquema não ia dar certo. A entrevista virou uma conversa louca, caótica entre nós três. No meio da conversa ele se levantou e foi mostrar sua produção poética. Além de vários livros impressos, ele guarda tudo na memória de seu computador (uns 50 livros, segundo ele), que foi presente de uns amigos que durante uma festa fizeram uma cota e o levaram no outro dia para o poeta. Ainda existe gente boa em Natal. Eu o preveni para fazer cópias impressas, pois computadores são traiçoeiros, mas ele me mostrou a impressora quebrada sobre a mesinha no canto da sala. Revirando seus originais, deu para ver muita coisa boa. Principalmente um livro intitulado Cacolagem - conversa de Causo e Cousa. E muitos poemas interessantes, surpreendentes no meio de alguma porralouquice que só interessa aos que gostam de poesia concreta. Fiquei impressionado que nenhum editor natalense tenha percebido ainda aquela riqueza. Gualberto vive com dificuldade num apartamento que sua mãe lhe deu e paga o condomínio. Ele é funcionário da FENAT, um órgão da Prefeitura Municipal de Natal, e ganha dois salários mínimos (diz que já chegou a ganhar mais de 10 salários mínimos). A última vez que foi ao médico descobriu que sofrera uma isquemia transitória, um acidente cerebral que pode voltar sem aviso. Estava sem dinheiro, aguardando o pagamento que sairia três dias depois, para poder sair de casa. João Gualberto é o mais legítimo poeta que essa terra já pariu nos últimos tempos. É assim que deveríamos tratar nossos artistas? Não acho. Quem quiser ajudar João Gualberto e editar seus livros, por favor ligue para 3234 4043. Ele não me autorizou a dar o seu número, mas eu quero dar. Agora, acompanhe nossa conversa a seguir e tire suas próprias conclusões.



Carlos de Souza entrevista o jornalista e poeta João Gualberto Aguiar

### E aí, Gualberto, como foi que tudo começou?

Eu comecei muito cedo. Nem me lembro quando comecei a escrever. Eu estudava no Atheneu, onde fiz o clássico e o científico com toda aquela rapaziada, José Bezerra Marinho, Jácio Fiúza, Juliano Siqueira, Eurico Montenegro, Maurício, Luciano Almeida... Hoje está todo mundo bem, é tudo importante e eu aqui na merda. Olha, eu com 17 anos, fui fazer o concurso do Banco do Brasil e passei, naquele tempo podia, mas eu esperei um ano para assumir o cargo. Fui morar em Mossoró, trabalhar no banco, de gravata, aquela coisa toda... Aí me cansei, era chato demais. Era aquela chateação, o gerente no meu pé do ouvido, reinreinren... Não agüentei, não, cara. Mandei eles decidirem, ou me aposentavam ou me demitiam. Eles me demitiram. Meu pai chegou para mim e disse, mas rapaz, perder um emprego do Banco do Brasil? É, naquele tempo, ser do Banco do Brasil, era... HUUUUUUUUUU! Era coisa demais!



### Aí você fez o quê?

Voltei pra Natal. E fui morar com minha avó e minhas tias. Meu pai não me quis mais em casa. Meu pai era um homem inteligente, bem relacionado, e todo dia eu ia com ele e ficava observando ele conversar com os amigos e Luiz Maria Alves era um deles. Eu decidi que ia pedir um emprego a Luiz Maria Alves, mas eu descia aquela ladeira todo dia, vruuummm... e não tinha coragem de pedir emprego, descia para a Ribeira e ia tomar umas biritas com os amigos. Mas um dia eu fui no *Correio do Povo*, que ficava ali na Praça Padre João Maria e falei com Serkis Farkatt, você sabe, né? Era casado com Gilka Farkatt. Ele era quem mandava em tudo ali, era o manda-chuva. Aí ele me arranjou uma vaga na página de polícia. Homem, aquilo era um horror. Todo dia eu fazia a ronda, passava naquela delegacia que tinha na Praia do Meio, lembra? E aquela outra em Areia Preta. Horrível. Um dia eu fui cobrir um crime que aconteceu ali na Praça Augusto Severo, na Ribeira, sabe? Vixe, foi horrível!!! Vi logo que aquilo não era pra mim. Eu falei com Serkis e ele me mandou para a editoria de políti-

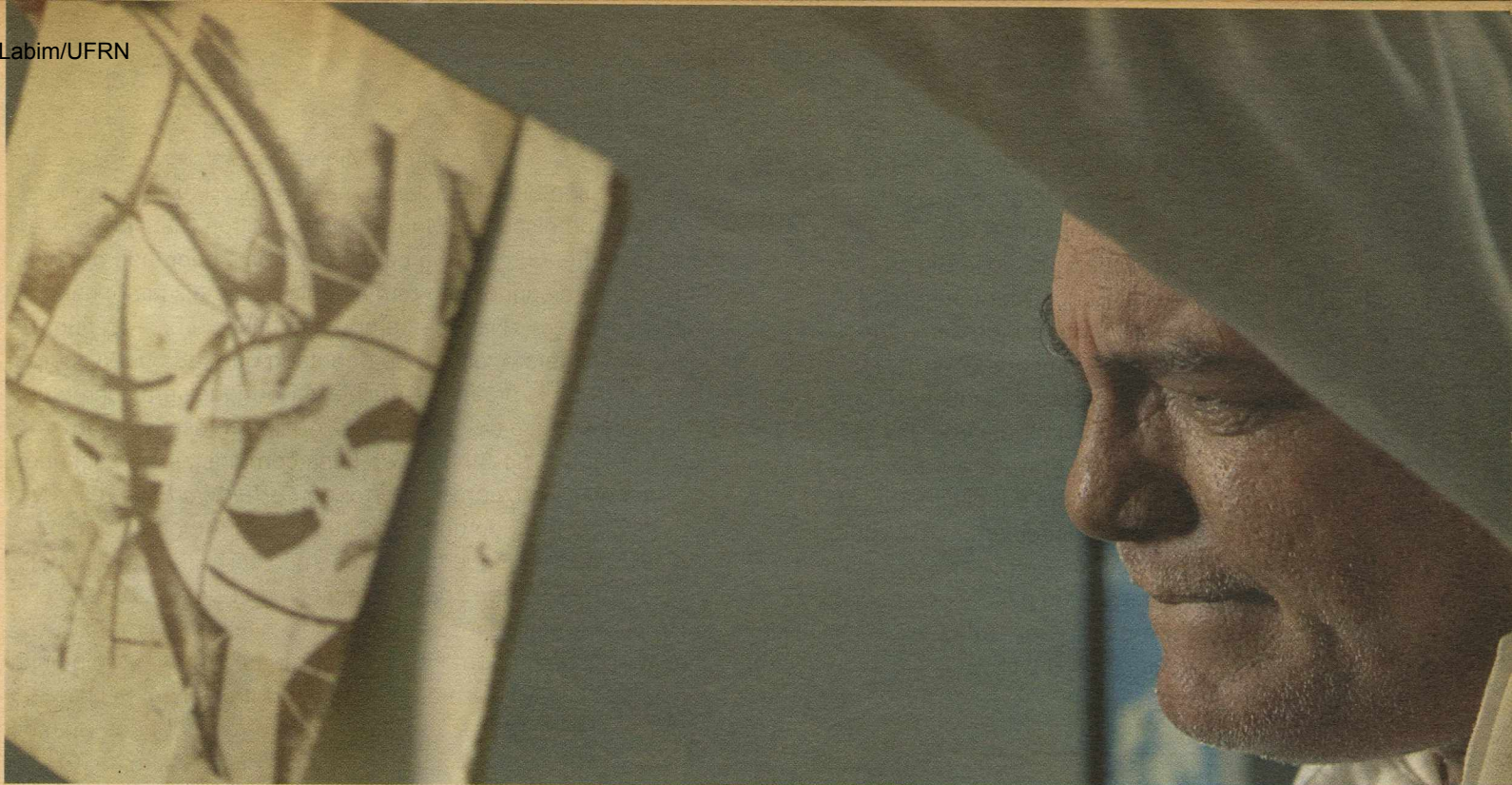
ca. O jornalismo começou aí. Minha aula de jornalismo começou na Assembléia Legislativa, na Jundiá. Eu via os deputados fazendo discurso, Moacir Duarte, Milton Marinho, que era o presidente. Eu chegava para ele e dizia: "deputado me diga uma coisa, o senhor não tem a cópia desse discurso, não?". Ele disse: "tem". Naquele tempo não tinha xerox, não tinha nada, mas tiraram, olhe todo deputado que fazia um discurso, dava uma cópia pra mim. Adalberto Rodrigues era secretário, não tinha a greve de estudantes? Adalberto escreveu um negócio aí que no Atheneu só tinha comunistas, não sei quê, não sei quê... Eu, como repórter do *Correio do Povo*, escrevi um negócio dizendo que era estudante do Atheneu, que o *Correio do Povo* é que era "reaça", não sei quê, não sei quê... Entrei em atrito logo com a direção lá do *Correio do Povo* e fui pra *Tribuna*. Pra você ver como era as coisas, em 68, naquela época era um negócio assim, né? Antonio Melo tinha saído do *Diário* pra ir pra São Paulo e Rubens Lemos ia sempre à tarde lá na Ribeira se encontrar com Luís Carlos Guimarães e coisa... E Luís Carlos Guimarães disse assim, rapaz chegou aquele galalau, desengonçado, na redação. Era eu, ele disse que eu fiz um texto, ele olhou e disse vixe Maria! Só faltou o título! E não precisava fazer nada. Ele disse que foi amor à primeira vista. Então Ruben Lemos disse a Luís Carlos que precisava de um repórter para ir pro *Diário*. Aí eu saí do *Correio do Povo* e fui pra *Tribuna* e em um mês eu fui chamado para o *Diário*, pra ser repórter no lugar de Antonio Melo.

### Você virou repórter político?

Virei. Passei direto da página de polícia para a de política. Aí tinha uma figura, o professor Leonardo Bezerra, que era do *Diário de Natal*, que tinha uma consideração por mim, aquele negócio todo... Isso eu terminando o Atheneu, isso era em 67, e já trabalhando no jornal. Em 68 eu fiz vestibular, aí o pessoal, aquele negócio, o pessoal foi todo mundo pra Direito, fazer Direito. Aí cheguei lá, olhei aquele programa e disse, rapaz eu não dou pra Direito, eu não dou pra Direito!!! Eu vou fazer jornalismo mesmo. Aí voltei para a Fundação José Augusto e o pessoal todinho voltou para a Fundação José Augusto, porque se inscreveram em Direito e foram se inscrever em Sociologia, e eu fui também pra me inscrever em Jornalismo. Quando cheguei lá eu vi a programação de Sociologia e Política, aquela coisa, e só o que eu lia era Sociologia e Política. Jornalismo mesmo, nem me liguei na Faculdade, quando eu cheguei que vi a programação Sociologia, fiz Sociologia e passei na primeira, pá, pum! Passei em sexto lugar.

### Resolveu ser sociólogo?

É, fiz a Faculdade e conheci uma menina lá na Faculdade e pá, não sei quê, e terminei transando com ela, que ficou grávida, hoje eu fico pensando que ela deu o golpe da barriga. Bom, eu tranquei a matrícula para trabalhar em jornal. Aí o pessoal dizia, rapaz o negócio é o seguinte: é que todo mundo está ali para começar uma profissão e eu já tinha largado uma profissão, já



tinha largado o Banco do Brasil, cara. Não é não? Já era uma coisa diferente, realmente, por isso que é uma coisa mesmo diferente, não é? Eu saía do *Diário*, olhe, eu saía do *Diário*, e ia para o bar de Nazi com Berilo Wanderley, acompanhando Machadinho, Berilo, aquele negócio. De noite ia pra Faculdade e ao invés de ir para a aula, ficava parado numa cantina que tinha lá, que tinha umas caipirinhas. Mas não me esqueço, Veríssimo de Melo, Ivan Maciel de Andrade, Artur Marinho, menino era cada professor! Tranquei a matrícula, casei e sempre trabalhando. Pra você ver como são as coisas, eu casei no dia em que o homem chegou à lua, no dia 20 de julho 1969. Não tinha televisão, não tinha nada, eu me lembro demais, de noite, na lua de mel, era ouvindo os homens chegando na lua.

### **Então foi por isso que você fez logo um menino? Não tinha televisão!**

Nada, o menino eu já tinha feito. Mas o problema não era esse, rapaz? O problema era esse. Eu casei por isso. Ela não queria casar e eu que inventei de casar. Então fiquei no *Diário*, eu fui morar atrás do *Diário de Natal*. O pessoal, de madrugada, ia lá em casa, porque era perto dali, na Princesa Isabel, o pessoal da oficina ia me chamar para ver um negócio. Eu ia lá e dizia: não, é assim, assim, assim. E voltava pra casa... Era um jornalista assim, e amava o jornalismo. Em 1970 fui ser repórter da Arena. Percorri o Rio Grande do Norte todinho com Cortez Pereira. Eu, Dona Aída e o deputado Ezequiel Ferreira de Souza. Era o jornal da Arena. Veja os artistas: Cassiano, que foi assessor de imprensa de Cortez; o redator era Celso da Silveira e o repórter era eu. Eu quero é dinheiro, eu dizia, menino eu rodei o Rio Grande do Norte todinho. Foi uma experiência para mim, assim, mais do que uma Faculdade. Cortez dizia, o repórter não quer subir no palanque? E eu dizia, não, vou nada. Eu ficava era nas bodeguinhas, de olho no palanque, e anotando tudo. Mentia, que era um negócio.

### **E a vida estava ficando boa, né?**

Menino, depois eu fui ser assessor do Banco de Desenvolvimento. Porque jornalista gosta de assessoria de imprensa, né? Era Cofern, Bancofern, depois BDRN. Toda sexta-feira o pessoal, era o diretor Ênio Melo, Herbert Pinheiro, Heider, Getúlio Nóbrega, o pessoal todinho, saía do banco, que era ali na Rua Açú, saía e ia ali para a palhoça. Aí Ênio Melo conversando, o pessoal dizia, não, João Gualberto não vai querer esse negó-

### **MUND/AMOR** **(Zona de Mossoró)**

(coito)

de aço

de homem

aço

(coito)

de osso

de homem

osso

(coito)

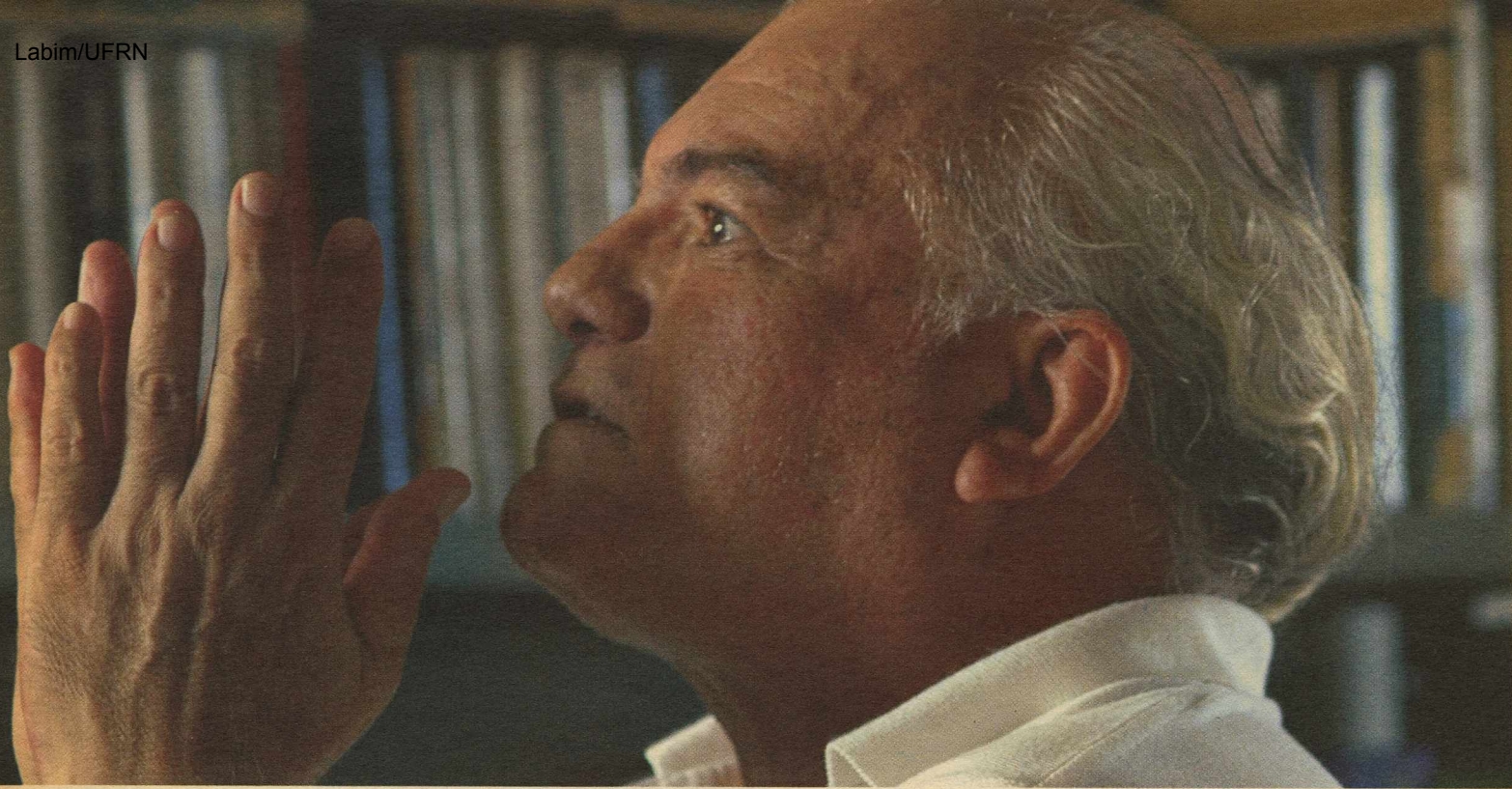
de ócio

de homem

ócio,

coito de sal

(1967)



### POEMA RUSSO

Fiz, dos meus versos  
dedicados ao rei,  
o que fizeram os poetas  
do início  
ao fim do século  
– fiz a revolução,  
a revolução do belo,  
de mão em mão.  
A poesia é minha lei,  
minha foice,  
meu martelo,  
meu vício,  
minha sorte,  
meu passaporte.

### POEMA MEXICANO

Podia ser cubano  
africano  
sul-americano  
o poema que não fiz,  
mas me satisfaz  
que seja ao país  
de Octávio Paz.

(1985)

de banco, usar gravata, ser chefe de gabinete... Menino, sabe o que é triplicar seu dinheiro? Eu ganhava bem. Comprei casa, comprei carro. Em 70 nasceu meu filho.

#### E foi legal, lá?

Homem, Dorian Jorge Freire, o imortal Dorian Jorge Freire, trabalhava na Revista Escola, da Editora Abril e me disse, tem um editor de texto que saiu e foi para o Estadão. Você não quer fazer um teste aqui na revista? Menino, também era uma coisa, era o dobro do que eu ganhava na Folha. E eu estava esperando que a mulher fosse. Eu disse, não, você fica, termina a Faculdade de Direito e no fim do ano você vem, formada já e tudo. E foi justamente o que deu. Aí esperei e tal... Passei um ano todinho lá, o menino pequeno, de dois anos e tal... Menino, ô trabalho bonito danado, aquele da Revista Escola. Era outra coisa, outra civilização. Eram aqueles cromos, lembra Argemiro? Saíam umas fotos lindas.

#### Era a felicidade total, né, João?

Eu tinha uma barba imensa, fui me olhar no espelho, queria me ver e não me via. Aí eu peguei uma gilete e raspei a barba todinha. Quando eu saí do banheiro, meu filho, que estava brincando na sala, deu um pulo e gritou, ai, um estranho!... Pois bem, na Revista Escola, eu saía para trabalhar de manhã, aí meio-dia, uma hora, passava um ônibus e pegava meu menino e levava para a escola. O nome da escola era Mônica. Porque a revista era Escola, então as professoras lá da revista arranjaram uma escola ótima para meu filho. E minha mulher ficava reclamando por que não tinha nada para fazer. Aí eu dizia, arrume um emprego! Você não é formada? Mas aí, eu comecei a achar que estava fazendo as mesmas coisas que eu fazia no Banco do Brasil. Eu disse, quer saber de uma coisa? Vamos embora para o Rio. Fiz uma mudança, no fim de semana, de São Paulo para o Rio, aluguei um apartamento. Negócio de doido.

#### Mas, por que você fez essa merda?

Homem, eu estava doido pra trabalhar no O Jornal, lembra? Era Tarso de Castro, Luis Carlos Maciel, Tárík de Souza. sabe? Eu entrei em contato com esse pessoal, eu era da Abril, né? Menino, passei dois, três meses para fazer essa negociação, quando eu cheguei lá, o pessoal me disse, rapaz, está todo mundo sem receber dinheiro e vai

fechar. E fechou mesmo. O Jornal era uma coisa bem experimental. Aí eu disse, rapaz, e agora? Se não fosse o Credicard, eu tinha o Credicard. Eu fiquei nessa situação, vamos dizer assim, em agosto, setembro, outubro, uma coisa assim, em 73. Quando eu estava fazendo a Máquina de lavar poemas, e mandei para Natal. Eu entrei numa teoria, comecei a pegar meus poemas e fazer em blocos de concreto. Sabe como é, uma idéia que eu tive, comecei a viajar em blocos de concreto. Olha esse aqui (mostra uma página de seu livro). Isso na máquina de escrever, né meu amigo? Já eu fui fazer no computador e já não fiz (Argemiro, diz, interessante, no computador não deu pra fazer). Lancei assim e vendi assim. Em 73 eu ganhei o prêmio. Já faz mais de 30 anos.

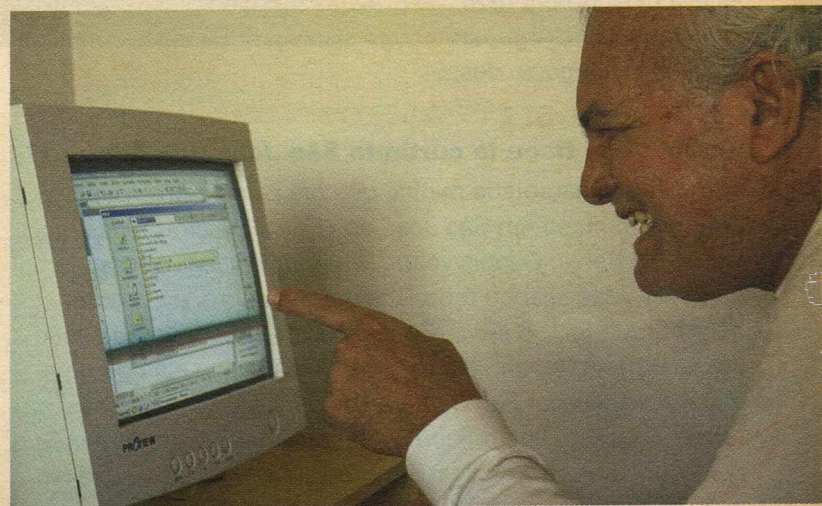
### **E depois que você ficou sem emprego, lá no Rio?**

Até o fim do ano eu fiquei sem nada. Nei Leandro de Castro arrumava uns bicos pra mim na agência, né? Uns negócios de publicidade, uns textos, um negócio assim. Aí chegou o fim do ano e nada de ter um negócio assim para me sustentar. Em março ia ter uma vaga pra eu fazer um estágio. Eu disse, vou esperar até março aqui no Rio de Janeiro, para pegar uma vaga? Disse, vamos pra Natal. Aí vim embora pra Natal. Até isso eu dei sorte, porque eu deixei o apartamento lá, mobiliado, e quando eu cheguei aqui em Natal, estavam os médicos, um bocado de concluintes de Medicina que precisava fazer residência no Rio e estava precisando de apartamento. Eu disse, homens, vão pra lá e eu fico com a casa de vocês. Troquei, fiquei vizinho ao Clube do Bandern, lá na Praia de Areia Preta, e eles foram para o Rio. E quando eu estava lá na praia, na brincadeira, em 74, em janeiro, por essa época, de veraneio, né? Aí chega Celso da Silveira, gritando, Gualberto, você ganhou o prêmio! Era a Máquina de lavar poemas. Aí, foi um negócio maior do mundo. Quem foi receber o prêmio, foi até minha mulher. E arranjei um emprego com Afonso Laurentino, que tinha um negócio com as prefeituras do interior e aí me mandava pra fazer as matérias com os prefeitos e eu ganhava as comissões.

### **Voltou pra Natal com gosto de gás?**

Aí Carolina me chamou para o Caderno do Rio Grande do Norte, a Tribuna me chamou de novo. Aí eu disse, quer saber de uma coisa? Eu não vou mais voltar para São Paulo nem Rio coisa nenhuma e fiquei. Mas depois começou o dia-a-dia e não dava mais para pagar o aluguel da casa na praia. Foi lá que eu conheci Chico Miséria. Toda noite ele passava e a gente caía na farra. Eu ganhei o prêmio, ele gostava de artistas, e aí pronto. Toda noite, lá na praia, porque ele era casado com uma filha de Radir Pereira e tinha uma casa na praia... Toda noite a gente saía, mas não era negócio de mulher, não. Era só pra tirar onda. Aí eu comecei a trabalhar no jornal à noite e, como não dava para pagar o aluguel, eu falei com mamãe e fui morar na Redinha. Aí foi quando meu casamento começou a acabar. Eu estava na Tribuna, às vezes dava seis

horas e não tinha mais barco. Não tinha hora para terminar o trabalho lá na Tribuna e, às vezes, eu perdia o transporte. Eu ficava em Natal. Como é que ia pra Redinha, se não tinha transporte? E a mulher lá esperando. Mas Chico Miséria passava e dizia, vamos que eu lhe levo e eu passava a noite por aqui rodando e lá pelas tantas ele me levava em casa, mas a mulher não gostava dessa conversa, não. Aí, nós nos separamos e eu fiquei lá na Redinha um bocado de tempo. Ela voltou pra casa do pai dela aqui em Natal. Agnelo Alves uma vez foi lá na Redinha, quando eu morava lá, me chamar para eu ser o editor da Tribuna do Norte, mas não deu certo. Aí eu comecei a pensar em voltar para São Paulo. Passei não sei quanto tempo indo pescar com os pescadores, de madrugada, sabe como é? E escrevia de madrugada. Eu escutava aquele rádio de ondas curtas e escrevia muita coisa. Quando em 77, eu inventei de ir para São Paulo de novo, fui parar em São José dos Campos. Dailor Varela tinha me escrito, eu che-



guei fui lá visitar Dailor e aí passei um ano em São José dos Campos trabalhando no jornal Agora.

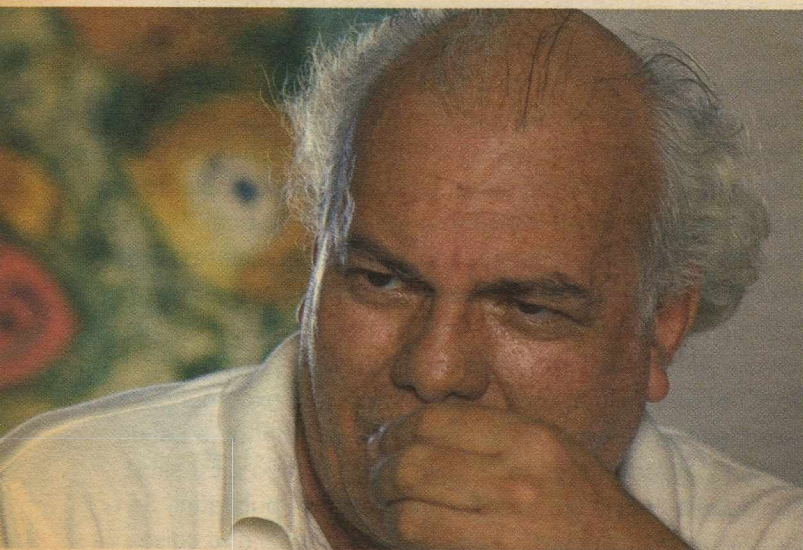
### **Foi legal lá?**

Eu limpava aqueles telegramas da Associated Press. Eu vou explicar como foi isso. O jornal recebia malotes, não tinha teletipo. Aí eu disse a Dailor, mas rapaz como é que você aqui, vizinho a São Paulo, não tem teletipo. Porque lá em Natal eu já implantei teletipo na República, na Tribuna e você aqui sem teletipo. Aí ele disse, se você ficar eu implanto. Eu disse, em um mês eu implanto o teletipo. Eu fiquei. Mas enquanto isso, eu ficava recebendo ainda os malotes. E o teletipo era o seguinte, tinha uns códigos de censura que fazia tititi e a gente sabia que não era para publicar aquela notícia. Aí eu recebi um malote que dizia, "os bispos dos Estados Unidos aboliram uma lei centenária que excomungava os divorciados". Ora aqui no Brasil se estava votando a Lei do Divórcio, Nelson Carneiro, aquele negócio todo... Eu sabia que aquela notícia era boa. Eu peguei, pum, publiquei. Só o jornal Agora publicou essa notícia. Mas, rapaz, que coisa

para você ver o que é o jornalismo. A gente ficou sabendo porque no dia da votação um jornalista disse, "o jornal católico de São José dos Campos publicou essa notícia..." Ninguém publicou, nem Jornal do Brasil, nem O Globo, nem o Estadão, ninguém. Depois que eu entendi. O teletipo fazia aquele tititi, saía aquela notícia ali e o cara não publica. Mas eu recebia no malote, eu publiquei. Não tinha código nenhum. Um camarada botou num editorial dizendo, "o jornal Agora entrou para os anais da história do Senado, tatatatata, o repórter João Gualberto de chinelos..." O cara chegou às 10 horas da manhã para conferir esse negócio, aí o diretor me disse "você publicou isso" e eu disse, publiquei. Aí fomos para o arquivo, mas eu sabia que tinha publicado, aí encontrei. Rapaz esse camarada ficou alegre, escreveu um editorial de uma página inteira dizendo que o divórcio tinha sido aprovado por causa dessa notícia. E botou a culpa pra cima de mim, eu digo, é danado mesmo! Outro dia eu estava numa missa com vovó aqui em Candelária, quando eu olhei o padre estava olhando pra mim me fuzilando (ninguém segura mais as gargalhadas, Argemiro chega a soluçar). Eu digo, é muito danado um negócio desse!

### **Então, você ficou lá curtindo São José dos Campos?**

Aí tinha uma namorada minha, que era psicóloga e foi pra lá. Ia fazer um curso em São José dos Campos, tirou férias, pois ela era da Bahia. Depois voltou. Eu fui até trabalhar num jornal da Bahia. Mas acabou tudo, acabou o namoro, eu não sei nem porque foi. Só sei que passei uns tempos, do São João até o carnaval. Aí, eu disse, vamos pra Natal, e ela deu uma gaitada, cacacaca! Sair de Salvador para passar o carnaval em Natal? Eu disse, então fique aí que eu vou. Eu vim, terminou o carnaval eu disse, vou ligar. Depois disse, não ligo, deixe ela ligar. Nunca liguei nem ela ligou. Deixei tudo lá, máquina, tudo. Gurgel disse que foi lá uma vez e tava tudo lá. Disse que era tanta coisa minha... Aí fui trabalhar na República. Era Talvani, era aquele movimento medonho, lá vai. Terminei tomando um porre e me internaram na Casa de Saúde Natal.



em casa e quando acordei estava na Casa de Saúde. Passei uma semana. As psicólogas riam comigo. Eu lia Lênin e elas diziam, como é que nós vamos dar remédio a um homem desses? Elas riam comigo na minha cara assim. Passei uma semana sem tomar remédio nenhum. Foi a família. Quando doutor Maurílio chegou para me levar, disse, foi a família! E as psicólogas, depois de uma semana que eu estava lá, me perguntaram, você fica desintoxicando? Quando eu saí falei com Nilson Patriota, que era o presidente do jornal A República. Talvani tinha ido para Brasília, então eu disse, estou de férias, vou pra Brasília. Fui pra Brasília. Eu era editor de texto da República. E fiquei quase um ano no Correio Braziliense. Quando eu estava lá, com uns 15 dias, me disseram, saiu um negócio que você foi demitido aqui por abandono de emprego. Eu disse, isso é uma merda! Eu já estava pensando em voltar. Aí tive de ficar lá. Quando eu fui ver meu negócio para aposentadoria estava lá, "abandono de emprego" ..

### **E depois disso. Você queria ficar mesmo em Brasília?**

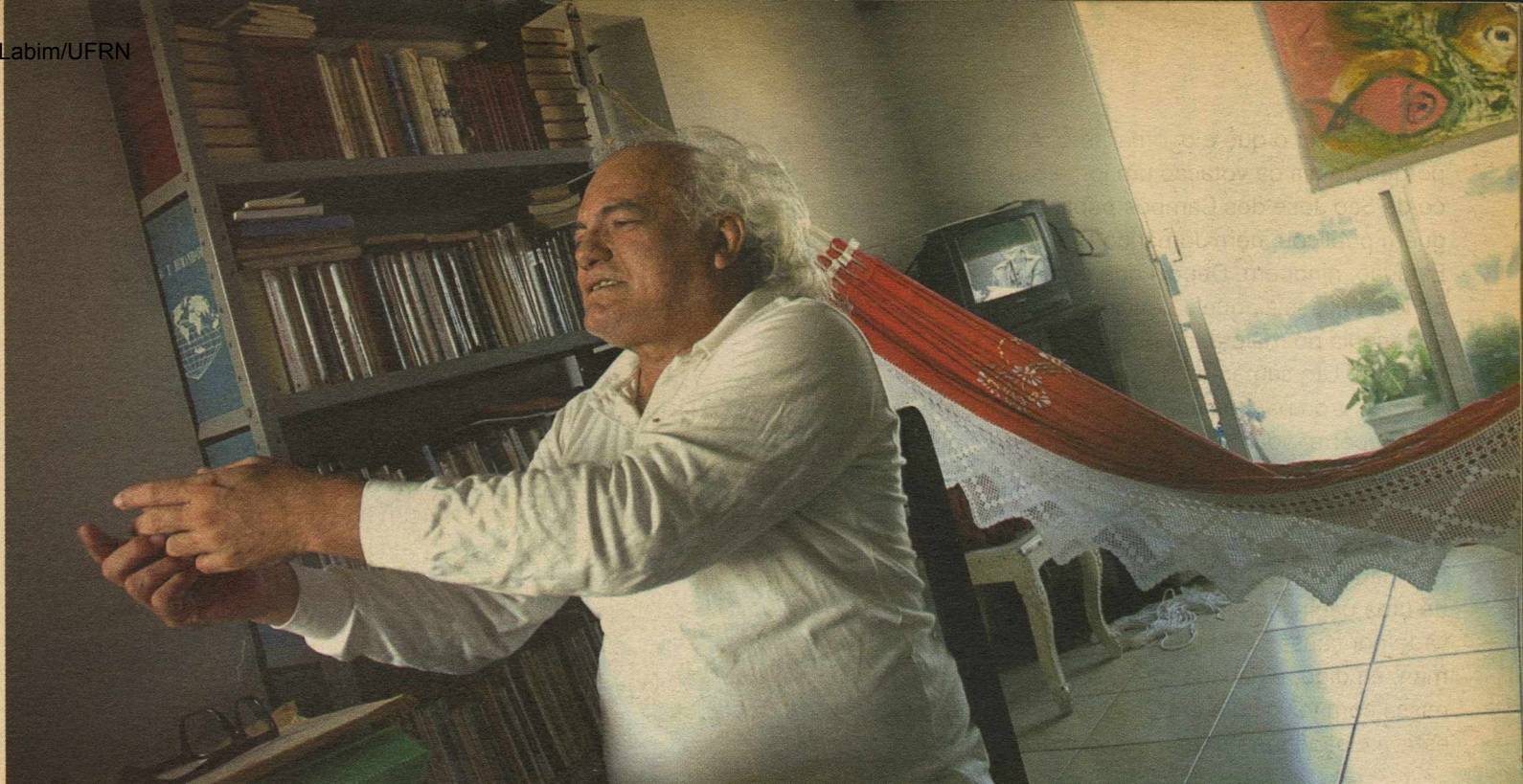
É, mas meu irmão morreu aqui. O problema foi esse, se não eu estava até lá ainda hoje. Meu irmão morreu em 79, completou no dia 21 de novembro de 79, completou 30 anos, era advogado, tinha se formado, no outro dia foi para Mossoró e morreu. Eu estava lá, recebi a notícia, olha depois dessa notícia, menino eu fiquei completamente transtornado, sabe? Não me aprumei nunca mais, tomava cada porre! Mas continuei trabalhando. Eu sei que eu vim em junho de 80, quando o Papa estava por aqui. Eu cheguei lá em casa não tinha ninguém lá em casa, na casa de mamãe e papai. Não tinha ninguém tinham ido para Fortaleza para receber o Papa. Aí eu fui lá para a Praia do Meio e fiquei esperando o Papa passar. Eu pensava que o papa ia passar por ali, acredita. Mas é um negócio...

### **E esse negócio de poesia?**

Em 82 eu não estava trabalhando em nada. Aí fui participar de um concurso da Fundação José Augusto. Eu ia mandar um livro chamado Moinho de versos. Mas quando foi na noite anterior, acordei e comecei a escrever o livro Nuvem poema que saiu de uma vez só. Escrevi nessa máquina aí que você está vendo (mostra a velha máquina, também toda pintada, num canto da parede). Eu era menino e brincava com essa máquina. Fiz o meu poema, botei o pseudônimo de Don Sancho e mandei para a Fundação José Augusto. Ganhei o prêmio e foi aquela festa, aquela alegria, eu nem esperava.

### **Continuou desempregado?**

Não, não. Um dia eu estava na loja Hombro, ali na Deodoro, a loja de Chico Miséria. Aí entrou Marcos Formiga e me perguntou o que eu estava fazendo. Eu disse que estava desempregado. Alguns dias depois eu recebi um recado para passar na Prefeitura e levar documentos para assumir um emprego na FENAT e estou lá até hoje.



### **Você voltou ao jornalismo?**

Em 90 eu estava passando na Ribeira e estava Rubens Lemos, sentado ali em frente à Tribuna, e ele disse, quer trabalhar na Tribuna? E já estava trabalhando na FENAT, era assessor de imprensa, fazia boletins, esse negócio todo. Aí não é que eu fui trabalhar na Tribuna? Foi a última vez que eu trabalhei em jornal. Era Paulo Tarcísio, Rubens Lemos... E eu fui lá para fazer sabe o quê? Página de televisão. Fiquei lá fazendo, tinha uma salinha só para mim. Estava uma belezazaa! Aí Braga inventou de me tirar daquela sala e me botar na editoria de Cidade, dentro da redação. Foi bom porque dobrou meu salário. Eu era editor de Cidade. Mas aí começou aquele tirinete! Aí daqui a pouco sai Rubens Lemos, depois Paulo Tarcísio. E eu só olhando. Aí Ricardo Alves me chamou e disse, olha, pessoal da redação está dizendo que você só chega "chutado". Eu disse, é verdade, eu só chego "alto". Todo dia eu estou lá esperando, aí eu descia e tomava umas e outras. Eu disse, se você me demitir, vai acabar com minha profissão. Ele disse, não porque você sabe, a redação é um trabalho sério, você tem que seguir as regras, e coisa e tal. Fui demitido. Aí um dia eu encontrei Braga lá em Lourival e ele me disse, João Gualberto você saiu, mas se você quiser escrever, escreva que eu publico. Eu disse, é muito bom, você demite, depois quer que eu escreva, quero não, meu amigo! Eu disse, na frente de todo mundo. Eu disse, já sei que acabou esse negócio de jornalismo para mim.

### **Como é que você fez para superar isso?**

Fui morar na Rua Sachet, ali no Jardim de Alá. Estava um dia em casa e chegou Assis Marinho com a mulher dele e os meninos e ficaram lá em casa. Depois de um certo tempo, as pessoas perguntavam, ah, é você que mora com Assis Marinho? Aí eu ficava mais tempo na casa de papai. E ele me perguntava, afinal você está morando lá ou aqui? Eu dizia, não, é porque tem um casal de amigos meus que está morando lá. Em 94 meu filho morreu. O mês de maio para mim era uma coisa bonita. Era o aniversário de mamãe. Quando foi em 94. Primeiro teve logo a morte de Ayrton Senna. Aí morreu uma irmã minha, uma semana depois morreu o meu filho lá no Rio. Em um ano eu perdi minha irmã, meu filho, vovó, papai e Chico Miséria, que era o meu amigo mais chegado. Em um ano só. Eu disse, meu deus do céu! (Argemiro diz, a morte de

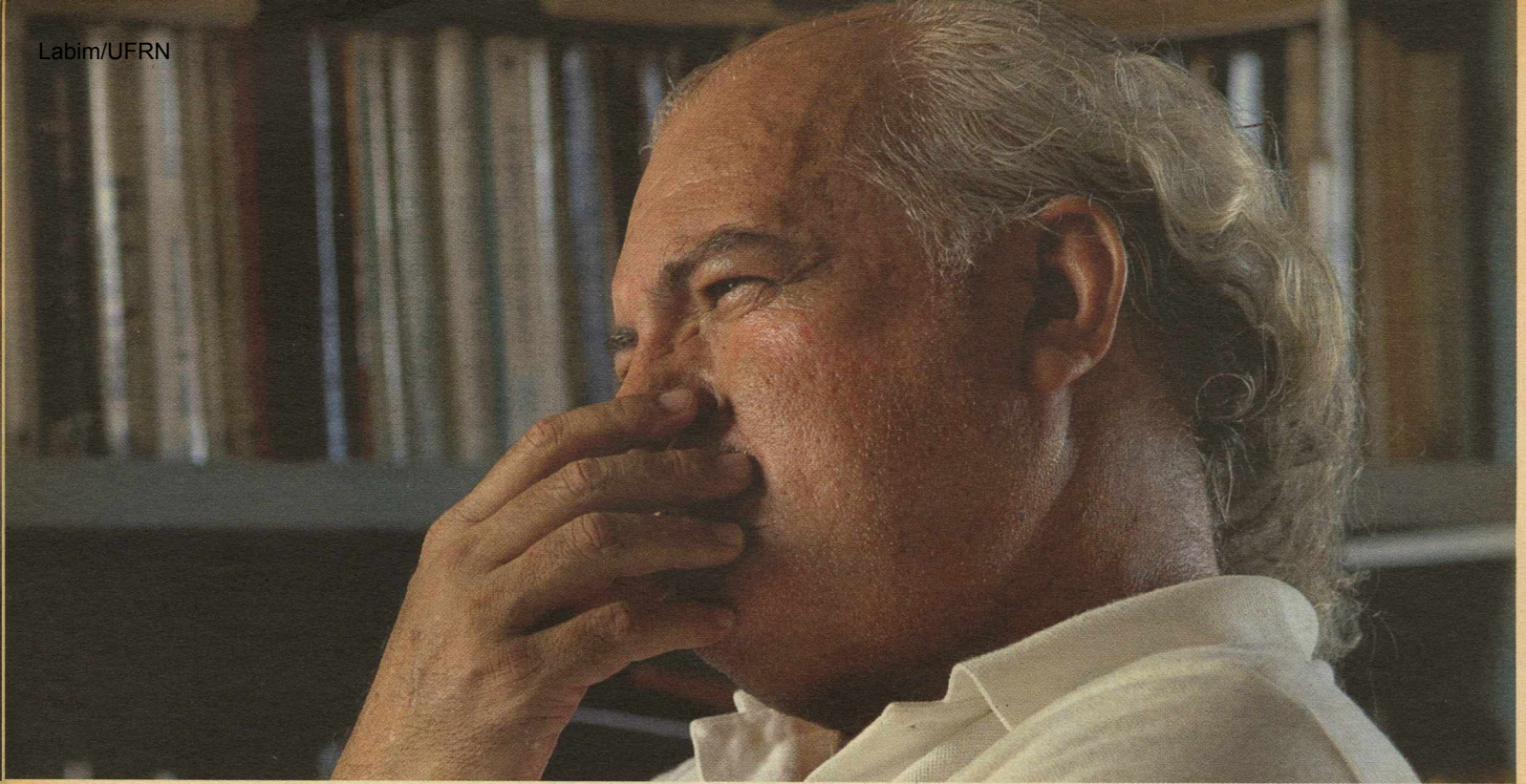
### **POEMA ITALIANO**

Ungaretti.  
Li-o,  
Dio mio,  
em originais  
do suplemento literário  
do Estado de S. Paulo,  
atenta década de 60.  
Esqueci-o.  
Conheci Alleghieri  
na divina comédia  
da cantina "Lettieri".

### **POEMA AMERICANO**

Eles me imitam,  
mas não sou Whitman.  
Apenas acendi a luz,  
feérica, da poesia.  
E bradei América,  
América, América,  
com o lavor da alegria  
e a força hipotética  
dos meus versos de amor.

(1985)



## AGORA QUE É JUNHO, MINHA AMIGA

Agora que é junho, minha amiga  
e o inverno convida a colheita  
do milharal maduro, e o feijão verde  
faz pirâmides de molhos nas feiras,  
vamos sonhar uma adivinhação  
vamos dançar forró, soltar balão  
trocar prendas, debulhar o milho  
- São João disse, São Pedro confirmou  
Vamos, amiga, vamos casar na fogueira

Agora que é junho, minha amiga  
meu coração faz bandeirinhas  
com os fogos de nossa infância  
chumbinho estrelinha mijão  
- Vá soltar traque lá fora, menino  
- Cuidado com esse mijão, menino  
- Olhe os fios de eletricidade  
meu coração vulcão, alma sanfona  
agora que é junho, minha amiga

(junho 92)

sua irmã eu me lembro, foi lá na praia, estava chovendo e o carro bateu num poste). E meu filho foi lá no Rio, diz que era de madrugada, um negócio assim, e passou um carro e... Saiu no *Jornal do Brasil*, "o músico João Gualberto morreu baleado..." Eu guardei o recorte dessa notícia e escrevi um negócio para mandar explicando que foi um engano porque trocaram o nome dele pelo meu, mas nunca mandei.

### Ficou difícil fazer qualquer coisa, né, João?

É, mas em 98, eu estava no veraneio lá na Redinha e um sobrinho meu que trabalha em negócio de banda, disse, pô, cara você precisa ter um computador. E fez lá uma vaquinha e compraram um computador e depois do carnaval trouxeram o computador para cá. Ora, eu só trabalhava com manuscritos. Mas era realmente uma loucura. Eu disse, mas rapaz como é interessante isso. Graças a Deus, como foi que esse computador entrou na minha vida. Eu comecei primeiro a digitar como eu sabia datilografar, aí eu fiquei logo besta quando eu vi que podia deixar os trabalhos na memória. Menino, quando eu consegui organizar tudo, ah foi uma maravilha. Sonetos, puf, trovas, puf, não sei quê, puf. Aí está tudinho. Eu escrevi no centenário de Câmara Cascudo, tinha um concurso aqui, aí eu escrevi *O romanceiro de Seu Humano e Dona Adrenalina* (lê em voz alta versos de seu livro).

### Como é que você cria seus textos?

Eu já sonhei e quando acordei gritei, oh, que poema bonito, aí eu fui acordando, fui me levantando e pegando um papel e lápis e fique parado, com o papel e lápis na mão e disse, "meu Deus, você quer escrever o poema do sonho, meu amigo?" E não lembrava de uma palavra sequer. Eu me lembrava que era o poema mais lindo do mundo, no sonho e que querendo escrever e não podia. Eu estou pior do que um burocrata. Todo dia eu acordo,

tomo banho, vejo uns programas na televisão, Língua Portuguesa e um em francês, e ligo o computador. Todo ano eu faço um trabalho para inscrever nos concursos literários. Todo ano eu mando. Eu até desenhei uns grafites que eu queria inscrever no prêmio de poesia, mas ninguém vai entender. Mas eu fico dizendo, rapaz, eu preciso fazer alguma coisa com isso. Eu escrevo feito doido. Termina os caras dizendo, é um doido, é um maluco. Por quê? Você escreve e não publica. E uma coisa que ninguém vê é um poeta trabalhando. Se você não publica, quem é que sabe que você trabalha? Pensa que você não faz nada. Escritores, de um modo geral, né? Muitas pessoas me encontram na cidade e dizem, poxa rapaz, você deixou de escrever. Porque quando eu era jornalista eles viam minhas reportagens e sabiam que eu sempre estava escrevendo alguma coisa. Há 30 anos eu publiquei *A máquina de lavar poemas*, porque eu mesmo rodei e eu mesmo vendi. Porque não existe um mercado editorial, é isso que eu digo. O bom seria, você é escritor, publica, vende seus livros e pode viver disso. É industrial, é aquele negócio, tem que ter uma indústria editorial. Você escreve, tem que ter uma indústria que pega aquele negócio e edita e você pode ser um profissional. Mas se não tem isso? Primeiro eu fazia esse negócio e ia vender. E agora, com a idade? Eu não tenho mais coragem. Pois é, eu podia todo dia sair e, pá, vender meus livros. Mas não tenho mais esse pique. Só gosto de escrever. Eu não sei porque escrevo. Eu não pego o papel e digo, vou escrever isso. Não tenho isso. Mas estou sempre escrevendo. Eu não sou conectado na internet, então é só a solidão do manuscrito para a solidão do computador. Fica tudo lá guardado, e não vai para canto nenhum. Eu digo, grande coisa é essa. Ô coisa sem futuro! Pois esse negócio não está bom pra mim, não, eu fico pensando.

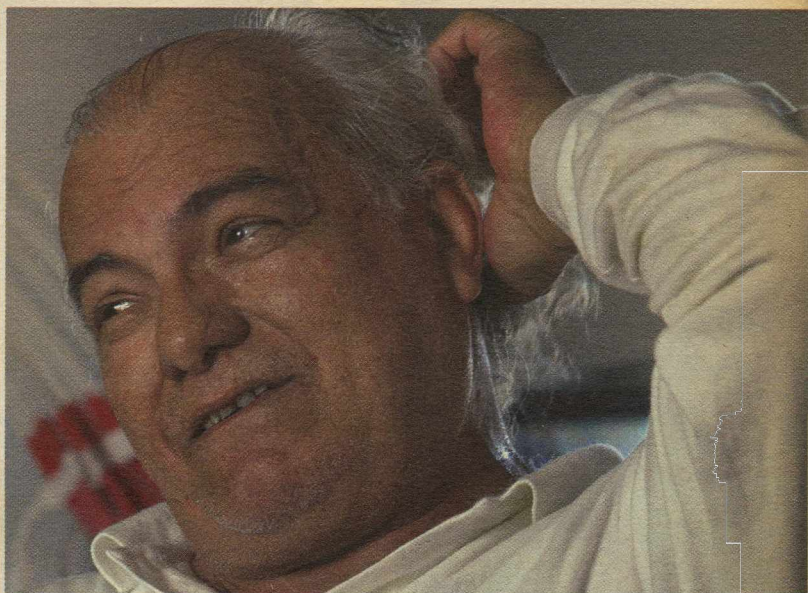
### E suas leituras?

Eu já li muito. Mas o que deu embasamento foi meu trabalho. Meu pai era secretário do jornal *A Ordem* e me levava para ser auxiliar de revisor de Paulo Firmino. Eu passava a tarde lendo. O livro *Eu conheci Moisés Sesyom*, eu lia o original e Paulo Firmino lia as provas e esse jornal ficou na gaveta por não sei quanto tempo e todo dia eu lia esse negócio. Eu gostava de ler e gosto de ler. Lá em casa tinha uma estante e lá embaixo tinha um livrinho que era *O manifesto comunista*. Eu conheci este livro nesse negócio, mexendo lá eu descobri que debaixo da estante tinha uns livretos interessantes. E uma coisa que eu me lembro da infância, sabe o que é? Era eu deitado, na radiola grande, escutando Luiz Gonzaga e lendo *Vaqueiros e cantadores*, de Câmara Cascudo. Outra coisa, o piso lá de casa e de todas as outras casas da vizinhança era igual ao da igreja. E as calçadas também pareciam ter o mesmo mosaico naquela época.

### E Natal?

Eu nasci em Natal. Quando eu saio de Natal dá um banzo.

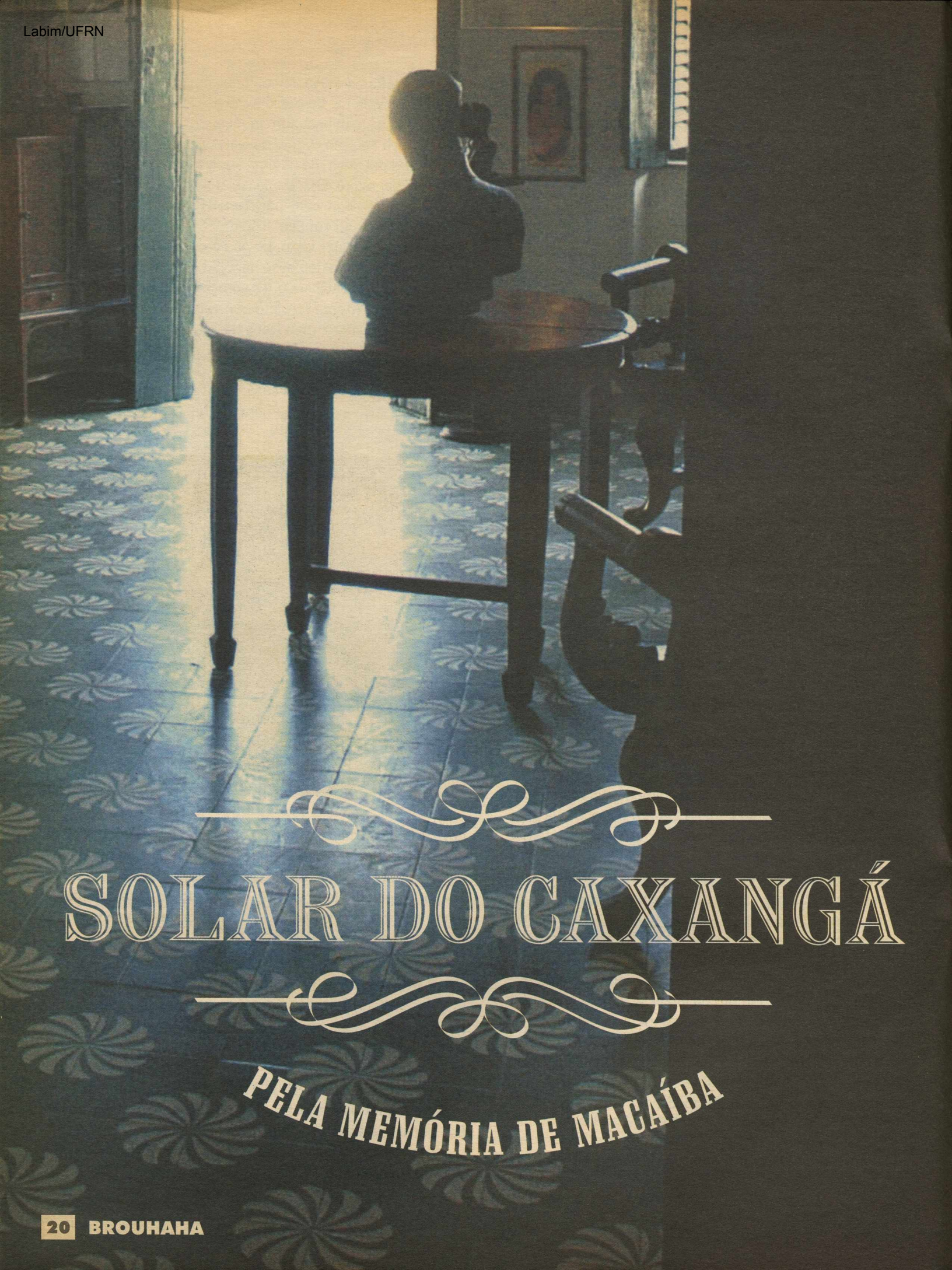
Quando eu fui para São Paulo, meus amigos diziam que eu nunca mais voltaria. Eu bebia e me dava um banzo, uma vontade de voltar, já pensou um negócio desses? Eu não posso dizer que eu não me libertei de Natal. Eu não posso morar longe de Natal, pois me dá uma agonia danada. O pessoal diz que eu viajei muito. Ora, eu passei dois anos em Mossoró e todo fim de semana vinha para Natal. Passei dois anos em São Paulo. Um ano em São José dos Campos. E menos de um ano em Brasília. Pronto. Eu não passei muito tempo fora de Natal. Nunca me deu esse negócio de sair para não mais voltar. O que me dava era um alvoroço qualquer, mas sempre voltava para cá. Agora eu sinto que estou no limiar de alguma coisa, sabe? Eu digo, meu Deus do céu, será a loucura total ou a morte, alguma coisa? Aí eu digo, talvez seja a velhice que está chegando. Eu estou com 59 anos, cara. Eu não gosto mais nem de sair de casa. Eu não dirijo mais o carro de mamãe. Venceu a minha carteira e achei melhor não tirar uma



nova. É melhor mamãe com 80 anos dirigir que dirige melhor do que eu. Toda vez que eu penso em sair, eu olho para fora e digo, puxa, tenho que andar para pegar o túnel ali para depois chegar na parada de ônibus do outro lado da pista ou então tenho que ir lá no Via Direta... Eu acho longe, fico cansado. E não vou. É difícil sair de casa.

### Você prefere ficar fazendo poesia em casa?

Eu estava vendo a lua da varanda e olhei pro céu e disse, quem ama para dar provas, três coisas tem que cumprir, tocar violão, fazer trovas e havendo luar, não dormir. Eu fiquei pensando, de quem é isso? E até hoje eu não sei de quem é isso, se é meu ou de alguém. Eu já perguntei a um bocado de gente. Perguntei a Tio Reinaldo, e ele disse, não, deve ser seu. Eu fico pensando assim, eu preciso ganhar dinheiro. Sair pelo meio do mundo como aqueles poetas antigos, tocando violão e declamando meus versos.



SOLAR DO CAXANGÁ

PELA MEMÓRIA DE MACAÍBA

Texto  
Ugo Leite

Fotos  
Argemiro Lima



O Instituto Pró-Memória de Macaíba preserva o Solar do Caxangá, erguido no município por volta de 1850

Da Igreja Matriz de Macaíba, a menos de um quilômetro, fica o Solar do Caxangá, na Rua Visconde do Rio Branco, sem número, nem do lado direito nem do lado esquerdo, exatamente em frente, no final de uma rua sem saída. A casa, que já foi uma casa-grande, hoje não tem mais senzala, mas preserva sua arquitetura original, estilo colonial português, datada de 1850. Em sua restauração, apenas o telhado, com cumeeira de aproximadamente sete metros, foi trocado. Pisos, portas, portões e janelões, todos originais, inclusive um portão lateral, de ferro trabalhado, com registro de 1857. O casarão foi o segundo construído de Macaíba e ficava em um terreno que ocupava dois terços do atual centro da cidade. Hoje, os velhos tijolos abrigam o

patrimônio do Instituto Pró-Memória de Macaíba (IPMM), que tem em seu acervo fotografias (aproximadamente 300), quadros, livros, bustos, esculturas, móveis e utensílios, muitos dos quais se arrastaram ao longo do século XX. E as portas do velho casarão estão abertas ao público, para uma visita à história de Macaíba e do Rio Grande do Norte.

Tudo começou quando o professor de arquitetura da UFRN, Ubirajara Galvão, um dos responsáveis pela reforma da Antiga Catedral, tomou conhecimento de que o casarão estava à venda, chegou a visitar o local e ficou impressionado com a resistência ao tempo daquela arquitetura colonial. Uma facção da igreja evangélica tinha o interesse de adquirir o imóvel. Mas o pastor da igreja, decla-

radamente, disse que não o preservaria. Os donos da casa disseram que dariam prioridade a quem tivesse o interesse de preservá-la. O poder público não se manifestou. Foi quando o professor Ubirajara achou que filhos de Macaíba deveriam se reunir com tal propósito. Por coincidência, uma das alunas do professor Ubirajara, Ingrid Maciel, era filha do, hoje, presidente do IPPM, Olympio Maciel, um dos responsáveis pela aquisição do casarão.

Logo na entrada do Instituto, no primeiro cômodo da casa, um busto de um dos filhos ilustres de Macaíba, Augusto Severo, o mesmo que dá nome ao Aeroporto Internacional de Parnamirim. Inclusive, o IPMM foi inaugurado no aniversário de centenário do aviador macaibense, 12 de maio



Olympio Maciel, presidente do IPPM, um dos responsáveis pela aquisição do casarão

de 2002. Nesse mesmo cômodo, a fotografia de quem desenhou e mandou construir o casarão, Coronel José Estevão Barbosa de Moura, o mesmo que dá nome à famosa Avenida do Alecrim. O Coronel Estevão também doou um terreno para a construção da capela São José, de 1876, que foi a primeira de Macaíba. Mas sob a condição de que o padroeiro da Capela fosse S. José, pois o Coronel tinha José em seu nome. Esse terreno foi doado a partir de pedidos da comunidade, que tinha que rumar até São Gonçalo para poder assistir a uma missa. A Capela S. José ainda existe, há poucos metros do Solar do Caxangá.

O primeiro casarão de Macaíba foi o do Engenho do Ferreiro Torto, que foi o segundo engenho a se instalar na então Capitania do Rio Grande. Ferreiro Torto foi palco de muitas lutas no período do domínio holandês, que deixou o lugar em ruínas. O Coronel Estevão também foi responsável pela reconstrução do Solar do

Ferreiro Torto, em 1847.

Passando para a sala ao lado, antiga sala de recepção e de música da casa-grande, onde aconteciam os bailes, dentre outras tantas fotos, a de Alberto Maranhão, outro ilustre macaibense, que governou o Rio Grande do Norte na República Velha, entre 1900 e 1904, ano em que inaugurou o Teatro Carlos Gomes, que hoje carrega seu nome. Alberto Maranhão voltou ao governo do Estado em 1908, em cuja gestão reconstruiu o teatro, que foi entregue ao público em 1912, com as feições atuais. Alberto Maranhão e Augusto Severo eram irmãos, filhos de Amaro Barreto. Outros filhos famosos de Macaíba são os poetas e irmãos Henrique Castriciano e Auta de Sousa.

Na mesma sala em que se encontra a foto de Alberto Maranhão, há uma foto de Getúlio Vargas ao lado de sua última carta, cujo desfecho diz "Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo

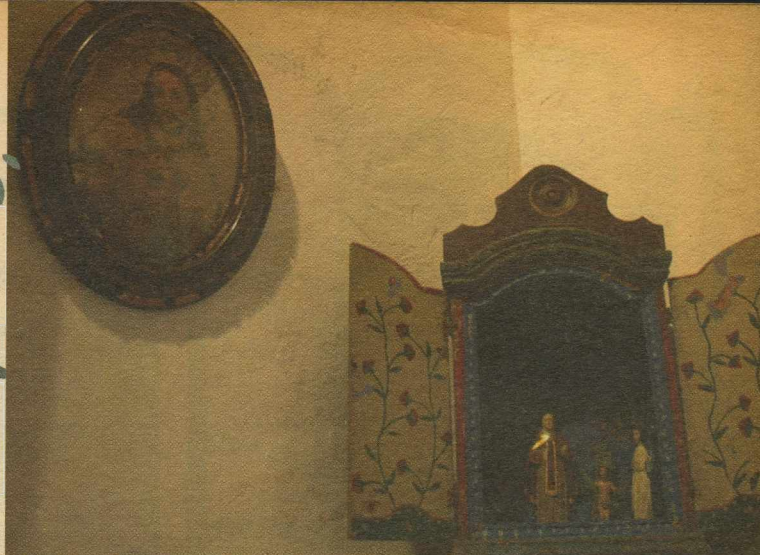
no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História". Getúlio Vargas não é um filho de Macaíba, mas chegou a visitar o município e o velho casarão, em 1933, três anos após a sua chegada ao poder. Vargas suicidou-se 21 anos após essa visita. Outro presidente que passou por Macaíba, em 1926, foi o antecessor de Getúlio, Washington Luís.

Na época em que esses presidentes se hospedaram no Solar do Caxangá, Macaíba era um importante entreposto comercial. Eram tempos de precariedade no setor de transportes. A ligação entre interior e capital, e capital e exterior, era difícil. Segundo Marcus César Cavalcanti de Moraes, em seu livro Terras Potiguares, "Os navios de grande calado não entravam no porto de Natal, devido a problemas na chamada Boca da Barra, gerando, assim, a necessidade de outras articulações para o escoamento da produção algodoeira negociada com a Inglaterra". Essas dificuldades se estendiam ao trans-

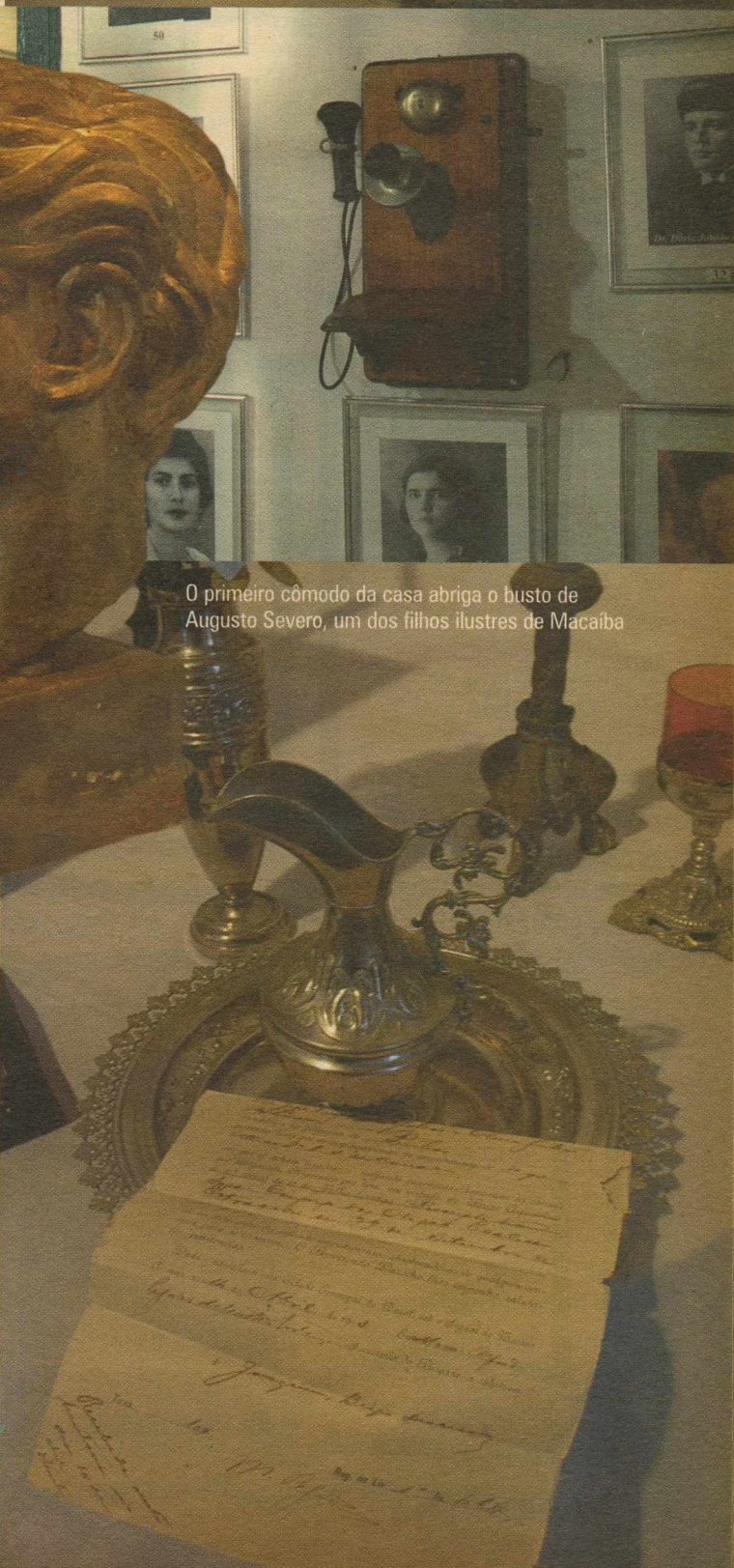
porte de passageiros. Segundo o acadêmico de história e secretário do IPMM, Anderson Tavares, Macaíba era passagem ou parada obrigatória para quem pretendia ir a Natal e vinha de municípios do interior do Rio Grande do Norte ou até mesmo da Paraíba.

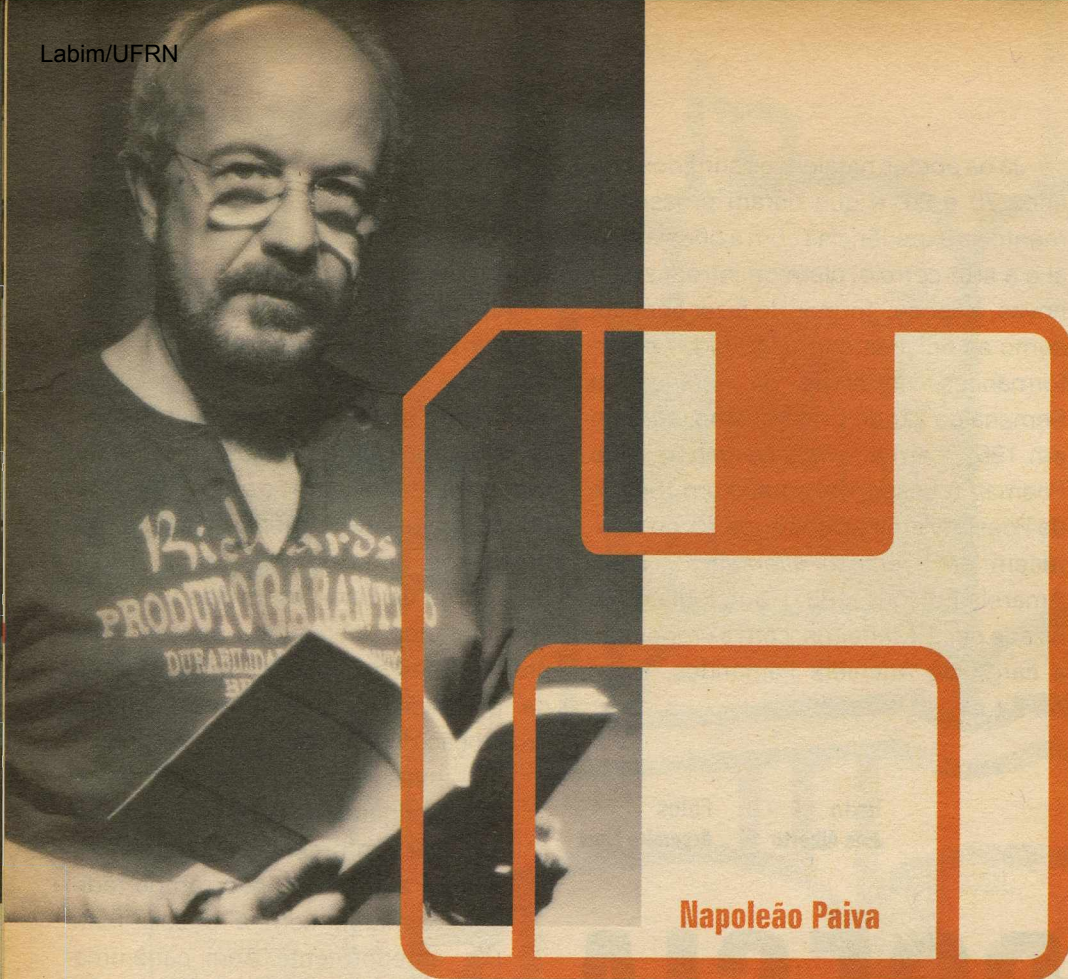
De cada cômodo do Solar, raridades nas quatro paredes e no piso: foto do primeiro fotógrafo de Macaíba, José Muniz; peças que mostram a evolução da fotografia: daguerreótipos; máquina fotográfica de aproximadamente um metro e meio de altura, cuja fotografia era impressa em uma grande chapa de vidro; projetor do Cine Juvenal Lamartine, primeiro cinema de Macaíba, que funcionou a partir de 1930; um dos primeiros aparelhos telefônicos da cidade, que data de aproximadamente 1900, e ainda funciona; entre tantas outras coisas. Uma das maiores raridades do Instituto, mas que ainda não está exposta, é uma batina de Frei Damião, que ele vestiu em uma visita sua a Macaíba. "Nós (IPMM) estamos estudando a possibilidade de expor tal raridade. Precisamos de uma melhor estrutura. Na verdade, nós começamos a montar o Instituto, mas isso não tem fim. Sempre surgem coisas novas, além de tantas outras coisas de nosso acervo que não estão expostas", explicou o presidente do IPMM, Olympio Maciel.

Na restauração do casarão, onde era a cozinha, foi construída a Capela de Todos os Santos Dom Joaquim de Almeida. Entre a casa e a Capela, numa lateral da casa, fica o Espaço Cultural, que se prolonga até a parte da frente do Solar e onde acontecem, eventualmente, saraus e apresentações de grupos folclóricos. Bailes e saraus também marcaram época na aristocracia macaibense. O Instituto, que empresta seus salões para lançamentos de livros e exposições de artistas locais, também funciona como escola de música e de artes plásticas. O casarão foi tombado pelo patrimônio histórico estadual em 2002. Mais de cento e cinquenta anos de existência. Palco de tantos acontecimentos, com tantas personagens ilustres, cada qual merecendo um livro, esta reportagem, jamais, abrigaria a história de um só tijolo daquele lugar.



O primeiro cômodo da casa abriga o busto de Augusto Severo, um dos filhos ilustres de Macaíba





**Napoleão Paiva**

de Moraes Neto, Venâncio Pinheiro, Carmen Vasconcelos, Pablo Capistrano e Jânia de Souza acerca da poesia nortear-grandense contemporânea.

#### **CONFRATERNIZAÇÃO E PRÊMIOS**

Se o sol, a lua, as estrelas, o amor, o mar, o dia, a noite, enfim a natureza, os seres, os sentimentos, as coisas, são fontes permanentes da criação poética e estão aí a todo momento, então diariamente é dia de poesia. Mas tem uma data especial, 14 de março, em que os poetas natalenses se reúnem para comemorar o Dia Nacional da Poesia, mantendo uma tradição iniciada nos anos 70 por poetas de vanguarda de Natal, João Pessoa e Recife. Na edição do evento em 2006, a Fundação Capitania das Artes abriu mais uma vez as suas portas para receber os poetas em café da manhã, ocasião em que foram entregues os prêmios no valor de R\$ 3 mil, cada, aos vencedores dos concursos literários de 2005 Othoniel Menezes (poesia) e Câmara Cascudo (prosa), promovidos pela Prefeitura de Natal. A programação do Dia da Poesia contou com a participação do poeta

Affonso Romano de Sant'Anna e da SPVA – Sociedade dos Poetas Vivos e Afins, da qual Jânia é diretora de eventos. Também foram realizadas atividades poéticas no Sesc e em ruas do centro da cidade.

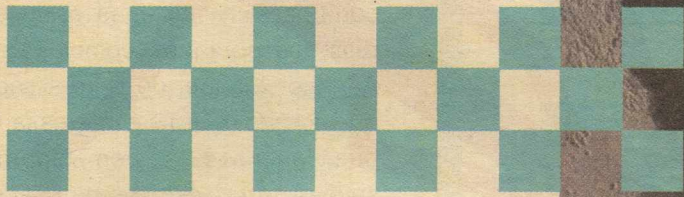
#### **INFLUÊNCIAS DA CONTRACULTURA**

Poeta e médico pediatra, Napoleão de Paiva Sousa figura, ao lado de Alex Nascimento e Adriano de Souza, como um dos melhores poetas potiguares contemporâneos, que tiveram influências da contracultura, do jazz, do existencialismo, da luta contra a ditadura militar, o que ocorre em Alex, colaborador de *O pasquim*, e da poesia marginal da melhor qualidade, a de Cacaso e Francisco Alvim, por exemplo, como acontece em Adriano. São poetas que aprenderam algumas das melhores lições dos mestres que vieram depois de 1922, como João Cabral de Melo Neto, cuja poesia caracteriza-se pelo rigor da construção, pelo intelectualismo, pelas imagens predominantemente visuais; e de um grande poeta redescoberto nos anos 80, Manoel de Barros. "A contemporaneidade é ao meu ver, por si só, o parentes-

co", afirma Napoleão de Paiva. "É a graça de freqüentarmos o mesmo universo, simultaneamente - vendo, vivendo, interagindo com elementos e situações comuns. Daí as dicções, às vezes, próximas; os sotaques coincidentes. Alex, Adriano, Manoel de Barros são poetas que admiro muito e é interessante saber que alguém vê, também, algumas interseções no que escrevemos", acrescenta Napoleão, que discorda da afirmação de que existem duas grandes vertentes na poesia contemporânea, uma mais difícil e outra mais acessível. "As nuances da produção poética, expressão da complexidade do homem nos seus sentimentos; na sua história, na sua visão de si e do mundo, são tão ricas e por isso dessemelhantes, que seria muito pouco confiná-las em duas vertentes", afirma.

Indagado sobre quais os melhores poetas, responde que no máximo pode citar os que mais gosta. "João Cabral e Manuel Bandeira deveriam figurar no cânone da poesia ocidental. Se os seus versos estivessem escritos em inglês e não na última flor do Lácio, o mundo todo os reverenciaria. Geraldo Carneiro, Cacaso, Francisco Alvim, Neide Archanjo fazem uma poesia que me enche os olhos pela leveza, concisão e modernidade. O nosso Estado hoje produz uma poesia de altíssima qualidade, par a par com o que de melhor se escreve no país. Não quero citar nomes para não incorrer em esquecimentos injustos. Entre os estrangeiros, Borges, contista e poeta, vale por toda uma literatura. Gosto do mar de Sophia de Mello Breyner Andresen. Sim, João Cabral de Melo Neto é minha referência maior".

O poeta João Batista de Moraes Neto foi um dos pioneiros da chamada geração mimeógrafo, ou geração alternativa em Natal. "É verdade. Eu sou um dos representantes dessa geração, uma vez que participei ativamente de uma série de eventos ligados à geração alternativa. Mas acontece que não aceitei docilmente o rótulo, qualquer rótulo. Porque, é claro, que para aquela juventude a sensibilidade de uma época passava pela atitude, mas isso não era tudo. Assim, eu não



**João Batista de Moraes Neto**

me impus nenhum rótulo, nenhuma etiqueta e também não quis criar nenhum nicho”, diz João Batista, conhecido nos meios literários da época pelo pseudônimo de João da Rua. Atualmente professor do Cefet/RN, mestre em Teoria Literária pela UFBA e doutorando da Pós-Graduação em Letras da UFRN, João Batista faz restrições à tese de que a poesia contemporânea compreende tanto uma hermética, como também uma mais acessível. “O termo hermético, hermetismo não me atrai. Lembro-me de que uma das acusações à poesia concreta era essa e foi feita com ranço, preconceito, visão míope. Mallarmé mais do que Valéry são referências fundamentais para os poetas concretos. Sim, o difícil e o acessível. Caetano Veloso conseguiu isso bem. Por não ser poeta de livro, foi capaz de produzir uma obra que consegue desfazer essa antinomia”.

Os poetas sabem que as regras da poesia são meramente convencionais e procuram novas maneiras de alargarem as potencialidades da linguagem, o que ocorre desde a antiguidade, muitas vezes quando isso implica em novas atitudes artísticas à custa da marginalização do poeta. No livro *Geração alternativa ou um alô para Helô* (Natal: Sebo Vermelho/Capitania das Artes, 2005), João Batista cita Catulo, o latino, e o seu grupo denominado *poetae noui* (“poetas modernos”) como poetas que estavam à margem da literatura que se fazia na

época deles. Ezra Pound coloca Catulo como um dos modelos para quem quer aprender a ler e escrever poesia. Pode-se concluir que poetas marginais sempre existiram, desde a antiguidade, e que cedo ou mais tarde terão o reconhecimento do talento? “Parece que há uma visão de poder que vê os poetas como marginais. Isso já está na proposta de Sócrates, n’*A República* de Platão. O poeta destoa da sociabilidade normal e não combina com a Doxa, a Lei, o Centro. A sua razão é outra. Então, essa é uma visão canônica, que estabelece o lugar do poeta fora do centro. E isso se reformula, no espaço da cultura ocidental, por intermédio das divisões: baixo/culto, erudito/popular, oficial/marginal, vanguarda / ultrapassado”, explica João, que está sintonizado com as novidades do cenário nacional: afirma que tem lido e gostado da poesia de novos nomes, como Carlito Azevedo, Eucanaã Ferraz e Antônio Cícero.

Venâncio Pinheiro é outro experiente poeta da chamada geração alternativa natalense, tendo poemas editados em livros e em poesia visual. Antenado com os recursos da internet, tem trabalhos nos portais *homones.com*, *identidadglobal.com*, *dhnet.org* e mantém o blog *venanciopinheiro.zip.net*. Foi sob o signo dos Novos Baianos e Che Guevara, que o grupo Aluá Edições Alternativas, do qual Venâncio era um dos líderes, fez um

**Venâncio Pinheiro**



**Carmen Vasconcelos**

importante trabalho cultural e político a partir do final dos anos 70. Por lá, passaram nomes talentosos como Ciro Pedrosa, Dorian Lima, Aluizio Mathias, Alex Medeiros, Marize Castro para quem Venâncio criou a programação visual do livro *Marrons crepons marfins*. O Aluá fez contatos com grupos de poetas de outras cidades, como o Jaguaribe Carne de João Pessoa e formado por Pedro Osmar, Chico César, Paulo Ró e o Nuvem Cigana, do poeta carioca Chacal, relembra Venâncio, que fez parte da organização do 1º Festival de Artes de Natal, em 1978; foi presidente da Cooperativa de Artistas de Natal nos anos 80, década em que, dentre outras atividades culturais, atuou no grupo teatral Nuvem Verde, encenando peças de Brecht. Nos últimos anos, ele teve uma maior atuação na área política-partidária. Filiado ao PT há muitos anos, eleitor de Lula para quem, na época em que o então sindicalista era presidente nacional do PT chegou a criar com exclusividade uma de suas criativas camisetas poéticas/políticas, Venâncio tem um importante trabalho como designer gráfico, no qual se destaca por exemplo a criação da logomarca do Movimento Nacional de Direitos Humanos.

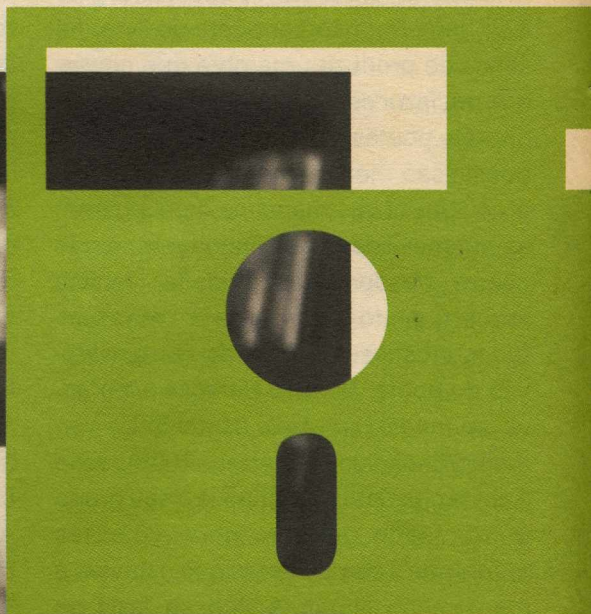
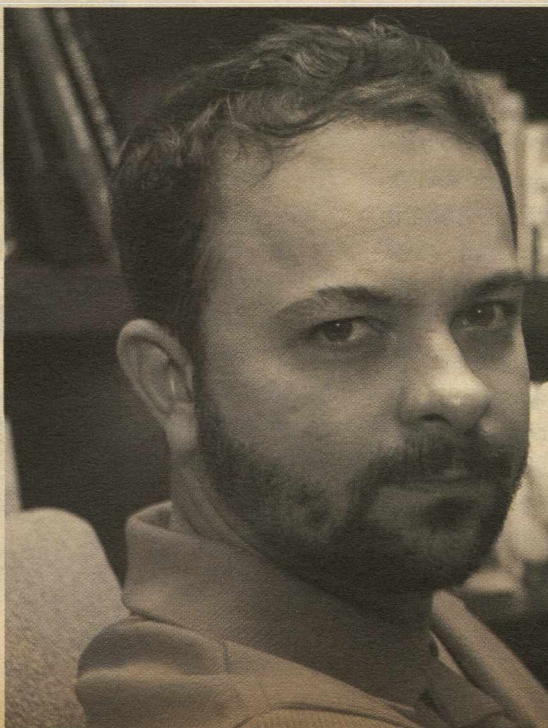
Como um dos primeiros poetas de Natal a comemorar o 14 de março, Venâncio faz crítica ao sentido meramente comemorativo do Dia da Poesia e convida os poetas a terem um posicionamento mais reivindicatório. "Transformaram a data de luta em data comemorativa. Nós do Aluá lançamos um manifesto no primeiro evento, onde listamos 10 pontos reivindicativos e associávamos a mesma data ao autor do *Manifesto comunista* (data de seu falecimento?)", comenta ele. "Por que não discutimos nesta data o plano editorial dos órgãos públicos responsáveis por este setor? Por que não revitalizam os viciados

salões e concursos literários? Por que não tornam público os pareceres dos jurados", questiona Venâncio. "A pauta do 14 de março precisa ser resgatada pelos artistas, precisamos resgatá-la já. Isto é um convite".

Carmen Vasconcelos é citada, ao lado de Marize Castro e Iracema Macedo, como uma das poetisas mais talentosas da literatura potiguar contemporânea. Servidora pública do TRT/RN, formada em Serviço Social e Direito pela UFRN, autora de *Chuva ácida* (Natal: FJA, 2000) e *Destempo* (Natal: FJA, 2002), Carmen tem um trabalho poético que dialoga, por exemplo, com o de Eugênio Monta-

**Pablo Capistrano**

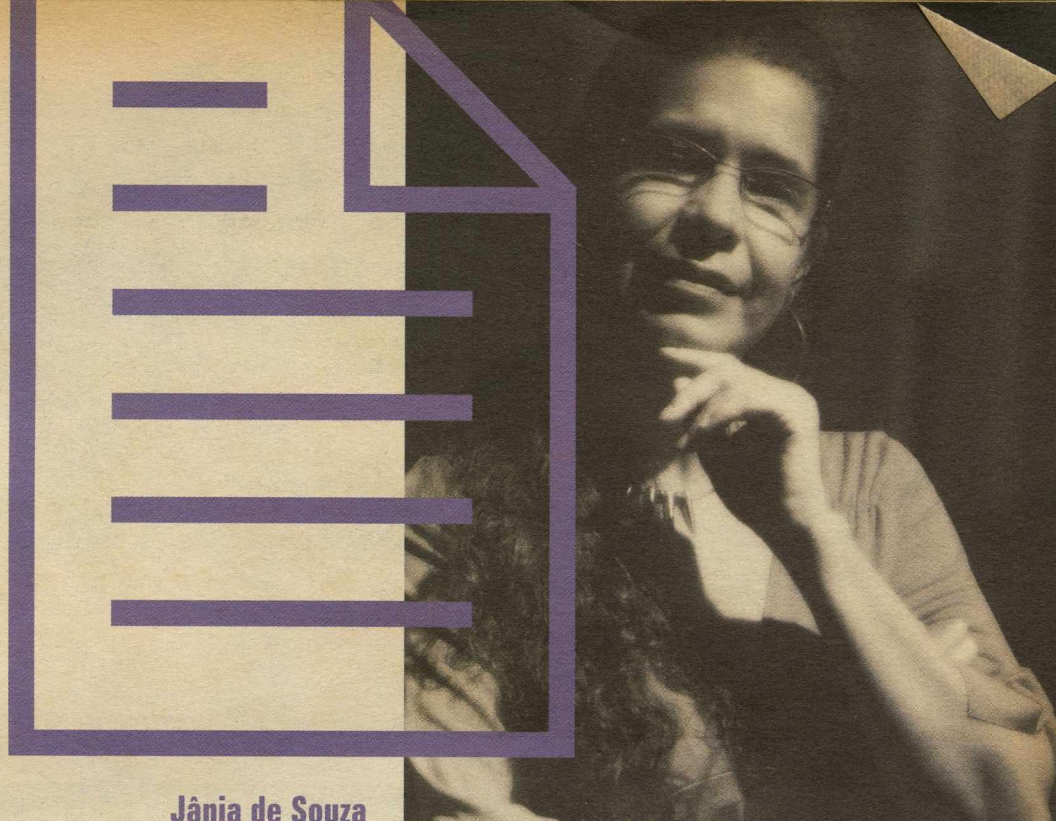
Arquivo/Pablo Capistrano



le, "o maior dos poetas herméticos italianos", segundo Otto Maria Carpeaux, em *História da literatura ocidental* (Rio de Janeiro: Alhambra, 1984); e Cecília Meirelles, ligada a uma corrente mais espiritualista. Carmen faz parte da elogiada antologia *Pois é a poesia*, de Luís Carlos Guimarães (Natal: Fundação José Augusto, 2002), com seleção e organização de Ricardo Luís Guimarães. Sobre o trabalho de Carmen, disse Luís Carlos Guimarães, que a poesia dela é forte, surpreendente, instigante, que "distingue-se por um estilo extremamente pessoal. Embora trate, quase sempre, das urgências do coração, descarta sentimentalismo fáceis".

A poesia de Carmen é hermética, metafísica? "A poesia que escrevo, não apenas minha, pode ser considerada qualquer coisa, já que é publicada e, sendo pública, qualquer um pode analisá-la como entender. É uma honra para mim que alguém se detenha sobre o que escrevo. Mas eu não a analiso. Para falar a verdade, nem penso sobre isso. A minha preocupação quando escrevo é tão somente tentar unir linguagem a possibilidades de poesia", comenta a poetisa, para quem em todos os tempos existem escritos mais ou menos acessíveis à compreensão dos leitores. "A presença de mais mulheres na literatura é decorrência natural da ocupação de espaço pelas mulheres em todas as áreas, em razão da emancipação feminina que começou a ficar mais forte no século XIX, como você disse. A meu ver, está longe de culminar. Falar de sexualidade (ou poderíamos dizer simplesmente falar), para as mulheres, na poesia, na prosa, nas ruas, também decorreu do movimento que fazemos para melhorar a nossa situação na sociedade que, diga-se de passagem, ainda é bastante difícil".

Alguns filósofos, como por exemplo Martin Heidegger, estudam poetas e a poesia como dado fecundo para a reflexão filosófica. É à poesia que se atribui, por excelência, um alcance gnosiológico. Poeta, autor de *Domingos do mundo* (Natal: Boáguia, 1998) e do livro de ensai



**Jânia de Souza**

os e poemas *Descoordenadas cartesianas* (Natal: Sebo Vermelho, 2001), filósofo e professor universitário, Pablo Capistrano participou do Sótão 277, entre 1991 e 95, grupo que trabalhava com a estética de fanzine, recitais poéticos e instalações na área de artes plásticas. Recentemente ele fez uma palestra sobre filosofia e poesia na visão do realismo lingüístico de Martin Heidegger, no Café Filosófico, promovido pelo Departamento de Filosofia da UFRN. "Às vezes a filosofia busca se firmar como um discurso 'alternativo' ao verbo do poeta (entendido na antiguidade como um rapsodo, misto de cantor, sacerdote e professor), mas ela apresenta momentos de grande aproximação como nos textos de Parmênides, Platão (com os usos das alegorias) ou mesmo Nietzsche", diz Pablo. "Para Heidegger, por exemplo, especialmente nas suas conferências dos anos cinqüenta, a poesia aparece como uma solução para a crise que a filosofia entrou a partir da revolução científica dos séculos 16 e 17. Heidegger propunha uma virada da filosofia na direção da poesia, para que a poesia pudesse enxertar novamente o vigor perdido no discurso filosófico".

#### **SOCIEDADE DOS POETAS**

Desde 12 de junho 1997, num suges

tivo Dia dos Namorados, quando foi fundada a Sociedade dos Poetas Vivos e Afins – SPVA, um grupo de poetas de Natal se reúne semanalmente para recitais poéticos atualmente, das 17 às 19h do sábado, no auditório da Capitania das Artes. Nesse período, já passaram pela entidade, desde poetas mais experientes como Paulo Augusto, Pedro Jacob (cordelista), José Gonçalves, Mery Medeiros, Maura Rosângela, Josean Rodrigues, Carlos Magno, que estão entre os fundadores, até os iniciantes nas artes poéticas. Os poetas da SPVA estão entre os mais atuantes nos eventos que compõem a programação comemorativa do Dia Nacional da Poesia. A entidade já editou quatro antologias literárias, num trabalho organizado e coordenado pela poetisa e bancária Jânia de Souza. O volume mais recente da *Antologia literária SPVA/RN*, tem 119 páginas, com produção gráfica das Edições Bagaço/PE, tiragem de 1.000 exemplares e participação de 45 poetas. "Quanto ao objetivo, no RN, não existe nenhuma entidade similar, uma vez que, além da congregação de artistas já conhecidos do grande público, a Sociedade incentiva o despertar poético e a continuidade do artista no ofício, como forma de perpetuar a arte do verso no estado", afirma Jânia.

# CASCUDO,

poeta

## FAJUTOS, AUTÊNTICOS, FIÉIS

No dia 4 de setembro de 1925, Câmara Cascudo proporcionaria um definitivo registro epistolar da sua pequena, porém qualitativa, produção poética. Enviara carta ao modernista Mário de Andrade, escriturando poemas, chamando-os de 1, 2 e 3. São três poesias de cunho regionalista, focando o Sertão potiguar filtrado na geografia física e humana, estampando o esteticismo Moderno. A projeção cosmopolita do brasilirismo cascudiano nesses textos viria a se reelaborar na leitura inventiva de artistas da música do calibre de Dominguiños, Oswaldinho do Acordeon e o violeiro Roberto Correa, localizados no CD Brouhaha: Câmara Cascudo poeta e leitor de poesia (2005), editado pelo selo Nação Potiguar e patrocinado pelo Fundo Nacional de Cultura – MINC.

Na verdade, Cascudo não os dedicou a Mário de Andrade, mas presenteou-o. Diria ao final da sua carta: “São absolutamente fajutos, autênticos, fiéis. São seus”. Autocrítica para além da humildade de alguém que fazia parte do time de Drummond, Bandeira, Ribeiro Couto, Inojosa...

A reprodução pública 80 anos depois dessa paleografia cascudiana, proporcionada no estrito objetivo de pesquisa acadêmica, deve ser creditada ao Fundo Mário de Andrade – Arquivo de Estudos Brasileiros-USP e à sensibilidade de Anna Maria Cascudo. O traço motor, os caracteres, a caligrafia, o ideograma, o ícone, a tinta, o papel aqui reproduzidos ampliam a imagem acústica das metáforas dos poemas. A persona de Câmara Cascudo se sobressai e se extrapola de forma atemporal.

DÁCIO GALVÃO

poema 1

1

Tande morrendo em vermelha  
e o curso  
do Sal se reflectindo no espelho  
do acude.

A estrada branca antes que a hãite a munde.  
Entre nuvens de poesia  
surge o vaqueiro vestido de curso.  
E o vento leva longe toda a poesia.  
E o vaqueiro passa correndo, correndo...  
Ha semente a tande morrendo  
no vermelha  
espelho  
do acude...

## poema 2

2

Kardinha, Kardinha

serenamente

cae a sombra do alto

ceu azul.

Água quieta, <sup>água</sup> quieta,e a longa sombra do averdejo n'água  
da lagosta...

E o ressurto nos cafeeiros.

E o abalo do ar...

Kardinha, Kardinha

no silêncio, o grito

das orniotas fugindo...

E no galho escuro da citicica

brunha, solitária, branca,

a Mãe-da-Lua canta...

## poema 3

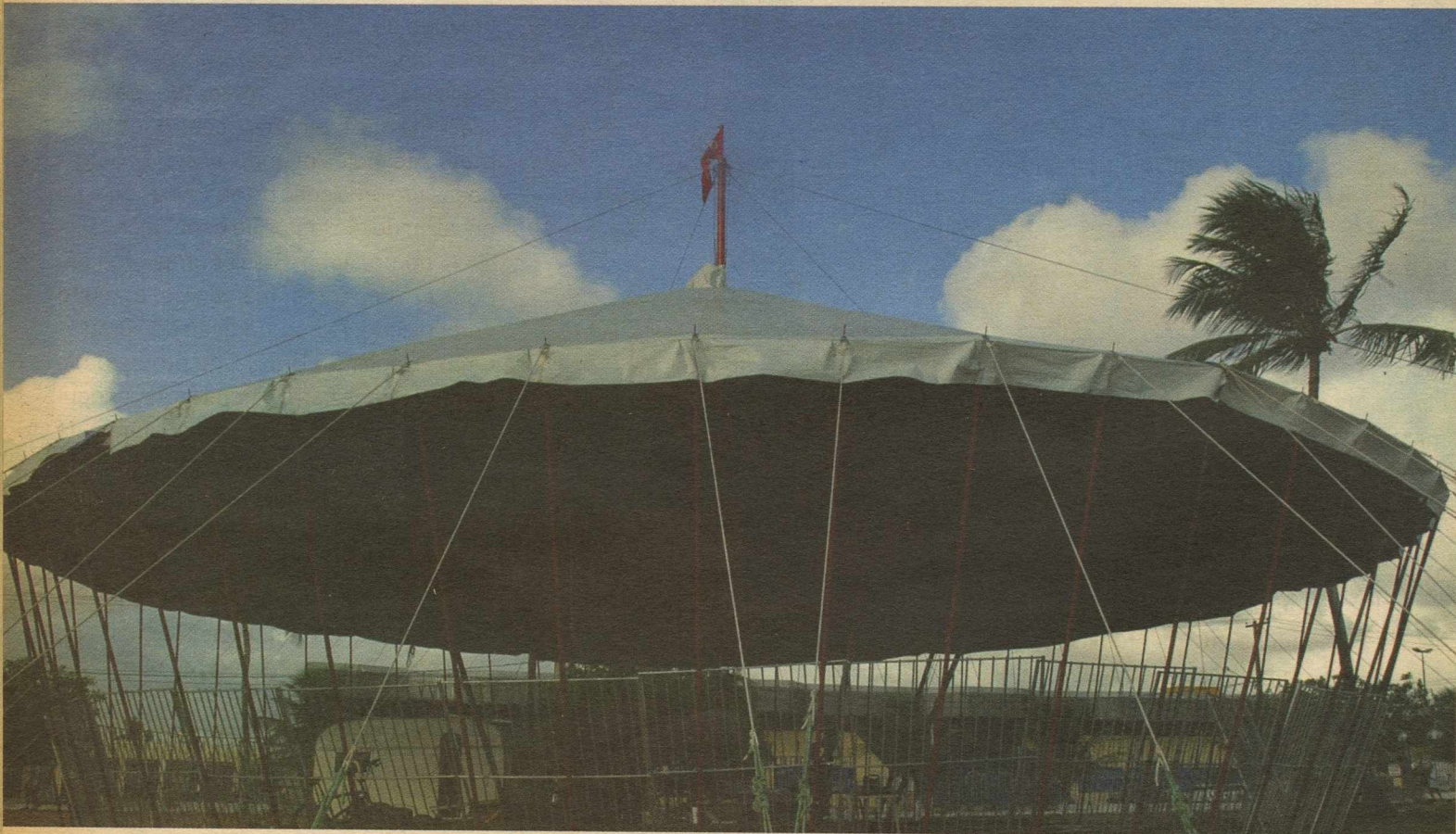
3O chão é seco e vermelho, é vermelho  
o caminho entre o amarelo do fanasco.As pedras <sup>brancas</sup> vão surgindo como grades  
de pedra-branca na vermelha estrada.

Sol de chapéu!

No horizonte azul que se nos abre  
os cardões abrem as mãos  
verdes, verdes, verdes...Há uma transparência feita ar  
que treme, treme e, na folia fina  
e cingente, veem folhas secas  
feito ar...Luis da <sup>Comana</sup> <sup>Caranda</sup>



O ator Neil Moura diante do circo-escola de formação de atores circenses que está sendo construído na Zona Norte



Texto  
Rafael Duarte

Fotos  
Argemiro Lima

Vida de palhaço é uma tragédia. Mas daquelas que deixam sem ação somente os sádicos intelectuais que se dizem entendidos do destino humano. Que olham por sobre o tablado e nunca através das frestas das arquibancadas de alumínio. Ou porque insistem em ver o circo em sua forma mais simples e triste, ou por qualquer outra razão que não cabe na loucura do público que ri da desgraça alheia.

Os atores mambembes Neil Moura, 37 e Gena Leão, 39 resolveram fixar no Centro Cultural Chico Miséria, mantido pela prefeitura do Natal na Zona Norte da cidade, a Companhia Cara Melada de Teatro e Circo.

olhava sexo, cor ou idade. Mas o artista tinha que dar conta do recado.

A primeira iniciativa foi preparar uma agenda de eventos. As portas das pequenas e grandes casas de espetáculos da Alemanha e de outros países europeus ficaram escancaradas como num passe de mágica. Padre Heller gostou das..., digamos, estripulias de Ferrugem, codinome de Gena. Mas a conheceu meses mais tarde.

Neil e Gena estão erguendo a Cia. Cara Melada de Teatro e Circo sob uma lona e a estrutura necessária para acomodar mais de 300 expectadores sentados. As primeiras oficinas de formação serão dadas a partir de março no local. Mas o sonho da dupla é mudar para o largo do Machadão espaço conhecido por abrigar as companhias circenses forasteiras. "A gente passou por muita coisa desde que decidimos seguir carrei-

regavam no estômago quando minguavam as apresentações.

Em solo potiguar ainda chegaram a encenar peças conhecidas nacionalmente como *O gigante egoísta*, de Oscar Wilde e *Advogado Patelão*, de autor desconhecido. Esta, com a companhia local Alegria Alegria, que também teve suas raízes fincadas no circo.

No exterior, a idéia de tentar a vida nos Estados Unidos foi substituída pelo abrigo garantido de amigos e parentes de Neil na Suíça. A facilidade de adaptação com o suporte local levou o casal à Europa pela primeira vez em 1992.

Foi também na Suíça, que Neil e Gena conheceram o primeiro grande guru de suas vidas: o palhaço Dimitri. Foi ele quem passou as técnicas de expressão corporal e aperfeiçoamento de palco à dupla.

A partir daí, Neil confessa que passou a perceber a interpretação mais como

# ESCOLA DA ARTE MAMBEMBE

O projeto é um antigo sonho do casal: criar uma escola de formação de formadores de atores para trabalhar com crianças carentes que sobrevivem hoje no limite da rejeição da família e do "aconchego" da rua. "Queremos trabalhar com crianças que estejam em risco de morarem nas ruas, que tem problemas em casa. É um projeto social e mais um degrau para nós", conta Neil.

Os recursos serão viabilizados através de financiamento. Uma Ong da Alemanha ligada ao padre alemão suíço Heller (responsável pela guarda do papa) que apadrinha mais de três mil artistas em todo o mundo deve alocar a verba ainda este ano.

Heller foi apresentado ao casal através de um sobrinho que mantém um projeto social em Recife semelhante. Conheceu primeiro Neil, ou melhor, o palhaço Spaghetti e seu maravilhoso número do chiclete invisível. Para adotar qualquer artista, o padre mecenas não

ra como palhaços. Conseguimos o apoio do padre Heller, mas estamos abertos a empresas locais que queiram apoiar o circo potiguar. A diferença, agora, é que com ou sem elas, o projeto vai sair. Essa é, sem dúvida, uma realização pessoal e profissional nossa", conta Gena Leão.

## EXPERIÊNCIA

Quando surgiu a oportunidade de Ferrugem e Spaghetti tentarem a sorte no velho continente, em 1992, o Rio Grande do Norte e estados como São Paulo e Espírito Santo já os conheciam. Época em que os postos de gasolinhas viravam dormitórios confortáveis e a concorrência com palhaços charlatões picaretas que acompanhavam o circo apenas para competir com a venda de produtos para as crianças mesmo sem nunca terem pisado num tablado ou arena. A comercialização de objetos de circo era uma prática comum das companhias amadoras e servia para diminuir o peso vazio que car-

um jogo do corpo. E nasceu, em 1996, a peça infantil *Amimicando a palhaçada*, realizada somente através do gestual. "Foi uma das melhores peças que já fizemos. Até hoje, quando escrevo outras peças tiro uma cena do amimicando para encaixar de tão legal que ficou", conta.

A ponte-aérea Brasil-Europa rendeu outros momentos marcantes e muito aprendizado. A incorporação ao "Grande Circo Popular do Brasil", de propriedade do ator e trapezista Marcos Frota rendeu-lhes mais experiência. Foram bater na porta do camarim do palhaço Chupetinha, um ator paraguaio considerado por Neil como o "mais completo palhaço que vi".

Com a experiência de Ferrugem e Spaghetti na Europa, o intercâmbio cultural com Chupetinha ocorreu num estalo. Os ensinamentos da expressão corporal do suíço Dimitri foram passados ao paraguaio e até a maquiagem Neil e Gena aprenderam a fazer.



Neil e a equipe que trabalha para erguer o circo:  
"Pra nós é muito mais que um projeto social"

## DESAFIO

Antes da virada do século 21, em 2000, a sorte trouxe de volta Ferrugem e Spaghetti para um novo desafio. Decidiram armar a lona em casa depois de mais uma temporada na Europa.

E desceram noutro tempo, embora a ponte-aérea Brasil-Europa não tenha parado. Fosse 17 anos antes, quando ainda engatinhavam nos palcos do teatro potiguar, teriam os vistos de entrada no Brasil sumariamente cancelados. Tudo porque a sociedade da época não aceitava palhaço-mulher. Tinha que ser macho. O palhaço era o único homem de batom e maquiagem permitido em público no Rio Grande do Norte no início do pós-ditadura.

A lembrança virou mágoa e ainda mora no coração de Gena. "No início, quando procuravam a gente para fazer shows infantis diziam que queriam somente se fosse palhaço homem. E aconteceu várias vezes. Aí teve um dia que falei para o Neil: 'pode dizer que vão dois palhaços homens'. E ia vestida de homem. Prendia o cabelo e ninguém percebia. No final, quando ia pegar o dinheiro, ia normal de mulher. A pessoa tomava um susto porque não reconhecia. Eles gostavam da apresentação mas não aceitavam o fato da mulher ser destaque", conta.

Mas em 2000 a dupla pousava em solo potiguar com nome na praça e uma carreira sólida no exterior. A idéia era abrir um curso de formação de formadores, e assim, dividir os conhecimentos e experiência adquiridas em quase duas décadas de trabalho pelo mundo como heróis mambembes.

O objetivo era conseguir o apoio da UFRN e inserir o projeto de formação, chamado "picadeiro potiguar", como curso de extensão da universidade. Tudo acontecia conforme planejado. Mas ainda faltava a lona do circo. Sem economias, a alternativa era esperar o milagre. E ele quase veio.

É quando surge um sujeito circense boa-praça e entra para a sociedade do curso de formadores. O fato de possuir uma lona, por si só já aumentava sua pontuação no ranking do casal.

A UFRN decidiu apoiar o projeto e cedeu o pátio do Museu Câmara Cascudo, localizado na avenida Hermes da Fonseca. No entanto, quando o "picadeiro potiguar" começava a ganhar forma, veio o baque. "O cara foi embora, e levou o circo todo. A lona com tudo o que nós havíamos comprado, como a estrutura de arquibancada, tudo. Tínhamos feito algumas dívidas para saldar quando começássemos com os espetáculos,

mas ele deixou tudo para a gente quitar. Foi horrível. De repente, não tínhamos mais nada", conta Neil.

Sem tempo nem para pensar, uma vez que o acordo com a UFRN previa o início dos espetáculos em um mês, Neil e Gena organizaram um mutirão para levantar um circo em tempo recorde. Oito soldados logo batizados de "turma do peba" – se engajaram no trabalho e não decepcionaram.

Datas à parte, o fato é que no dia marcado para o primeiro espetáculo do "picadeiro potiguar", lá estava a estrutura nem tão segura como se esperava, mas firme o bastante para garantir o cumprimento do acordo feito com a universidade.

E como se o destino do palhaço fosse fazer o povo chorar, e não o contrário, eis que "Neil Spaghetti" corta um dos dedos da mão meia hora antes da apresentação e vai parar no pronto Socorro Clóvis Sarrinho. Foi um susto. Mas chegou a tempo de dar o grand finale à grande anti-tragédia de sua vida. "Passa um filme nas nossas cabeças... foi incrível. O mais bonito daquilo tudo era a emoção dos nossos amigos em ajudar a fazer aquilo se erguer. Era 24 horas de trabalho, durante todos os dias. Eu fico arrepiado só de contar isso agora que passou", lembra.

NEIL MOURA / Entrevista

## "Estamos construindo uma escola de formação circense"

Ajudar crianças carentes e trazer para Natal uma opção de formação nas técnicas circenses. Esses são os objetivos do artista Neil Moura, que junto com a também artista Gena Leão compõe a Companhia Cara Melada de Teatro e Circo. Eles irão abrir uma escola de circo com recursos próprios, no segundo semestre deste ano, para 30 crianças. A companhia vem recebendo o apoio de uma entidade da Alemanha e da Capitania das Artes, que ajudou dando as condições de espaço e infra-estrutura para que ela pudesse fabricar e montar toda a estrutura necessária para o funcionamento do Circo Grock. Enquanto as aulas não começam, no entanto, os dois artistas de carreira internacional vão ficar apresentando o seu espetáculo, junto com um grupo de artistas convidados, até o mês de maio. Neil deu a entrevista que segue durante um intervalo no trabalho de montagem do circo, na Área de Lazer de Panatis, na Zona Norte de Natal trabalho que vem fazendo desde janeiro. Abaixo, ele fala um pouco do projeto e do trabalho de sua companhia.

### **Qual o projeto que a companhia está começando a desenvolver em Natal?**

Nós estamos terminando de montar o Circo Grock, que é a casa de espetáculos que a Companhia Cara Melada construiu pra ter um espaço para se apresentar. Claro que também vai ser aberto, futuramente, para outras companhias, como ocorreu com os outros circos da Companhia Cara Melada. Só que dentro do circo, dentro desse processo, a gente vai trazer coisas que não tinha quando procurou em Natal, na época em que nós estávamos querendo informação e formação artística. Então, a gente está trazendo uma escola de circo.

### **E qual vai ser o público dessa escola?**

Crianças, de 8 a 18 anos. Principalmente crianças que estudam e que estão quase em risco de largar a escola. Não é

apenas um projeto social, ele também vai funcionar como um projeto social. Mas a idéia é de formação mesmo. Será uma escola de formação. Três anos de curso, algo oficial e ligado à Associação Brasileira de Circo. É um trabalho para a formação artística.

### **Mas, nesse lado social do projeto, a idéia é trabalhar com crianças carentes, crianças em situação de risco?**

Nós não podemos trabalhar diretamente com a criança de rua, porque isso exige uma estrutura que abrange uma série de coisas. Mas nós vamos começar a trabalhar essas crianças que vão para a escola, mas que às vezes têm um problema de evasão escolar e têm um horário muito ocioso. Vamos dar preferência elas, mas não é que a gente vá trabalhar apenas com essas crianças, apesar do projeto pretender abrir as portas primeiro para elas.

### **Para essas crianças, o projeto vai ser gratuito?**

Vai ser gratuito. Mas vamos buscar o apoio de uma série de entidades. Nós já temos um pequeno apoio de uma companhia alemã chamada Champignon Ville. É um apoio para manutenção de determinados equipamentos e para alguns professores que têm um salário especial, que são os formadores de formadores. Também tivemos todo um apoio logístico da Capitania das Artes, que administra aqui a Área de Lazer, onde estamos instalados construindo o circo desde janeiro.

### **E como será a seleção das crianças? Quantas vão fazer esse curso de formação?**

A princípio, a escola tem de trabalhar com um critério que é um critério comum à maioria das escolas de circo. Você vai receber um grande número de pessoas e a partir daí passa a ser feita uma triagem. Primeiro, avaliando o interesse de cada pessoa. Segundo, avaliando a capacida-

de física dessas pessoas, a aptidão delas, até chegar àquelas que realmente vão poder participar, a princípio. Porque à medida que a coisa for crescendo em nível de assistência social, quando pudermos ter um apoio maior, com psicólogos e outros técnicos, aí poderemos fazer com que uma criança que não tenha tanta aptidão, que não tenha tanto interesse, venha e se interesse mais.

### **A formação circense que será dada abrange quais áreas?**

As áreas de solo e aérea. As pessoas vão trabalhar com trapézio, com cama elástica, acrobacia, equilíbrio sobre arame, equilíbrio sobre monociclo, sobre perna de pau, técnicas de malabares diversas.

### **A companhia trabalha com atuação teatral?**

Trabalhamos com atuação. Isso vai ser na área de formação de palhaço, que tem uma coisa mais ligada à técnica teatral da representação. Mas para cada um desses artistas em formação vai ser dado um complemento do universo textual, do universo teatral, para que facilite o trabalho delas, o contato delas com o público.

### **Quantas crianças vão poder participar? Isso ainda vai depender dos apoios que vão surgir?**

A princípio, com o apoio que já temos, vamos poder trabalhar com 15 crianças por turma. E teremos, no máximo, duas turmas, para abrir o projeto.

### **E quando deve começar?**

Pretendo começar em agosto. Já as apresentações da Companhia Cara Melada vão começar agora em março, em pré-estréia, aqui na área de lazer de Panatis, onde ficamos aqui até o dia 20. Teremos espetáculo diariamente, às 8h da noite. Estrearemos no Largo do Machado no dia 24 e ficaremos lá até 15 de maio.



Texto e fotos  
Rodrigo Hammer

# O SANTO GRAAL

**Dos 10 LPs mais raros da história do rock brasileiro, Lágrimas Azuis prova que o Impacto Cinco era muito mais que uma simples “banda de baile”**

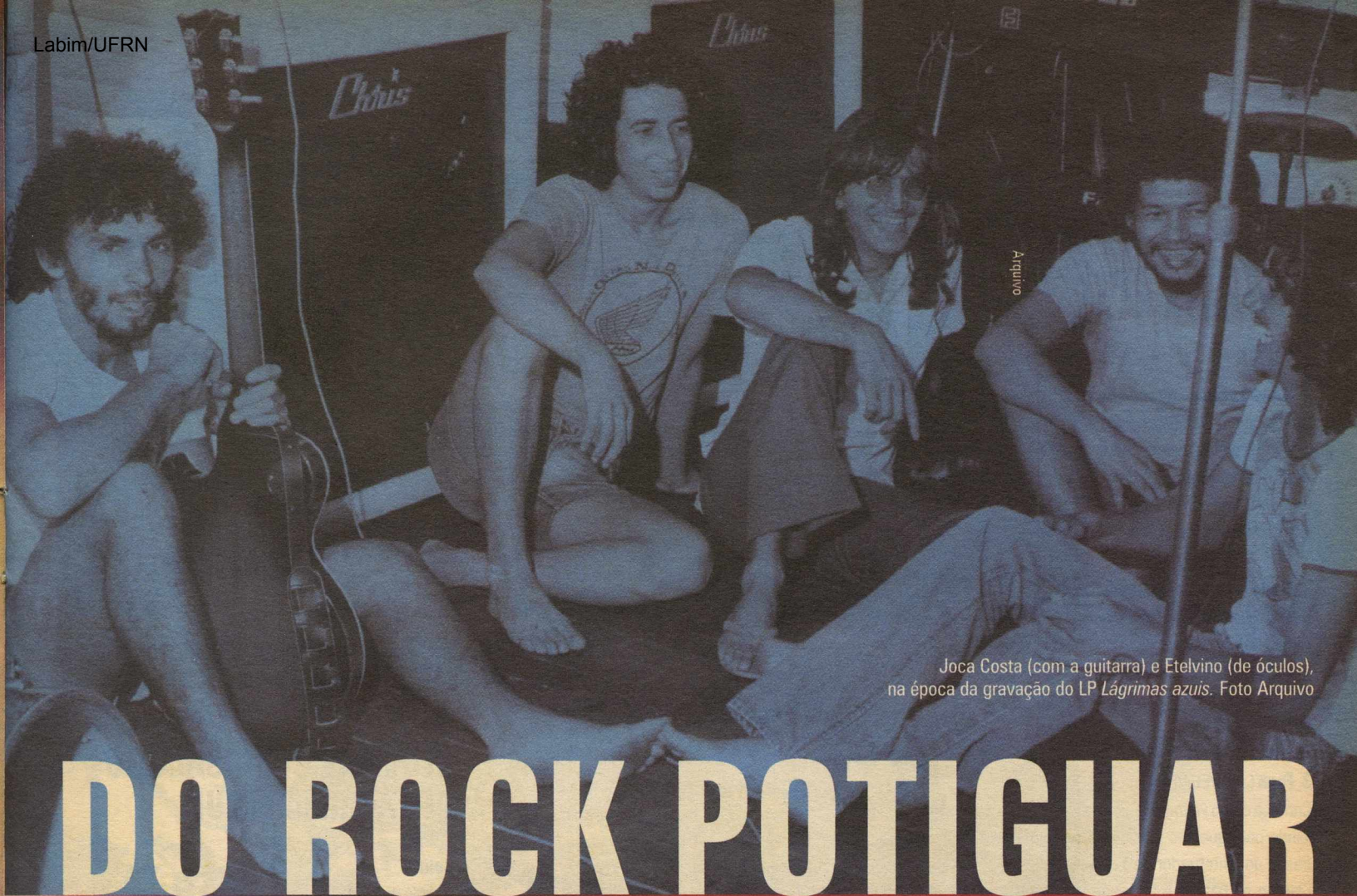
Skates Torlay, Led Zeppelin no toca-discos portátil, remanescentes da geração hippie recusando-se que o sonho acabara, enquanto o Brasil regurgitava as sobras do rock de excelente qualidade produzido na Inglaterra e na América do Norte durante os anos 1970. Em Natal, como a promover uma revolta perpetrada no anacronismo, as agitadas tardes do Clube ABC movidas a covers de hits importados, faziam a cabeça de uma turma situada entre os 14 e 21 anos, bem diferente daquela que após 1977 assistiria ao enterro do rock’n’roll sob a avalanche punk de Sex Pistols e companhia.

Era esse o cenário, quando por volta de 1975 e três anos antes da tragédia da disco music conspurcar os últimos acordes criativos da música pop no “patropi”, o Impacto Cinco arrumou as malas para chegar ao Rio de Janeiro, onde ocuparia por uma semana o estúdio da gravadora CBS na gravação de *Lágrimas azuis*, segundo e último álbum de sua carreira. O LP de 11 faixas – apenas cinco compostas

pelo quinteto – acabou tornando-se um dos 10 itens mais cobiçados do rock brasileiro, hoje mencionado por sites como o da loja especializada em vinil Rato Laser e respeitadíssimos leilões internacionais à cata de preciosidades daquela era.

Convidados a falar sobre o disco, o tecladista Etelvino e o guitarrista paraibano Joca Costa, em depoimentos concedidos em horas e locais diferentes, botaram a memória para funcionar e abriram o jogo. O primeiro não se negou a fazer de uma sanduicheria da cidade, palco para recordações emocionadas; Joca, por sua vez, preferiu contar a experiência num dos intervalos das aulas de guitarra que toda semana ministra para alguns privilegiados na Fundação Hélio Galvão.

Nas palavras do guitarrista, *Lágrimas azuis* correspondia a mais uma chance que a CBS – toda poderosa *major* que à mesma época contava no *cast* com nomes do peso de Aerosmith, Blue Öyster Cult e no Brasil o rei Roberto Carlos – estava concedendo a um grupo de



Joca Costa (com a guitarra) e Etelvino (de óculos), na época da gravação do LP *Lágrimas azuis*. Foto Arquivo

# DO ROCK POTIGUAR

nordestinos da remotíssima Natal. Cariocas, paulistas e outros seres “desenvolvidos”, jamais esperavam que a distante terra de cangaceiros, do “oxente” e da tapioca, pudesse produzir rock brasileiro de qualidade, bem tocado, criativo, enfim, lado a lado com exemplares da estirpe de Casa das Máquinas, O Terço ou Som Nosso de Cada Dia. “Éramos algo muito à frente para a época,” considera Etelvino.

Pressionada pela agenda de apenas uma semana, quando deveria gravar todo o material exaustivamente ensaiado e deixar a matriz do disco pronta para a pós-produção, a banda confiou no taco do “diretor musical” Leno, que preparou o terreno para a chegada dos rapazes. Recordar-se Etelvino: o ex-parceiro de Lílian apresentaria três faixas da seleção assinadas por ele *Tudo vai mudar (Amanhã)*, *Carmem*, *Carmem* e *Sentado no arco-íris*, esta a quatro mãos com Raul Seixas—além da abertura entregue ao piauiense Piska, que segundo Costa, não

era o mesmo guitarrista do Casa das Máquinas, hoje produtor do triozinho farofa KLB. O arsenal de Leno completava-se com o cover para *Sábado*, de autoria do lendário guitarrista Frederyko e um clássico do álbum de estréia lançado pelo Som Imaginário em 1970. Lembranças, a última das contribuições, apareceu sob a forma de uma cançoneta romântica da dupla Raulzinho-C.H. Gonçalves; brega ao extremo, teria como autor jura Etelvino—o próprio Maluco Beleza num rompante melodramático de péssimo gosto.

O tecladista afirma que o Impacto Cinco estava “na ponta dos cascos”, afiadíssimo, ao desembarcar para a semana corrida de sessões no Rio. Calejados pela estrada como banda de baile—quando tocavam até cinco horas ou mais seguidas—ignoraram as limitações tecnológicas da época e partiram para o trabalho sem titubear. “Foi exatamente o tempo em que eu tinha resolvido me dedicar mesmo à música, a estudar pra

caramba. Não largava a guitarra,” traz à tona Joca Costa.

Na cozinha do álbum, estão o baixista paraibano Poty Lucena e o baterista pernambucano Clauton, enquanto o vocalista Lulinha outro paraibano, de registro suave e surpreendente alcance—dá conta das harmonias. A presença de Etelvino, longe do exibicionismo *flamboyant* normal para os padrões da época, realça uma inspiradíssima performance do guitarrista. “Gravamos tudo em oito canais. A CBS era limitada como todos os estúdios brasileiros daquela época, mas a banda se virava,” conta Joca, citando a pedaleira composta por robustos “cry-babies, flangers e delays” utilizados para as bases e overdubs de *Lágrimas Azuis*. “Foi um choque para a gravadora em termos de estilo. Esperavam que fizéssemos um jogo mais comercial e não um disco daquele gênero,” ressalta Joca. O álbum de vendagem arrasada por péssimo esquema de divulgação, sucumbiu aos modismos do rádio, até ser completamente esquecido.

## O DISCO FAIXA A FAIXA

### 1. Mãos de seda, coração de ferro (Piska)

Um típico hit *uptempo*, no clima das festinhas prafrentex. A letra leve, expressiva e romântica, corre sobre solos rápidos e dedilhados de Joca Costa, com a “cozinha” bastante solta. Destaque para o excelente trabalho do baixista Poty Lucena.

### 2. (Tudo vai mudar) Amanhã (Leno)

O autor compôs uma pérola de sonoridade psicodélica, vocais na câmara de eco e refrão vigoroso. Na linha melódica, referências a Zombies, harpejos de guitarra e bela harmonia. O *bridge* remete a Beatles, *Strawberry fields*, etc e tal.

### 3. Fuga (Joca/Etel/Enoch)

Começa como *yeah-yeah-yeah* apressadinho e vai evoluindo para quebras inteligentes no andamento, com frases do sintetizador de Etelvino. O desempenho de Clauton na bateria e um endiabrado solo country de Costa, arrebata os mais saudosistas.

### 4. Carmem, Carmem (Leno)

A banda interpreta mais uma faixa assinada por Leno, aqui num baladão xaroposo. Felizmente o instrumental salva o número, com o background da guitarra jazzística e dois vocais segurando a harmonia. Lulinha surpreende.

### 5. Viver Triste (Poty Lucena/Lulinha)

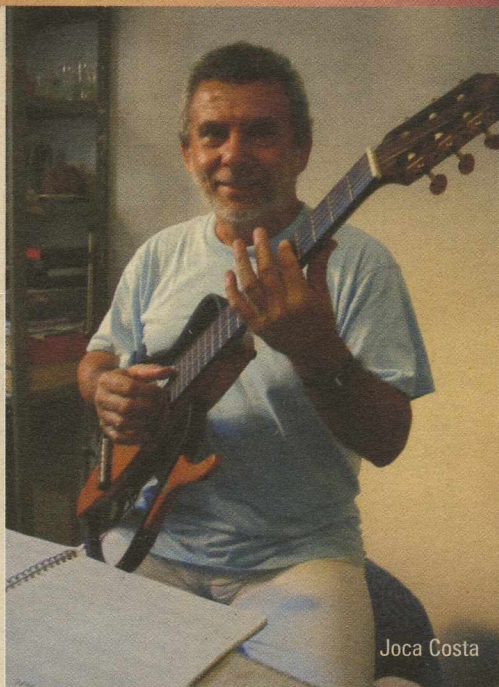
Puro *merseybeat* de bailinho. Começa de supetão, como se já tivesse transcorrido meia faixa. O vocal soa gravado ao vivo. É possível ouvir acordes de órgão esparsos de Etel sob uma muralha de guitarra bem *drenched*, cortesia do estúdio àquela época.

### 6. Lembranças (Raulzinho/C.H. Gonçalves)

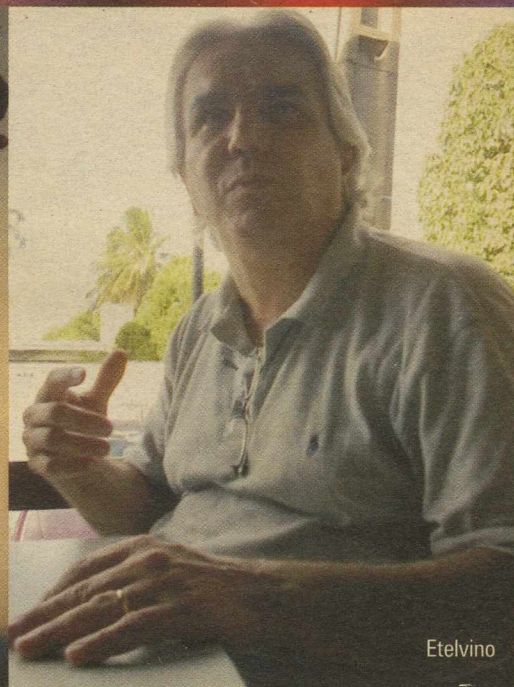
O bregão do disco, tendo saxofone irritante e levada “chacundum” de puteiro. A letra é de um primarismo hilariante, citando “aquela vida de outrora”, “teu semblante sorrir na paixão” e outras baboseiras. Uma das piores faixas gravadas pela banda.

### 7. Lágrimas Azuis (Joca)

Instrumental *fusion* entregue à maestria de Joca Costa. Os solos transcorrem sucessivos ao longo da base providenciada por Clauton e Poty Lucena, num triunvirato arrasador. Alvíssaras a John McLaughlin, Jeff Beck e Carlos Santana. Paga o disco inteiro.



Joca Costa



Etelvino

### 8. Sábado (Frederyko)

O cover para o clássico do Som Imaginário que o genial guitarrista Frederyko — o Frederá — compusera no disco de estréia daquela banda. Fiel ao arranjo original, o grupo se supera e mostra que também arrebenta em termos de MPB.

### 9. Um Bom Lugar (Lulinha/Etel)

É a melhor faixa do álbum e onde o quinteto mais parece entrosado musicalmente, enfrentando a complexidade da canção com desenvoltura. Entre Crosby, Stills & Nash e Beatles na fase *Abbey Road*. Atenção para a fantástica *slide guitar* de Joca Costa.

### 10. Sentado no Arco-Iris (Leno/Raul Seixas)

A parceria de Leno com o Maluco Beleza resultou num rockão de riff marcante e estribilho *hard*. Além do acento psicodélico na vocalização, a tendência foi achar o tom certo da rebeldia impressa na interpretação. Deu certo.

### 11. Muito Tempo de Som (Poty Lucena)

Uma coda bobinha para arrematar o disco, paga tributo à Jovem Guarda. Presença maciça da guitarra novamente voltada ao country, como já bem pretendiam antever os arautos da Jovem Guarda.

\*Rodrigo Hammer agradece a Leide Câmara (Acervo da Música Potiguar) pela cessão do LP original e reprodução da contra-capa.

## ALGUMAS CURIOSIDADES DE LÁGRIMAS AZUIS

### Colírio

O título do disco surgiu de um insight de Leno, após perceber uma misteriosa “lágrima azul” pingar de um dos olhos de Joca Costa durante a audição de um playback. “O colírio é que era azul,” brinca o guitarrista.

### Eco

Segundo o tecladista, o efeito da câmara de eco ouvido em *(Tudo vai mudar) Amanhã* e *Sentado no arco-íris*, terminou “exagerado” por um erro do técnico responsável. Nem a mixagem conseguiu dar jeito.

### Distância

Os solos de saxofone ouvidos na balada Lembranças, pertencem a um músico desconhecido, ainda hoje não identificado pelos integrantes da banda. “Gravaram quando a gente já não estava mais por lá,” garante Etelvino.

### Sintetizador

A mixagem também teria comprometido negativamente certas passagens de sintetizador, como a que deveria estar mais destacada durante *Fuga*. O mesmo ocorreu a algumas bases de Joca Costa, prejudicadas no processo.

### Preciosismo

O instrumental *Lágrimas azuis* exigiu diversos takes e sucessivos *overdubs* de guitarra, uma *pièce-de-résistance* de Costa executada com preciosismo. Cuidados vocais semelhantes receberam *Sábado* e *Fuga*.



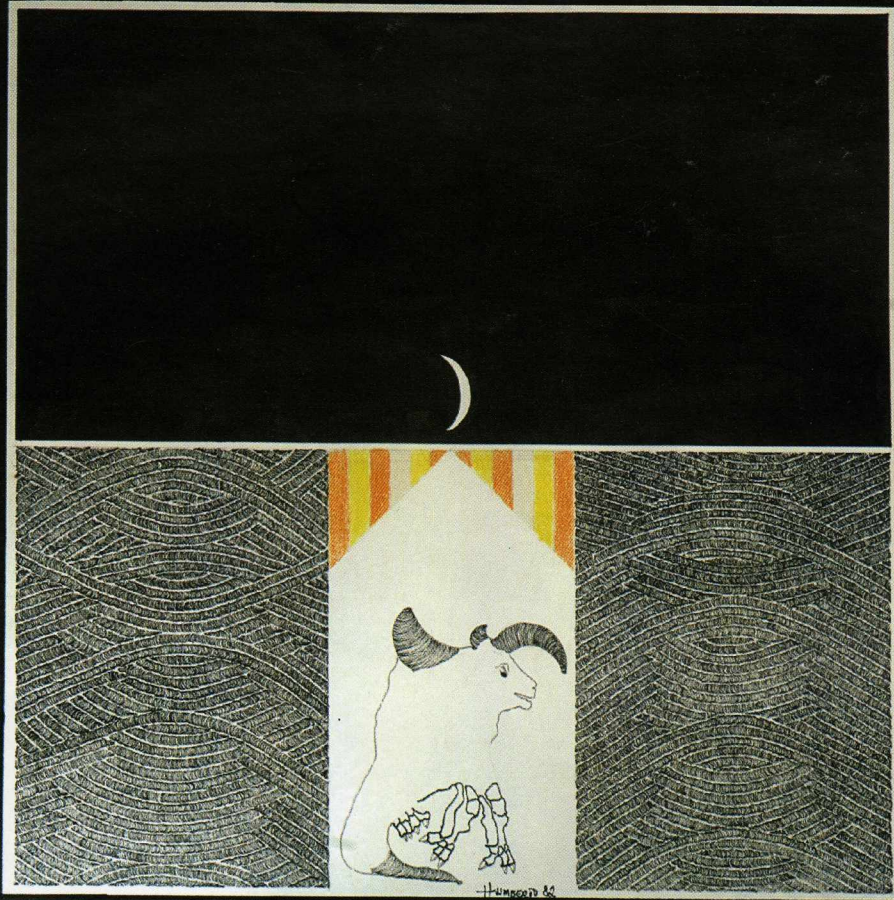
S/ TÍTULO.  
Acrilica s/ madeira, 1998.  
Acervo Prefeitura Municipal  
de Natal

Fotos  
Argemiro Lima

Arquivo



Carlos  
Humberto  
Dantas



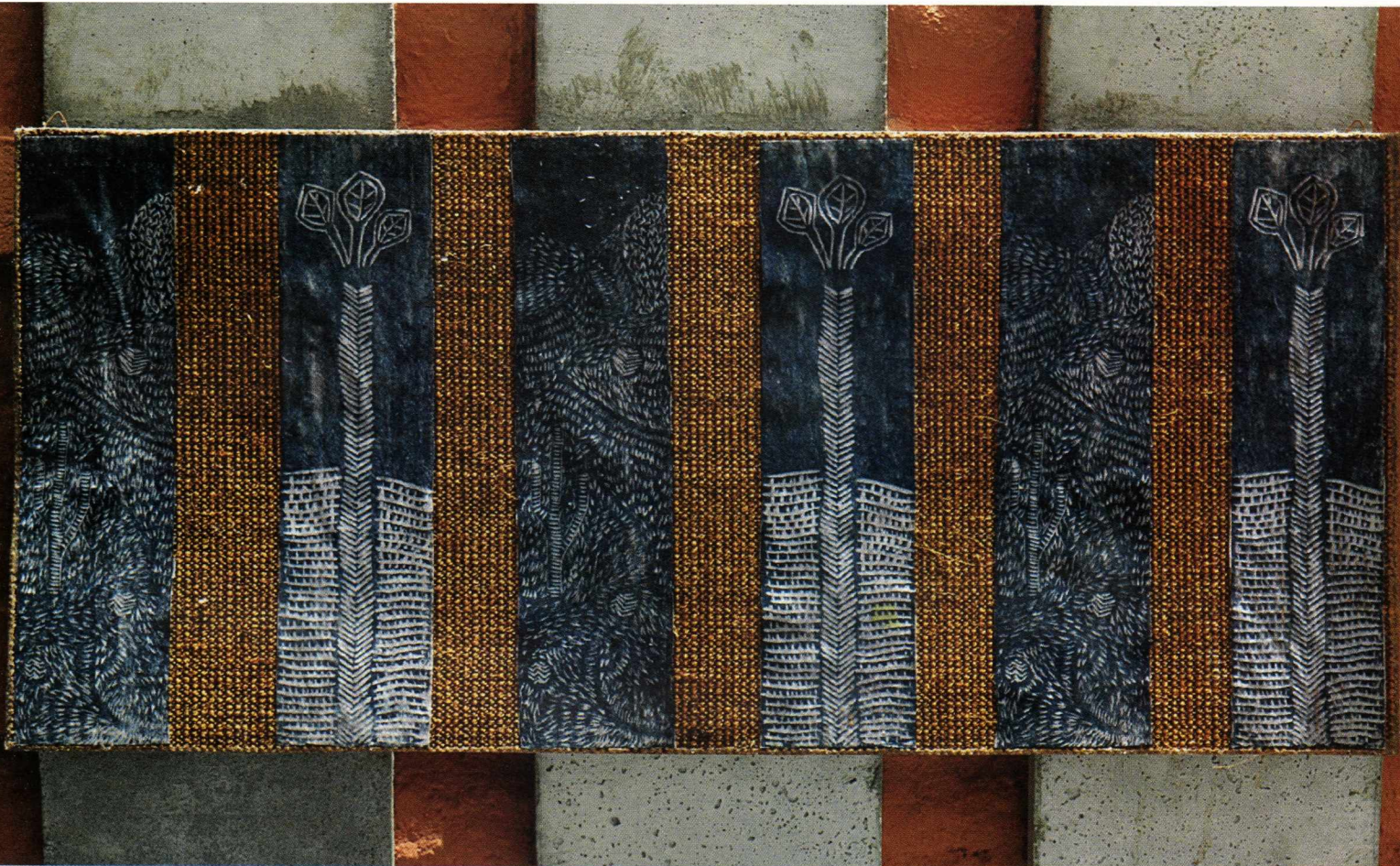
S/ TÍTULO.  
Técnica mista, 1982.  
Acervo Solar das Artes

E a pedra era  
como toda pedra  
a base da casa  
e de outras coisas  
que em torno da casa estavam.

A casa poderia ser o centro  
como poderia ser o centro  
a praça,  
e tudo que era praça  
e quase tudo que rodeava  
era pedra.

sendo  
a sina e o sino,  
apito e apelo  
carne e osso,  
corpo,  
(esse mar) onde  
me entrincheiro  
e me renovo.  
algo  
ou alguém em mim  
se acrescenta  
a cada poema  
que (re)nasce  
neste espaço que  
pensa

CARLOS HUMBERTO DANTAS  
Do livro *7 canções da terra e outros poemas*, 1986.



S/ TÍTULO.  
Técnica mista, 1998.  
Acervo Candinha Bezerra



S/ TÍTULO.  
Aquarela, 1988.  
Acervo Solar das Artes



S/ TÍTULO.  
Aquarela, 1988.  
Acervo Solar das Artes

### CARLOS HUMBERTO DANTAS

Artista plástico e poeta. Nasceu em Acari-RN e desenvolveu importante trabalho como artista plástico, tendo participado de várias exposições. Recebeu o Prêmio Auta de Souza de Poesia-1984. Em 1979 teve seus versos traduzidos pelo crítico e tradutor Gilbert Chaudanne na revista francesa *Prisme*, ao lado dos poetas potiguares João Batista de Moraes Neto, Franklin Jorge, e Vicente Vitoriano. O seu livro *Sete canções da terra & outros poemas* (1986), foi agraciado com o Prêmio Fundação José Augusto de Poesia, em 1982. Morre em dezembro de 2005.



S/ TÍTULO.  
Óleo s/ tela, 1995.  
Acervo Prefeitura Municipal  
de Natal

José Leandro (à frente), professor;  
Gláucia Santos e Josenilton Tavares,  
coordenadores do CMAI

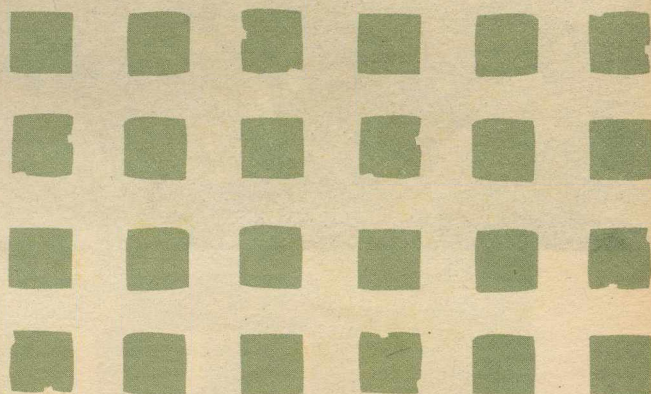
Texto  
Ugo Leite

Fotos  
Argemiro Lima



# ARTE INTEGRADA

Centro Municipal de Artes Integradas  
oferece cursos artísticos na Zona Norte



Miguel Bernardino, 37 anos, morador de  
Nova Natal: "Um incentivo maravilhoso"

A certa altura da Avenida João Medeiros Filho, mais conhecida como Estrada da Redinha, no Conjunto Panatis, do lado esquerdo de quem vai para a Redinha, uma área de lazer é facilmente percebida. Com campo de futebol, pista de cooper, quadra poliesportiva, pista de esquite. A antiga Área de Lazer do Panatis I, hoje atende pelo nome de Espaço Cultural Francisco das Chagas Bezerra de Araújo. É também nesse Espaço que se encontra o Centro Municipal de Artes Integradas (CMAI), projeto da Fundação Cultural Capitania das Artes (FUNCARTE), inaugurado em agosto de 2005, oferecendo, gratuitamente, oito cursos de música. Teatro, dança e artes plásticas também farão parte dos cursos oferecidos pelo Centro.



O músico Alexandre Moreira ensina a técnica de cavaquinho para o chorinho

Alunos de contrabaixo aprendem a digitação do instrumento com o professor José Fontes



Alexandre Moreira (cavaquinho e bandolim), Alexon Lemos (teclado), Camilo Lemos (guitarra), Carlos Zens (flauta doce), Egberto Lucas (violão), José Fontes (baixo elétrico) e José Leandro (canto). Eis a banda/equipe de professores que dispensa maiores apresentações e que é responsável pelo ensino dos 600 alunos matriculados no CMAI. Cem por cento dos discentes são da zona norte. Ou da rede municipal de ensino ou da comunidade Panatis e adjacências. Noventa por cento dos alunos são de iniciantes. A faixa etária varia dos 8 aos 50 anos. Cada curso tem duração de 2 anos, com 4 módulos (semestres). Ao término de cada módulo, há uma Mostra Pedagógica, com alunos apresentando seu aprendizado ao longo do semestre aos familiares e à comunidade.

Dono de uma timidez monossilábica, quando não emudecedora, Vandêilson Eugênio Bezerra, de 10 anos de idade e morador de Pajuçara, é uma das promessas do Centro. Lá fora, enquanto o menino transpõe sua timidez à arte do aprendizado de dedilhar o cavaquinho, seu pai, Valério Moraes Bezerra, que sempre acompa-

nha o filho às aulas, muito comunicativo, fala orgulhoso do menino: "Na primeira aula ele já tocou Parabéns e ficou empolgado. Eu me empolguei junto e já dei um cavaquinho. Por causa disso, lá em casa, minha filha tomou gosto e já tá estudando música também. O CMAI tá fazendo um bem danado a muita gente".

"A proposta do Centro é a de possibilitar a experiência de as pessoas terem contato com a arte, tanto para serem profissionais quanto para serem cidadãos com gosto pela arte, com acesso à cultura, com mais perspectivas", ressaltou o coordenador administrativo do CMAI, Josenilton Tavares. Segundo a coordenadora pedagógica do Centro, Gláucia de Medeiros Santos, muitas surpresas maravilhosas têm habitado o CMAI desde a sua inauguração. "É incrível a disciplina desses 600 alunos. E temos que desmistificar a idéia de que as pessoas mais carentes não têm potencial. Aliás, os potenciais por aqui são mais fortes porque crescem com mais dificuldades.

Tem gente aqui sonhando alto, descobrindo possibilidades".

Essa descoberta de possibilidades agora também faz parte da vida de um funcionário do CMAI, Miguel Bernardino da Silva, de 37 anos e morador de Nova Natal, que demonstrou interesse pela música, entrou no curso de cavaquinho e já está dando as primeiras palhetadas e sonhando tocar, algum dia, numa banda. Os filhos de Miguel, Milleanderson, de 14 anos, e Mizael, de 12, também entraram para o Centro. "Inclusive, meu filho de 14, tinha abandonado a escola. Depois que começou a estudar baixo elétrico voltou à escola (Antônio Fagundes – Santarém). Foi um incentivo maravilhoso".

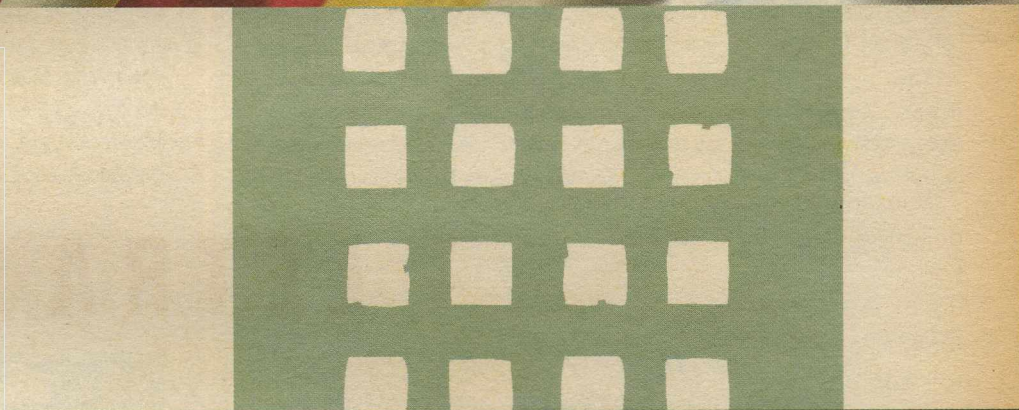
Como a maioria dos alunos não tem instrumento próprio nem dinheiro para comprar um, o Centro dispõe de cabines para estudos individualizados. Basta o aluno reservar um horário, podendo ser



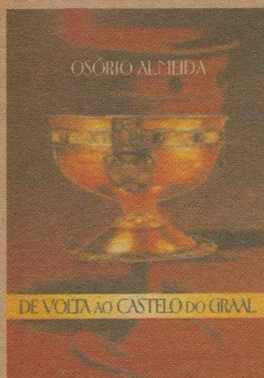
Crianças aprendem a técnica da flauta doce nas aulas do centro

prorrogado por mais uma hora, caso o próximo horário esteja livre. O CMAI também promove cursos de extensão e oficinas, para integrar alunos, professores e comunidade. “Estamos trabalhando, constantemente, para a melhoria do Centro. Os professores estão sempre se reciclando. E, aos poucos, faremos intercâmbios, chamando artistas e bandas de outras zonas da cidade. Outra intenção é criar um elo com o arte-educador de cada escola onde também estude um dos nossos alunos, para melhorar seus desempenhos em todos os aprendizados”, disse Josenilton.

O Espaço Cultural Francisco das Chagas Bezerra de Araújo carrega o nome de um poeta, músico, galerista e documentarista em Super-8, mais conhecido como Chico Miséria, pois as pessoas diziam que ele fazia “miséria”. Nasceu em 1943. A inclinação para a arte fez Chico investir na descoberta de talentos locais. Como produtor, trouxe a Natal nomes como Gilberto Gil, Rita Lee, Fagner e Jorge Mautner. Chico Miséria faleceu em 1995. Uma década após sua morte, a homenagem. Ele dá nome ao Espaço onde fica o Centro Municipal de Artes Integradas. E há, lá, a promessa de muita gente que vai fazer, como Chico, “miséria”.



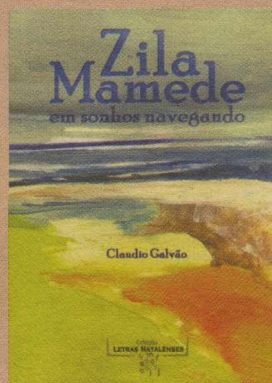
Vandelson Eugênio Bezerra, 10 anos, é considerado uma das promessas da nova escola



**UMA AJUDA  
MALUCO BELEZA**

**De volta ao Castelo do Graal**  
Osório Almeida  
Sebo Vermelho, 69 páginas

Ah, se todos os malucos fossem como Osório Almeida. Melhor: Ah, se todos fossem malucos como Osório Almeida. Com certeza, esse mundo já teria se acabado. E voltado, reencarnado como um lugar bem melhor. O autor é comunista retinto, ex-hippie (se bem que não se deixa de ser hippie, apenas se troca de roupas) e um militante de longas datas da imprensa, e entenda-se como imprensa não o instrumento de dominação que conhecemos hoje em dia, mas aquele ideal humanista que permite a cada um dizer aquilo que lhe der na telha. Agora, em *De Volta ao Castelo do Graal*, Osório volta suas baterias ideológicas para o fenômeno editorial que é a auto-ajuda. E desmascara o lenga-lenga viva-numa-boa do gênero para mostrar que o problema do homem está mesmo no lobo do homem. Reunindo teorias socialistas, nova era, libertárias, psicanalistas, Osório delinea algo genuinamente brasileiro, o socialismo rauseixista, resultado de muitos anos de janela nesse mundão de meu Deus. Ops, esqueci que o autor é ateu.

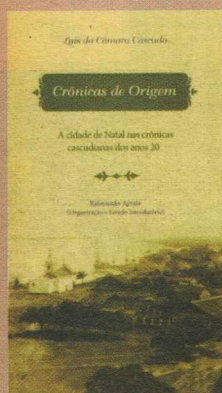


**UMA VIDA  
DE POETA**

**Zila Mamede  
em sonhos navegando**  
Cláudio Galvão  
Co-edição Capitanía das Artes/Diário de  
Natal, 207 páginas

O professor Cláudio Galvão é um raro exemplo de autor profissional em nosso limitadíssimo mercado editorial. Aproveitando da larga experiência como historiador, vem há anos se especializando em construir detalhados levantamentos sobre o povo e a história do nosso estado. Depois de um belo livro sobre a história do Teatro Alberto Maranhão, Cláudio Galvão volta suas atenções agora para aquela que é considerada uma das maiores expressões da poesia potiguar, a escritora Zila Mamede. Em pouco mais de 25 anos de produção, Zila Mamede construiu uma sólida carreira, ainda que de projeção nacional um tanto limitada, mas que angariou elogios dos principais nomes do cânone brasileiro, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Paralelo a essas atividades, a poeta se dedicou com afinco à profissão que escolheu, de bibliotecária, produzindo obras de fôlego na área, como nos livros sobre Câmara Cascudo e João Cabral de Melo Neto.

**LETRA** ALEX DE SOUZA



**PRIMEIROS PASSOS  
DO MESTRE**

**Crônicas de origem**  
**A cidade de Natal nas crônicas  
cascudianas da década de 20**  
Câmara Cascudo (Org. Raimundo Arrais)  
Co-edição Editora Universitária, 158 páginas

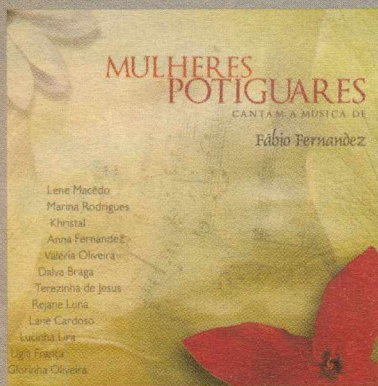
Ainda estamos no primeiro trimestre, mas arrisco que esse seja o livro do ano. Em *Crônicas de origem*, o professor Raimundo Arrais, do Departamento de História da UFRN, reuniu as primeiras incursões do "patrono" de nossa revista, Câmara Cascudo, na imprensa natalense. Os principais traços que marcariam o estilo do futuro mestre da cultura brasileira estão delineados nesses textos. A prosa leve, mesmo quando trata de temas dos mais eruditos, o bom humor, a fina ironia, o tom professoral, mas nada pedante, estão todos lá, espalhados pelas crônicas. Mordaz, o jovem Cascudo ataca as instituições culturais da cidade, já demonstrando preocupação com os valores e a história da nossa terra e buscando dar sua contribuição, agitando o marasmo provinciano. Em "Larico Pelado", da série *O livro das velhas figuras*, o artifício da anedota e do causo, usado para o resgate de personagens históricos, lembra muito *Homens de outrora*, de Manoel Dantas. A história do ex-presidente da província é para rir até cair do sofá.



**MENSAGEM  
DO PASSADO**

**Carta da seca**  
Targino P. Pereira (Org. Oswaldo  
Lamartine de Faria)  
Co-edição Sebo Vermelho/Coleção  
Mossoroense/Alfarrabistas do Indez da  
Ema, 50 páginas

Doutor Oswaldo Lamartine abre o baú e nos presenteia com essa interessante carta sertaneja. Escrito em tempo incerto, o documento foi parar nas mãos de Lamartine na década de 40, via José Gonçalves Pires de Medeiros, que dizia tê-lo encontrado no lixo, em Acari. Ocorre que o autor, se existiu, não foi identificado por Oswaldo Lamartine nem pelo colaborador José Bezerra de Araújo nas diversas fontes sobre genealogia seridoense, o que confere uma aura de mistério a texto tão singular. Utilizando-se de um linguajar arcaico, rico em abreviações, escrevente pede a um primo, Antônio Pires de Albuquerque Galvão, que o ajude a enfrentar a fúria da seca que se abate sobre sua região. Com uma arguta visão da diferença de classes, apela aos mais abastados para que aplaquem a fome dos necessitados, num discurso marcado pela forte religiosidade sertaneja. Este livro faria parte de um restrito clube de bibliófilos que Oswaldo Lamartine pensava em montar entre amigos. Ainda bem, para nós, que a idéia não vingou.



## ALMA FEMININA

**Mulheres potiguaras cantam a música de Fábio Fernandez**  
 Fábio Fernandez  
 Independente

Uma homenagem às mulheres potiguaras. Romantismo não poderia ser uma palavra estranha nesta obra do compositor e instrumentista Fábio Fernandez. Traz vozes conhecidas como Glorinha Oliveira, Terezinha de Jesus e Lucinha Lira, além de intérpretes da nova geração. Produzido em parceria com o baterista Di Steffano que toca no disco, a obra apresenta-se dentro daquilo que se espera: as baladas típicas num formato apropriado para vozes femininas. Fernandez, baixista que exercitou a composição em carreira restrita ao estado, produziu uma peça também mais voltada para intérpretes locais, utilizando parceiros potiguaras. Neste disco, o destaque fica por conta das participações de Lene Macêdo em *Girassóis* com Khristal (*Luamar*) e Lígia França em *Canção do sol*. Obviamente Fernandez contou com um time de primeira linha para acompanhar as cantoras: Roberto Taufic, Jubileu Filho, Zé Hilton, Di Steffano, entre outros.



## HERÓI DOS ANOS 90

**Sorte**  
 Helder Gomes  
 Independente

Helder Gomes, embora desconhecido pela maioria do público natalense, é representante da geração que fez história no rock da cidade nos heróicos anos 90. Foi fundador e compositor da lendária Floberla Espanca, grupo que marcou a cena local ao lado de bandas como General Lee e Modus Vivendi. De todos os integrantes dessas bandas, Helder é o primeiro a gravar um disco solo. *Sorte* traz composições assinadas pelo músico, escoando e ecoando uma produção repesada ao longo dos anos em que tocou no Florbela e no Antônio Maria, sua segunda banda. As letras são simples e o som é puro pop-rock com influências de bandas da década de 80. O músico fala de amor, nostalgia, natureza e dos ideais de sua geração. Destaque para as faixas *Cigarros e discos*, uma das mais conhecidas do Florbela Espanca, *Pessoas* e *Sorte*, com a qual participou do Skol Rock em 1997 em Recife com a extinta Antônio Maria.

# MÚSICA

MOISÉS DE LIMA



## MPB E ROCK EM SINTONIA

**Festival do desconcerto**  
 Seu Zé  
 Mudernage Diskos

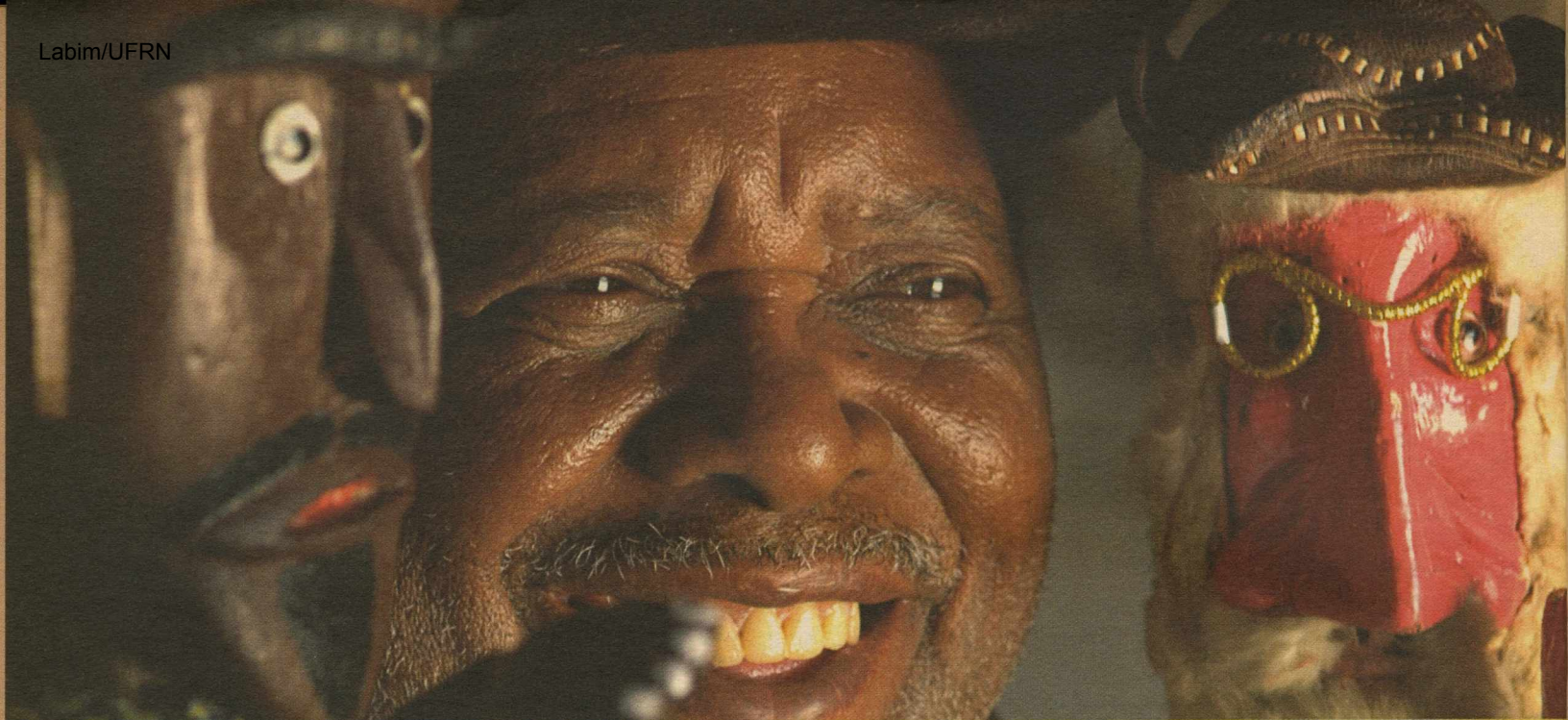
Seu Zé é, com certeza, uma das mais promissoras bandas da cena potiguar atualmente. Com letras inspiradas e instrumentistas de boa técnica, o quarteto dá uma boa mostra de criatividade em *Festival do desconcerto*, lançado pela Mudernage Diskos, CD bem produzido e gravado. A banda faz bem a velha mistura de MPB e rock e tem sido uma das mais presentes na noite natalense. No caldeirão de influências estão Chico Buarque, Mutantes e ritmos diversos como samba e blues. Vale destacar, entre as dez faixas, todas autorais – *O coroné*, *Sai galada* e *Não cuspa no prato que comeu*. O disco tem o mérito de apresentar também o trabalho do baixista Lipe Tavares, principal compositor do grupo e de Caio Vitoriano, responsável pela criativa concepção gráfica. Seu Zé é formado por Lipe Tavares (voz e baixo), Fell (voz e guitarra), Augusto Souza (guitarra) e Xandi Rocha (bateria).



## BAIXO NA FRENTE

**Continuo brincando**  
 Sérgio Groove  
 Independente

Há músicos que não precisam mais fazer nada para provar a sua excepcionalidade. Há alguns que estão "sobrando" no sentido da qualidade do que produzem em relação aos demais. As afirmações acima se aplicam bem ao baixista potiguar Sérgio Groove, sem exagero, um dos grandes em seu instrumento no Brasil. Tivesse ele, nascido em São Paulo ou se atuasse no Rio de Janeiro, por exemplo, estaria seguramente fazendo carreira internacional. No entanto, para orgulho da música potiguar, nasceu aqui. Acaba de lançar o segundo disco solo, *Continuo brincando*, sequência de *Brincando com os dedos*. Neste novo CD, Groove retira o baixo do seu mero papel de instrumento acompanhante, para lançá-lo como solista de todas as peças. É impressionante! O disco tem ainda o luxo de contar com a participação de Arthur Maia (baixo), Eduardo Taufic (teclados) e Jubileu Filho. Ouça e comprove.



Todo mundo o conhece como Chico Daniel, mas de batismo o nome dele é Francisco Angelo da Costa. O Daniel veio do pai. Quem é do interior sabe como funciona: o nome pelo qual você é conhecido na cidade vem por ascendência. Assim, o Francisco filho de Daniel dos Calunga, que só queria saber de ficar imitando as artes do pai, só poderia ser conhecido como Chico de Daniel. Daí já viu. Com aquele jeito meio atropelado do povo falar, foi ficando "Chico de Daniel..., Chico D'Daniel..., Chico Daniel...". Mas, até ele ficar conhecido como o Mestre Chico Daniel, certamente o mais talentoso mamulengueiro vivo no Rio Grande do Norte, demorou ainda um tempinho.

Daniel dos Calunga, ou Daniel Calungueiro, era muito conhecido nos anos 40/50, lá pras bandas de Assu, pela dupla que fazia com Feliciano na brincadeira dos bonequinhos de marionete, o calunga ou João Redondo. E foi desse jeito que, sempre que Daniel dos Calunga brincava, o pequeno Chico, sem que ninguém notasse, ficava só espiando. "Quando meu pai brincava, eu ficava no cantinho, quieto, e prestava atenção. Ai, quando eu saía de manhã para caçar de baladeira com meu irmão Manoel, ele ficava entretido na caça e eu ia para detrás das moitinhas, pegava dois pedaços de pau e ficava brincando. E treinando as vozes. Se alguém passasse na hora, pensava até que tinha duas pessoas conversando nos matos. Ora, quando meu irmão vinha e me encontrava, dizia: 'Você vai ficar é doido!'"

Mas Chico gostava tanto daquele negócio que findaram doidos ele e o irmão, que depois resolveu virar calungueiro. E um outro irmão, Zé, também. Era calunga demais só para Assu. Então, Chico, quando completou quinze anos, juntou-se a Zé e a um amigo chamado Marcolino e ganharam o mundo. Foram parar em Areia Branca. "Para montar o grupo, Zé precisava tocar sanfona... Então, ele aprendeu uns tons, Marcolino acompanhava no pandeiro e eu ficava no pano." Mas não dava para viver só dos bonecos. Chico começou a trabalhar de engraxate e, curioso que só ele, logo aprendeu o ofício de sapateiro. Completava o sustento consertando calçados. Nos fins de semana, ia para os interiores se apresentar.

Foi assim que, passando por São Rafael, conheceu uma menina chamada Antônia. Depois da brincadeira, ela chegou para eles e disse:

– Eu queria ir me embora daqui. Posso ir com vocês?

Chico Daniel achou a menina uma graça:

– Pode sim. Agora, não era bom a gente ir falar com seus pais, não?

– Ih, é melhor não, meu pai e minha mãe não vão deixar eu ir com vocês de jeito nenhum...

Diante desse impasse, qual foi a alternativa dele? "Fomos embora escondidos. 'Roubei' a menina como o povo diz", assume. O casamento, mesmo proibido, foi para a vida toda. Com Antônia, Chico Daniel teve 14 filhos, dos quais dez vingaram: sete mulheres e três homens. "Ora, quando voltei por São Rafael já foi com filho no colo, aí os pais dela não podiam mais fazer nada", diz.

Texto  
Alex de Souza

Fotos  
Argemiro Lima

MEMÓRIA POPULAR  
CHICO DANIEL

# MAMULENGUEIRO ☺



**Chico Daniel em 1979 durante a realização do Encontro Anual de Apresentadores (acima). Abaixo, ao lado de um grupo de mamulengueiros, no mesmo evento. Da esquerda para a direita, em pé: Antônio Gordo, Joaquim Lino, Chico Daniel e Garrafinha; sentados: Zé Relampo, Joaquim Cardoso e Antônio Relampo (Imagens do livro *João Redondo – Teatro de bonecos do Nordeste*, de Deífilo Gurgel).**



### PRIMEIRA VEZ EM NATAL

E assim foram levando a vida, na estrada. De cidade em cidade, acabaram indo parar no Maranhão. Até que, em 1979, resolveram que era hora de voltar ao Rio Grande do Norte. E foram se estabelecer em Baixa Verde (hoje João Câmara). Um dia, em casa, sentado num tamborete ouvindo rádio, Chico Daniel escutou uma conversa que lhe chamou a atenção.

"Dizia mais ou menos assim: 'Aqui na Fundação José Augusto, em Natal, estamos procurando mamulengueiros de todo o estado para participar do Encontro Anual'. A voz era a do professor Deífilo (Gurgel, folclorista). Minha mulher vinha passando, e disse: 'Ô, Chico, isso não é esse negócio que tu faz, não?'. 'Será?', respondi. Mas parece que tava adivinhando... Na mesma hora, Deífilo respondeu no rádio: 'Para quem não sabe o que é mamulengo, é a mesma coisa que vocês conhecem como calunga, João Redondo'. Na mesma hora, o povo lá de casa ficou insistindo pr'eu vir a Natal participar do encontro. Até que me empolguei, mas depois fiquei com uma idéia na cabeça. Eu nunca brinquei na capital, tava acostumado a fazer a brincadeira para pouca gente, nos interiores. Eu ia ficar envergonhado de me apresentar para uma ruma de gente. Depois, e se eles fizessem de um jeito diferente do meu, se o povo não gostasse? Rapaz, eu fiquei aperreado. De modo que era para eu ter vindo antes a Natal me inscrever, e acabei não vindo. Só que o povo lá de casa ficou dizendo: 'Homem, vá...!'

Quando foi no dia do encontro mesmo,



eu juntei coragem e resolvi ir. Saímos lá de Baixa Verde eu e Josivan, meu filho mais velho. Ele tinha uns dez anos na época. Quando chegamos na Fundação José Augusto, menino, era gente demais. Tinha um bocado de Zé Relampo."

A família Relampo era formada por três irmãos mamulengueiros que ficaram bastante conhecidos no estado depois que a Fundação José Augusto começou a fazer o Encontro Anual de Apresentadores de João Redondo, em 1976. Zé, Miguel e Antônio tinham por sobrenome Soares de Assis, mas viraram Relampo pelo jeito apressado de andar da família.

Josivan, filho de Chico Daniel, ficou

espantado com a multidão: "É muita gente, pai!" Mas Chico não se intimidou, adentrou o gabinete do presidente da Fundação e procurou o organizador do encontro, Deífilo Gurgel. O pesquisador ficou intrigado com ele, que se apresentou como mamulengueiro. "E você é de onde?", perguntou. Chico respondeu: "Sou do Rio Grande do Norte." "E você estava onde que ninguém lhe conhece por aqui?" "Eu estava no Maranhão, desde 74." "E você brinca bem?" "Não vou dizer que sei brincar porque aqui é diferente do que eu tô acostumado." "Diferente por quê?" "Oxe, porque aqui é a capital!" "E você nunca brincou em cidade grande?" "Não, só em



O mamulengueiro ao lado dos filhos que dão continuidade à tradição do João Redondo

povoado pequeno.” “Olha, agora esse ano não dá para você se apresentar, não. Porque já está tudo agendado e não tem mais horário disponível. Você deixa o nome e o endereço aqui, que a gente lhe chama no ano que vem.”

De certo modo, Chico já esperava por isso, afinal havia lhe faltado coragem para vir se inscrever antes. Deífilo olhou para ele e perguntou: “Me diga uma coisa, você veio da onde mesmo?” “Vim de Baixa Verde.” “E você tem o dinheiro da passagem de volta?” “Tenho, sim senhor.” Deífilo parou por um instante e depois disse: “Olha, a gente está pagando 500 cruzeiros pela apresentação, mas eu lhe dou 200 do meu dinheiro para você fazer uma apresentação agora, no auditório da Fundação, para você não perder a viagem, tá certo?”

Chico arregalou os olhos quando ouviu o valor. Ele jamais tinha arrecadado mais que 30 cruzeiros com as apresentações pelo interior. Josivan cochichou baixinho: “Pai, é dinheiro demais!” Chico topou na hora. “Ensinei o menino a tocar o rádio, com a fita de forró. Naquela época não tinha condições mais de manter a ‘orquestra’ (os tocadores que acompanham a apresentação, geralmente um sanfoneiro e um tocador de triângulo). Ele ligava o toca-fitas e, quando eu dava um sinal combinado, ele desligava. Aí, quando eu comecei a brincar, o povo começou a rir. Pensei logo: ‘Será que tão mangando d’eu?’ Mas o povo continuou o risadeiro. ‘Se não tiverem mangando, então tá bom demais!’” A apresen-

tação, que era para ser só uma meia hora, durou uma hora e quinze minutos. O povão e os estudiosos presentes ficaram impressionados com o talento de Chico Daniel, o que talvez tivesse despertado um pouquinho de ciúme em Zé Relampo, que era sempre a estrela do Encontro. Afinal, quando foram perguntar-lhe se havia gostado da apresentação do novato, ele respondeu: “É bonzinho...”

Bom, feito o show, era hora de pegar o dinheiro. Chico se aboletou na porta do gabinete e ficou esperando. Mas era um passa-passa de gente, uma correria, e ninguém dava atenção para ele, que ficou lá, firme. Mas, foi ficando tarde e ele viu que, se ficasse por ali por mais tempo, acabaria perdendo o horário do ônibus da volta. Além disso, Josivan já demonstrava sinais de cansaço. Foi quando passou Franco Jasiello, presidente da FJA. Aí, ele tomou coragem e chamou: “Ô, doutor Frank. É que eu estava querendo saber do pagamento que Doutor Deífilo tinha falado, para eu poder ir me embora...” Ele sumiu lá para dentro e depois voltou Deífilo: “Você não vai embora, não. Vai lá para o hotel, ficar junto com os outros, até o final do encontro”, falou.

Nessa brincadeira, Chico Daniel fez 11 apresentações até o último dia do encontro. “No final deu uns 5.000 cruzeiros de apurado”, lembra. “Era dinheiro que eu nunca tinha visto na vida. Botei tudo na mala dos bonecos e voltamos, eu e Josivan, para Baixa Verde. Mas, rapaz, eu vinha com um medo danado de rouba-

rem a mala. Vim abraçado com ela até descer do ônibus”, conta.

### MACAÍBA E, DEPOIS, NATAL

Um dos que ficaram encantados com o trabalho de Chico Daniel foi o escritor Valério Mesquita. “Ele me chamou para trabalhar na campanha da mulher dele, Odiléia, para prefeita de Macaíba. Ganhei uma casinha num conjunto habitacional e acabei indo morar lá”, diz. “Nessa época eu também fazia muita apresentação por Natal, São Gonçalo... E sempre me encontrava com Manuel Marinheiro. A gente acabou pegando conhecimento”, rememora. Esses encontros acabaram findando numa amizade entre os dois mestres.

Manuel Lopes Galvão, o Mestre Manuel Marinheiro (1931-2004), criou um grupo de boi-de-reis com o qual ficou conhecido nacionalmente e morava já há um tempo no bairro de Felipe Camarão. Por volta de 83, percebendo que o amigo passava por dificuldades financeiras, fez o convite para que ele viesse morar em Natal. “Ele me falava que em Natal era mais fácil de pegar serviço, que onde ele morava era muito bom e, se eu quisesse, ele arrumava um canto para mim. Eu pensei e depois resolvi aceitar”, conta.

“O bairro já era grande, mas não era isso tudo que é hoje. Para você ter uma idéia, a empresa de ônibus (onde fica o terminal rodoviário do bairro) era só uma latada”, diz. Segundo Chico Daniel, quando ele chegou havia somente os conjuntos habitacionais Felipe Camarão I e II, um

tanto afastados do Centro e relativamente isolados dos outros bairros da Zona Leste. "Ali, para as bandas do km 6 (pela rodovia que dá acesso a Macaíba), margeando o Rio Potengi, sempre existiram aquelas sucatas e ferragens", diz. A região era conhecida como o Peixe-Boi, mas Chico Daniel desconhece por quê. Os jornais da capital, na década de 40, já se referiam ao local com aquele nome. Mestre Manuel Marinheiro, numa conversa com o repórter em 2003, explicou que uma vez um peixe-boi subiu pelo rio e apareceu na região. Depois, os moradores começaram a montar um peixe-boi de madeira e tecido e desfilar com ele no carnaval. O nome acabou ficando.

A vida de cigano que levava com os bonecos não deixava Chico Daniel se acostumar com um canto só. "Fora o tempo de Macaíba, eu sempre morei de aluguel. É assim até hoje. Depois que eu vim morar em Felipe Camarão, já mudei de casa não sei quantas vezes", narra. Com a idade, no entanto, chega um dia que cansa. "É um negócio meio chato, ficar para cima e para baixo", admite.

Hoje, está numa casinha simples, mas confortável, a quatro quarteirões do terminal rodoviário. "Aqui é até bom, arejado na frente. Mas é muito morto, não passa muita gente na frente, aí ficou difícil de arrumar um trocadinho", diz. É porque ele nunca abandonou o ofício de sapateiro, que aprendeu ainda jovem. Afinal, pouquíssimos são os artistas populares que podem viver só de arte. Na porta das casas onde morou, não deixava de colocar a plaquinha avisando os transeuntes. "Nessa brincadeira, no miúdo, sempre tirava pelo menos o dinheiro do pão. Assim que criei 10 filhos", afirma.

"Mas como o movimento aqui na rua é fraco, só passa mais carros, até já tirei a placa." Bom mesmo para o negócio paralelo era quando morava nas proximidades na Cruz da Cabocla, uma viela que abriga uma capelinha, já perto dos morros, onde Manuel Marinheiro possuía algumas casas e uma delas era ocupada por Chico.

O bairro hoje integra a região mais violenta da capital. Segundo os últimos levantamentos da Secretaria de Segurança Pública do Estado, em cada dois crimes de morte cometidos em Natal, um é

to que chego, sempre falo de Felipe Camarão, que é para o povo não ficar pensando que o bairro é esse 'bicho'. Eu digo: 'Rapaz, lá em Felipe Camarão tá perigoso demais. Eu tô muito triste. Ontem mesmo mataram meus cunhados. Eles resolveram ir a para feira, montar uma barraca, para tirar um dinheirinho. E não é que veio um bandido e tocou na barraca deles, rapaz? Eu fiquei muito triste. Fiquei tão triste que fiz uma quadrinha para eles'. Ai eu canto uns versinhos, que terminam dizendo: 'Aí que tristeza/ tocaram fogo em tudo/ E queimaram meus dois...

cunhados'. Olhe, é contando essa história e o povo começando a rir", conta.

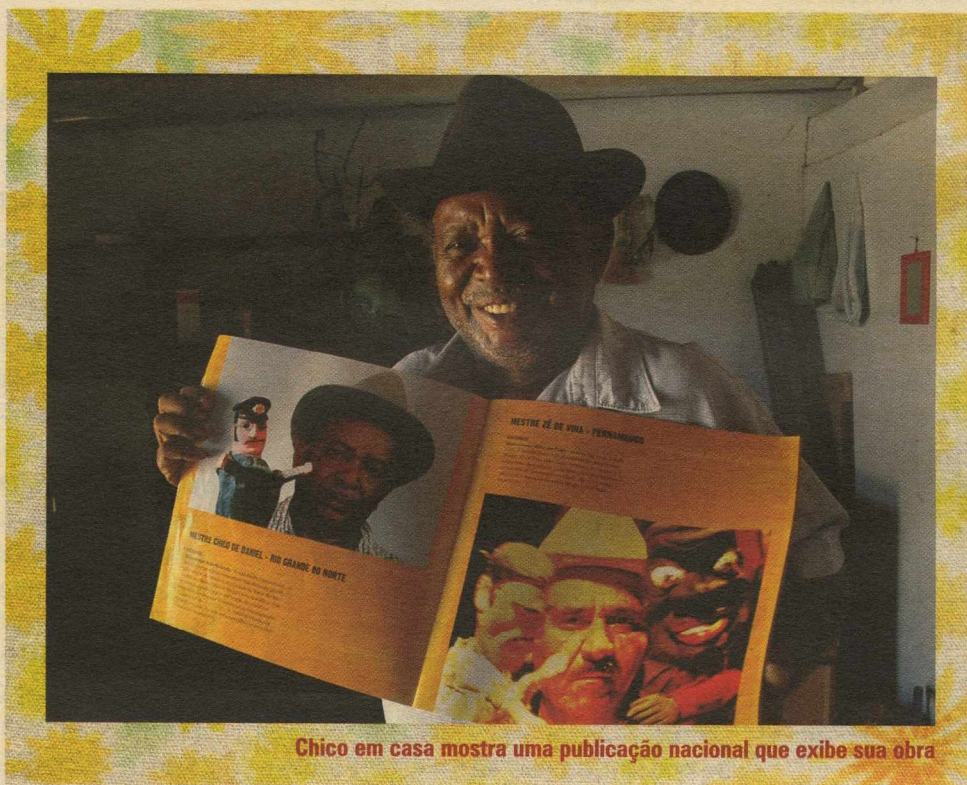
#### A ARTE DOS CALUNGAS

Essa capacidade do improviso não se ensina e a memória boa ajudou Chico Daniel a recolher um repertório de anedotas gigantesco. "No tempo que eu comecei a andar pelo sertão, quando era época da debulha do feijão, o pessoal se reunia e, no meio das conversas, sempre contavam muitas piadas e causos. O povo contava muita história de Trancoso.

Eu ficava só prestando atenção e pegava esses gracejos", aponta.

Ao todo, Chico Daniel se utiliza de doze bonecos. São eles: o Capitão João Redondo, Baltazar, Padre Ibiapina, Inês, Oscar, o Doutor, Tenente Bezerra de Melo, o Boy, Mestre Guedes, Etelvina, Minelvina e o Boi Coração. De cenário, só uma igrejinha.

O personagem principal, e que conta a tal história dos 'cunhados', é Baltazar, um negrinho que faz as vezes de mestre de cerimônias. Inês, mãe de Baltazar. Oscar é, nas palavras de Chico, "o nego que gosta de tomar uma câna; sempre que eu chego numa cidade procuro logo



Chico em casa mostra uma publicação nacional que exhibe sua obra

na Zona Leste. Chico Daniel, no entanto, não se assusta fácil. "Depende da região do bairro onde você mora. Quando eu cheguei, o canto mais violento era ali perto de onde hoje é Fundação Bradesco (instituição mantida pelo banco que oferece educação para crianças carentes do bairro). Hoje é mais calmo", explica. Outro ponto problemático identificado pela comunidade é na região dos morros que marcam o fim do bairro, onde logo depois fica a região "dos sem-teto", como alguns se referem. Nas proximidades da feira fica outra área de conflito.

"Eu brinco até com essa história da violência aqui no Camarão. Em todo can-

saber os nomes dos pingüços da cidade e muda o nome dos personagens para fazer a piada". O Tenente é a autoridade policial; o Boy, o malandro; e Minelvina, a noiva de Baltazar.

Os bonecos são manufaturados pelos filhos de Chico, que inclusive está providenciando uma cabeça maior para algumas das marionetes.

O teatro de bonecos é uma expressão popular comum em diversas culturas do planeta, e que remonta à ancestralidade da raça humana. A brincadeira, no entanto, apresenta características peculiares em cada local que se expressa.

O mamulengo nordestino é singularíssimo. A brincadeira nos moldes como a conhecemos é desenvolvida apenas no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Sua origem é antiga. Até o século XIX, as apresentações faziam parte do ciclo natalino. Os artistas montavam os presépios para encenar o nascimento do Cristo com os bonecos. Com o tempo, as apresentações foram se dessacralizando, apareceram outros personagens e as anedotas foram sendo introduzidas, até sobrares só as "presepadas" dos bonecos.

O universo de personagens limitado favorece a estrutura do espetáculo, dividido em esquetes que dificilmente têm alguma conexão. A tendência é encontrarmos sempre os mesmos personagens em vários brinquedos, variando apenas no nome. As peças seguem um enredo básico, que serve de mote para as improvisações do artista.

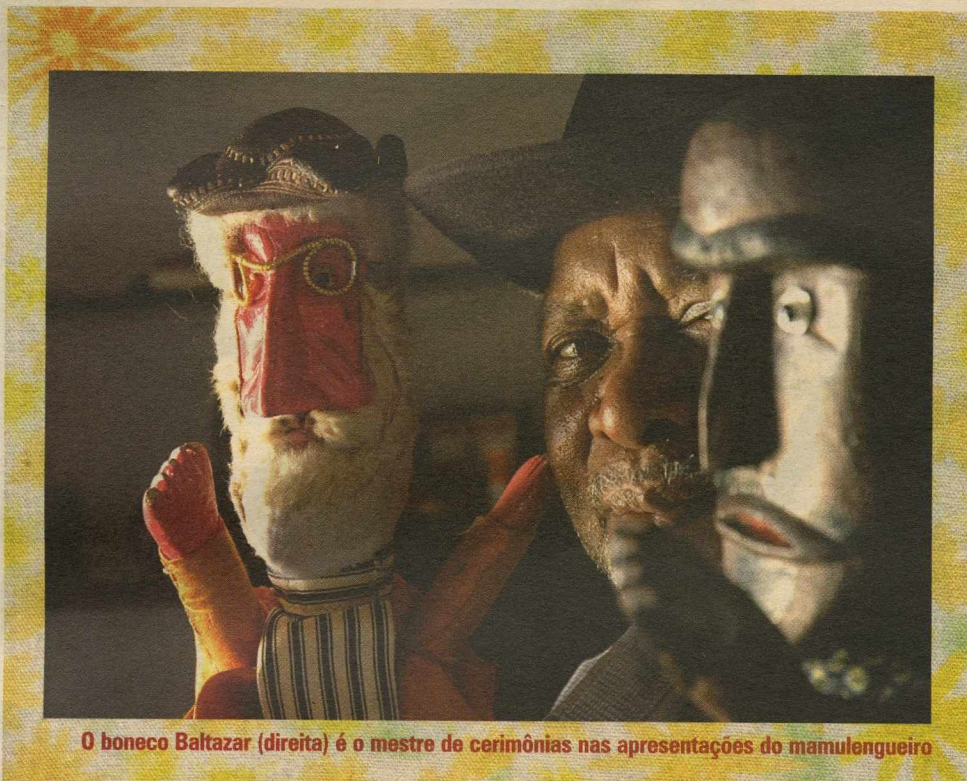
Os bonecos têm a cabeça e as mãos de madeira e o corpo de pano. Hoje os artistas montam estruturas retangulares de aço para montar a tolda. Antigamente,

quando as apresentações eram no interior das casas, a tolda (um pano de xita colorido) era armada num canto de parede, presa em dois pregos. O movimento do artista com as mãos, que mostravam bonecos molengas, é uma das possíveis explicações para o termo "mamulengo".

O diferencial da obra de Chico Daniel, segundo o pesquisador Deffilo Gurgel, é a temática voltada para o urbano, diferente dos demais artistas. O artista usa de diversas fontes, como o circo e o anedotário popular, o que reforça o acento do espetáculo na malícia, na paródia e na sátira.

O mestre vive do salário de funcionário da prefeitura e das apresentações que faz; os filhos que trabalham também ajudam no orçamento da casa. Nesses meses de janeiro e fevereiro é fraco o movimento. A explicação é que no começo do ano as escolas estão de férias, e o artista vive das risadas da criançada. Quando vai chegando abril, maio, junho vai melhorando um pouco. "O preço da apresentação depende do evento. Quando é para instituições, que podem pagar um pouco mais, é R\$ 300. Já se for para festas menores, um aniversário, a gente conversa", revela.

Chico Daniel, como todo grande mestre popular, sabe bem o valor que tem. E, como todos eles, também não tem motivo algum para guardar modéstia de seu talento sem arrogância, deixemos bem claro. "Rapaz, é engraçado. Meus dois meninos trabalham também com João Redondo. E trabalham bem, viu? Agora às vezes o povo não ri muito, não. Veja só, é as mesmas piadas, eles contam do mesmo jeito, e tem vez que o povo não ri. E



O boneco Baltazar (direita) é o mestre de cerimônias nas apresentações do mamulengueiro

No ano passado, Chico Daniel foi convidado para participar da exposição itinerante Sesi Bonecos do Brasil. Conheceu seis capitais, "Brasília, Goiânia, Palmas, Cuiabá, Campo Grande e Vitória", enumerando. Ele inclusive, junto com o amigo Manuel Marinheiro, é um dos patronos do Projeto Conexão Felipe Camarão, criado pela Companhia TerrAmar, o que já lhe possibilitou levar sua arte para muitos outros cantos do país. A ONG usa da cultura e educação para tentar modificar a vida da infância do bairro e divulga a cultura do bairro. "O Josivan é quem dava aulas para os meninos, e tinha uns bons, viu? Só que no momento deu uma paradinha", diz.

comigo, basta eu levantar os bonecos que já começa uns a rir, pode?" Com um toque de mestre, claro que pode.

As informações sobre o teatro de bonecos foram retiradas dos seguintes livros:

*João Redondo – Teatro de bonecos do Nordeste.* Deffilo Gurgel

*Mamulengo – O teatro mais antigo do mundo.* Franco Jasiello

*Teatro de João Redondo.* José Bezerra Gomes

*Fisionomia e espírito do mamulengo.* Hermilo Borba Filho

Texto  
Patrícia Cordeiro

Fotos  
Argemiro Lima



# ANÍZIA

**A bailarina que assumiu a dança como expressão de liberdade**

Uma das primeira alunas do Balé Municipal, ela percorreu caminho inusitado às dançarinas de sua época. Começou a dançar aos 14 anos, quando o comum era iniciar-se nas aulas desde pequena. Em pouco tempo, Anízia Maria Marques era uma das principais bailarinas do corpo de baile, o grupo avançado do balé, representante do Municipal nos espetáculos e competições.

“Minha vontade era tão louca, eu sempre pedia para fazer aulas. Mas nesse tempo ainda existia um pouco de preconceito com o balé. Tanto fiz que consegui, mesmo um pouco mais tarde, apren-

der a dançar”, lembra a ainda jovem bailarina, com um sorriso no rosto, o início de sua trajetória.

Hoje aos 45 anos, professora e diretora artística do Balé da Cidade de Natal, Anízia sorri quando lembra dos perrengues enfrentados para continuar na profissão. Sem dar ouvidos às divergências da família que a queria bem casada, como toda dona de casa, ela foi ao extremo de sua força de vontade. “A única pessoa que me dava todo o apoio era meu pai. Ele era meio louco, era estilista, morava em São Paulo, namorava uma modelo. Era o único que entendia a

minha angústia e os meus desejos”.

Mas a vida prega peças e, aos 17 anos, a jovem bailarina conheceu seu futuro marido. Não demorou mais de um ano, casou-se. Com o aval da mãe e dos familiares, largou o balé. O marido, radicalmente opositor à sua arte, a fez largar as pontas. “Senti minhas asas podadas quando casei”, reflete.

O casamento rendeu à Anízia um dos espetáculos mais difíceis em que ela precisou atuar. Conta ela que, certa vez, em meio a um ensaio geral, seu marido entrou sala a dentro para lhe arrancar do palco pelo braço. “Foi vergonhoso! Ele



ao Rio de Janeiro, fez cursos de férias. Especializou-se o quanto pôde na arte dos padedês e virou professora. Foi então que, em 1988, foi contratada pelo Balé Municipal de Natal.

"Particpei de todos os festivais, fiz muitos cursos. De lá para cá, eu não parei.", orgulha-se Anízia. Mais do que isso, apenas os seus alunos para arrancar-lhe suspiros de satisfação. A companhia hoje conta com 16 bailarinos. "São 16 cabecinhas diferentes. Tenho que ser uma mãe para cada um deles, psicóloga. Mas na hora de falar duro, isso eu sei também", diverte-se ela ao contar.

Depois de tantas complicações, o único desejo não realizado da bailarina é hoje lembrado como um ônus à sua trajetória: o convite para o Balé Estágio, uma das maiores companhias do Brasil. "Tive que renunciar por causa dos meus filhos", orgulha-se. Anízia dançou até 2003 e não esconde no olhar sereno a saudade das sapatilhas.

Para ela, que não gosta de competições, o momento mais marcante do início de sua carreira foi um concurso de coreografia. O Balé de Natal competia com a dança de Dimas Carlos. "Fomos para Recife, o teatro estava lotado. Dançamos e fomos para o ônibus dormir. De repente escutamos anunciarem que fomos o primeiro lugar. Foi muito bom, porque não tínhamos pretensão de vencer nada", diverte-se Anízia.

Como professora, o reconhecimento veio de longe. Um dos maiores mestres de balé, o coreógrafo Armando Duarte conheceu o seu trabalho e há dois anos montou uma coreografia para os bailarinos do Municipal. "Ele me deu de presente e foi um dos maiores presentes que já tive a honra de ganhar", derrete-se Anízia.

O espetáculo *Sobre Ausência* foi montado por Armando Duarte, professor de balé da Universidade de Aiwa, nos Estados Unidos, com os bailarinos americanos de sua companhia. O resultado, segundo conta a professora, não foi tão bom quanto o potiguar. Para Anízia, respaldada pelos bailarinos, "eles não têm a expressão e a vida dos nossos".

Quanto ao balé nos dias de hoje, ela não esconde: "Hoje é muito confortável ser bailarina!". Segundo conta, o tempo de amarrar restos de meia nas ponteiros, encher os dedos de esparadrapo, sentir dores imensas e ter que estampar o sorriso no rosto por cima do sofrimento já passou. "Mesmo assim, é sempre tudo mágico. Como se fosse um sonho muito bom".

O resultado de tanta dor e luta, ela não esconde. A felicidade de ter vencido com o propósito que almejou a vida inteira é resplandecente. "Fiz muita coisa e quero ainda fazer mais. Temos que valorizar o que é nosso e em Natal o trabalho de balé é sério, com excelentes profissionais. Tenho orgulho imenso de fazer parte disso", completa.

não tinha paciência com minha dança, e me disse que eu não precisava 'daquilo'. Sem justificar coisa alguma, me proibiu de dançar. Eu quis morrer nesse dia".

O consolo e maior companheiro nessa e em todas as outras horas difíceis eram encontrados no colo de Roosevelt Pimenta, então professor do Municipal. "No outro dia, fui correndo chorar para ele, pedindo desculpas", revela.

Cansada da luta interna entre seus desejos e suas obrigações, Anízia resolveu se separar. Corria aí 1985 e a jovem de apenas 21 anos viu-se com dois filhos nos braços e nada no bolso ou nas mãos. E foi assim que ela recomeçou a vida. "Não escolhi entre o casamento e a dança. Foi uma escolha pela liberdade de fazer o que eu gosto. Não nasci para ser dona de casa", sentencia.

Um mês depois da separação, correu



ADRIANA LOPES

Bacharel em Artes pela UFJF (MG), Adriana Lopes elegeu o barro para expressar sua poética. Faz pesquisa das massas cerâmicas na pós-graduação de engenharia de materiais da UFRN. Trabalha em seu atelier a técnica do Raku, criada no Japão e desenvolvida por Raku Chojiro, ceramista coreano. "Um pedaço de barro representa tudo que existe de visível na natureza, nele está nossos ancestrais, o mundo animal, o vegetal e o mineral. Com estes elementos adquirimos esta porção mágica que é o barro, e com ele nós podemos realizar os sonhos e quimeras de artistas". Esse pensamento sugere a primeiridade do barro em formas finas. A artista realiza uma pesquisa temática, que vai da racionalidade como as formas geométricas e roldanas de máquinas até a sedução. Em Natal há dois anos, se resente da ausência de coletivas organizadas por grupos de artistas. Expôs em Juiz de Fora, Viçosa, Suíça, Rio de Janeiro e Natal.



AVELINO PINHEIRO

Autodidata, o artista plástico Avelino Pinheiro começou desenhando e estudando as escolas de arte. Prefere a espátula ao pincel, faz aerografia e em 2000 entrou numa fase experimental; usando areia, madeira, arame, ferro, plástico, miçangas, couro e lixo retirados do seu quintal e de depósitos de ferro velho. Mas não abandonou a pintura que tem como fonte principal de inspiração a Cidade da Esperança, bairro onde mora. Pinta com óleo, acrílico, guache, pastel, látex e faz caricaturas. Obteve a quarta colocação em um concurso nacional de caricaturas. Diz ser um observador da arte que acontece no mundo. Expôs em várias cidades brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Feira de Santana. Apresentou suas obras também em países europeus como França e Espanha.

Uma nova geração de artistas se afirma no cenário das artes visuais natalenses pela multiplicidade de suas expressões. BROUHAHA apresenta um perfil de oito novos criadores.



ERIK VAN DER WELJDE

ILKES ROSEMIR

Holandês, residente em Natal há mais de dois anos. Recebeu uma bolsa da Fundação de Artes de Amsterdã para realizar um trabalho de fotografias que resultou no livro *Praia*. O trabalho de Erik não tem compromisso com o belo, apresenta a obscuridade existente nas praias urbanas. "Acho que por ser estrangeiro, radicado no Brasil, consigo olhar para o cotidiano do turismo com outros olhos". Publica seus trabalhos no *foto.zine nr.1*, que está na sua 8ª edição. Foi assistente de dois grandes fotógrafos autônomos na Holanda. Expôs na Holanda (Amsterdã, Roterdã e Haarlem), Bélgica (Liège), Coréia do Sul (Seul) e Brasil (Natal). Formado em 2003 pela Academia de Artes de Amsterdã Gerrit Rietveld, tem especialização em Fotografia e História da Arte (1997-1999) pela Universidade de Amsterdã.

Ilkes é autodidata e tem como referência para suas criações o *ready made* de Marcel Duchamp. Começou desenhando sobre caixas de papelão abertas com esferográfica e lápis de cor. São desenhos de linhas abertas e fechadas, que segundo o artista são possuidoras de vida própria. As obras produzidas com essa técnica foram classificadas no Salão Jovem de Natal e no XI Salão Municipal de Artes Plásticas de João Pessoa. Olha para objetos do cotidiano considerando suas várias possibilidades. "Passei a trabalhar com objetos, como uma necessidade. Tinha medo de passar muito tempo repetindo a mesma coisa." No IX Salão de Artes Visuais da Cidade do Natal, apresentou uma assemblagem com filtros de ar de automóveis sobre madeira. Reivindica uma valorização da arte produzida em Natal, fundada no diálogo e troca de informações e opiniões, provocadora de movimento no pensar e no fazer.



# UM PASSO PARA A LEITURA

Biblioteca particular no Passo da Pátria atende moradores da comunidade

Texto  
Ugo Leite

Fotos  
Argemiro Lima

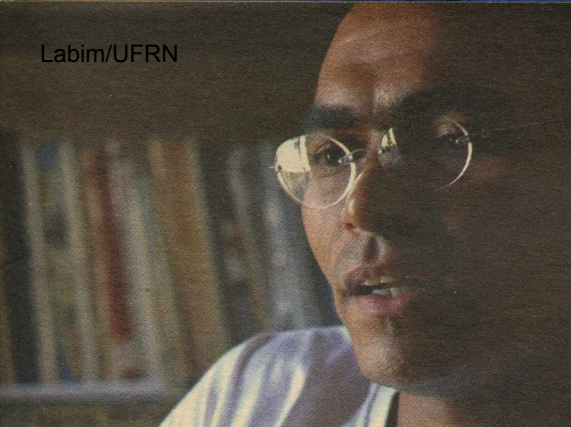
Passo da Pátria. Comunidade da Zona Leste de Natal, com aproximadamente quatro mil habitantes, que se estende desde as proximidades da Pedra do Rosário até o muro da Base Naval Ary Parreiras. As casas, em sua maioria, se encontram entre os caminhos paralelos da linha do trem e do Rio Potengi. De ponta a ponta, de um lado, a presença de palafitas. Do outro, algumas casas são tão próximas da linha do trem, que se um descarrilasse, fatalmente as atingiria. Segundo dados do Centro Social da comunidade, mais de 70% dos moradores contam com renda média mensal de até um salário mínimo. Nesse quadro de pobreza, sensível às carências da comunidade, tentando contrariar as estatísti-

cas, o morador do Passo da Pátria e professor de história, Carlos Magno de Souza, graduado pela UFRN, abriu, em sua casa, a Biblioteca Comunitária José Gonçalves (BCJG), que completou três anos de sua inauguração no dia 14 de março, Dia Nacional da Poesia.

De frente para o rio, à direita da única entrada para carros do Passo, passando por uma cigarreira, seguindo o calçamento, após o terreno da quadra de esportes e da Igreja São Félix, na Rua Santo Afonso, número 13, fica a casa/Biblioteca, pertinho do campo de futebol do Areado. A casa é simples, lembra a música *Gente humilde*. Na fachada não está escrito que é um lar, mas o muro traz uns dizeres: "Estude! Biblioteca, aqui". Seu terreno, com aproximadamente 6 metros de largura por 15 de comprimento, comporta cozinha, banheiro, sala e um quarto. Cinco pessoas moram lá: além de Carlos Magno, dois irmãos e seus pais.

A biblioteca fica na sala, dividindo espaço com TV, som e cadeiras. Na estante, aproximadamente mil títulos. Há mais quase quinhentos guardados por falta de espaço. Diversas seções: dicionários; folclore; histórias de Natal e geral; sociologia; educação; filosofia; literaturas potiguar, brasileira e universal; livros didáticos e paradidáticos, entre outras. De Câmara Cascudo a Camões, de João Cabral de Melo Neto a Miguel de Cervantes, são os autores que compõem o acervo da BCJG.

Aproximadamente 130 pessoas, entre crianças, jovens e adultos, estão cadastradas na biblioteca, que chega a atender além da comunidade do Passo. "Algumas pessoas da Cidade Alta também têm cadastro aqui. Aí o rigor é maior e o prazo para a entrega do livro é menor. Porque, aqui na comunidade, eu conheço cada casa, pois, além de morar aqui há aproximadamente 20 anos, já fui agente de saúde daqui", explica Magno, que



O professor de História, Carlos Magno de Souza, responsável pela biblioteca: "Quero incetivá-los à educação e à leitura".

ainda analisa, "Pessoas de outras localidades vêm aqui porque há uma carência de bibliotecas e as existentes estão em estado de precariedade".

Um sindicato chegou a bancar o aluguel de um espaço, onde a biblioteca funcionou por quatro meses. Por falta de verba, o sindicato suspendeu o aluguel. A BCJG também conta com doações para a ampliação de seu acervo. "Já recebemos doações dos sebos da Praça, Cata Livros e Amorim. O ideal agora seria a doação de um espaço para melhorar a estrutura da biblioteca e para poder expor todos os títulos do nosso acervo".

José Gonçalves ou Zé Gonçalves, quem dá nome à biblioteca, foi poeta e sapateiro. Morador de Mãe Luíza, "ele freqüentava muito o Passo da Pátria, gostava muito da comunidade, de passear e discutir os problemas daqui. Era um amigo, um poeta e um grande homem. Nada mais justo do que seu nome ser o da biblioteca", rememora Carlos Magno. Zé Gonçalves faleceu em 2000.

Carlos Magno de Souza nasceu em Mãe Luíza, onde viveu até seus 12 anos, quando foi para o Passo. Seu gosto pela leitura e pelas artes começou ainda na escola, com um professor de artes. Graduou-se em História em julho de 2005. Seu trabalho de conclusão, que se encontra disponível na biblioteca, tem o título *Passo da Pátria e sua memória: um resgate através da oralidade*. Dona Rosa, de 104 anos de idade, e D. Geralda, de 94, são as moradoras mais antigas da comunidade. Seus depoimentos, que, claro, fazem parte do resgate feito por Carlos Magno, confirmam muita coisa que foi dita por Câmara Cascudo sobre o Passo, além de acrescentarem outras.

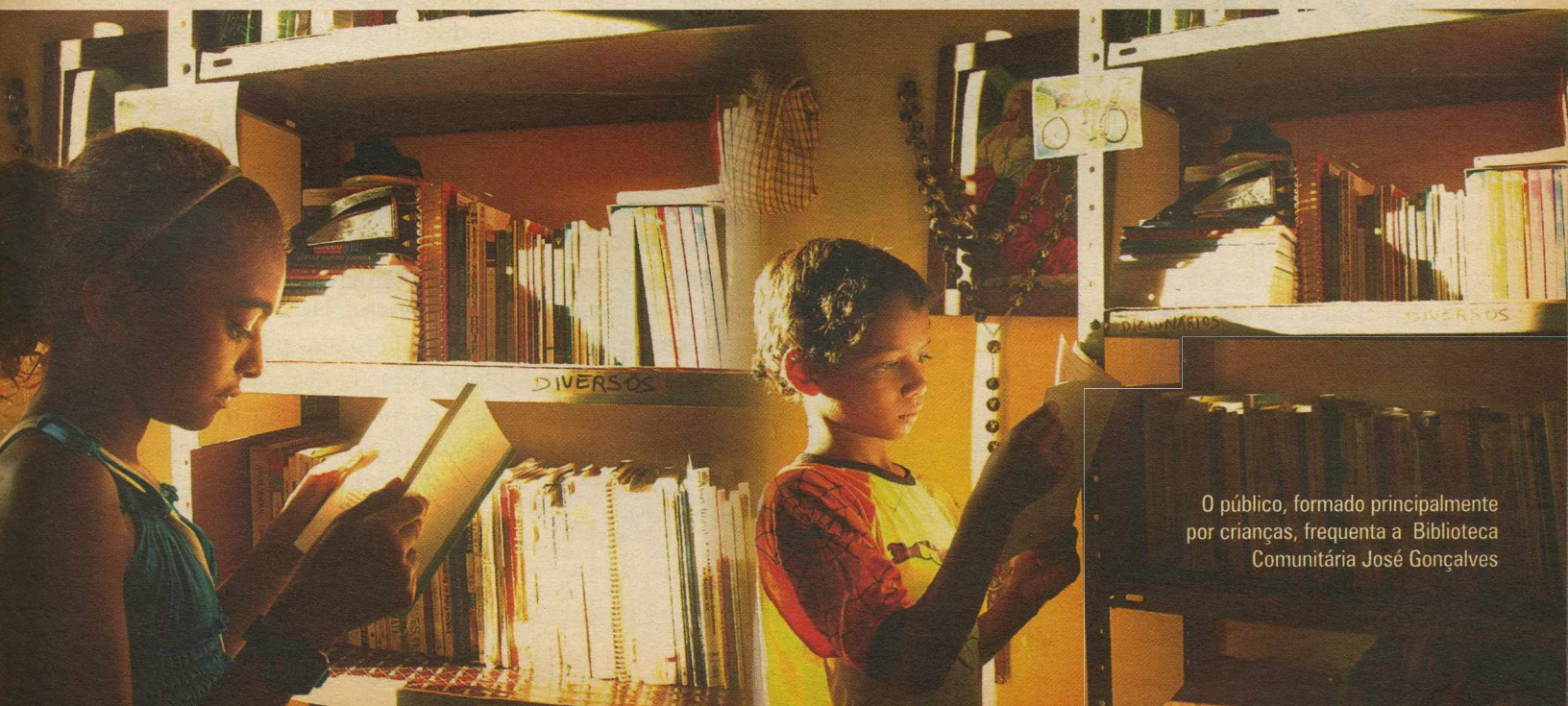
Em seu livro *A história da Cidade do Natal*, de 1946, Cascudo dedica, ao Passo da Pátria, um tópico do capítulo "Bairros exteriores e centrais": "Passo da Pátria foi uma zona marginal, entre a Ribeira e a Cidade, apertada na faixa de terra úmida do rio e da barranca onde se empinava o casario. Zona de uma feira

semanal concorridíssima, que desapareceu há uns dez anos, desde que a cidade possuiu outros e diversos centros de compra e venda públicos, o Passo da Pátria era atração popular, com suas bodegas, bailes baratos, mocambos de embarcações, vigias de campinais, lavadeiras e meretrícios numa tabela fronteira ao chão. (...)".

"O Passo é de grande relevância para o patrimônio cultural de Natal. Estou dando continuidade às pesquisas. Uma comunidade como essa merece muito mais. Quero influenciar pessoas por aqui. Quero incentivá-las à educação e à leitura". Carlos Magno pretende transformar seu trabalho de conclusão em livro. Em um primeiro orçamento, o custo de quatro mil reais para trezentos exemplares. Ele tentará uma lei de incentivo à cultura, para que seu resgate possa, em forma de livro, fazer parte do acervo da Biblioteca Comunitária José Gonçalves. Monteiro Lobato, que já faz parte desse acervo, disse: "Um país se faz com homens e livros".

**Biblioteca Comunitária José Gonçalves**  
**Telefone: 3611-2287**

**Carlos Magno de Souza**  
**Telefone: 8821-6343**



O público, formado principalmente por crianças, frequenta a Biblioteca Comunitária José Gonçalves

F. CALDAS

*Existem sujeitos por toda parte,  
entre a luz e a sombra.*

Acordou cedo e saiu. Naquela manhã em que tudo parecia comum como sempre foi. Tomou uma decisão: tinha de ser poeta. Fez a barba e saiu. Mesmo sendo homem, carne sem luz, criatura cega, tinha de ser poeta. Engoliu um café preto e saiu. Aquela decisão não o deixou dormir. Precisava ser poeta. Depois daquela aula em que leu Baudelaire, analisou um poema de Bilac, ouviu a leitura de Augusto dos Anjos e viu um livro de Hilda Hilst que o professor mostrou na aula. Lavou-se, pêlos e sombras, solidão e desgraça, sovacos, coxas, o escuro buraco, sexo, bolotas. Ai senhores, ele tinha igual a vós o fétido buraco! E saiu. Não tinha mais o que pensar. Estava decidido: ia ser poeta. E saiu decidido. Pensando na menina que lambia o sorvete de chocolate do amigo do pai no livro que o professor mostrou na aula e fez a patricinha do lado ficar ruborizada. Pegou um ônibus, transitou na realidade geográfica infeliz e foi pra aula. Hoje iam estudar Lima Barreto, pro vestibular. Que merda!! Porra de vestibular!! Um cu essas leituras. Uma leitura mecânica, dirigida. Não! Tinha Baudelaire e a carcaça do carneiro na mente e o verso de Augusto dos Anjos. Depois que leu, convenceu-se de que ele tão jovem e tão adolescente era mesmo um verme e

seu corpo se arrastava para a podridão e o Universo calado o renegava. Tinha de ser poeta. A cabeça fervilhava mil idéias a mil a toda hora sempre e sempre querendo romper como uma espinha juvenil manchando o rosto ou como porra quente entrededos e certificou-se se sabia ler. Olhou tudo ao seu redor e procurou uma musa talvez, mas só carros e asfalto e buzinas e popozudas e bombados e óculos escuros e boticários e avon e aquele forró insistente do motorista. E sua própria boca que o maldizia. Assim não conseguiria escrever uma métrica sequer. Se deu conta de que não havia mais o Olimpo nem Afrodite, nem Eros, nem Teseu, nem Andrômeda. Parou triste. Mas tinha de ser poeta. Seguiu. Na escola estava tudo tão igual: todos com a mesma roupa e lembrou de Mao. E daquele rock que pedia teacher leave your kids alone. Não se sentia mais um tijolo no muro. Fruto injustificável dentre os frutos, montão de estercorária argila preta. Não. E não queria isso porque sabia que não era isso. E isso não levava ninguém a pasárgada? Encontrou os amigos e disse: Tenho de ser poeta. Riram e riram e gargalharam e gargalharam e disseram que ia morrer de fome e que ia

# A CARCAÇA DO VERME NO VASO

ficar na margem sem espaço no shopping. Que seria excrescência de terra singular. A idéia de ficar fora dos amigos o deixou melancólico. E pensou em Diadorim e seu amor. Foi quando tocou o celular e ele acordou e sem saber caiu o véu de Ísis. Revelou-se a ele o sentido mesmo do verso de Augusto dos Anjos e percebeu de qual carcaça falou Baudelaire e chorou uma lágrima comprida e solitária. Foi quando olhou em volta e só viu veras e sentiu-se mais convictamente verme. Nunca estrela se supunha. Agora se sabia verme e não tinha nenhuma luz para se cegar. Tinha de ser poeta. Tinha de revelar ao mundo a certeza de que era dono. De como percebeu que o universo era como uma pedra de igual valor. Seu amor a se esparramar na poltrona diante do capítulo de Machado. Capitu. O mal absoluto. Infidelidades egocêntricas. A dor de ser o que se é e mesmo assim ter de chamar por Mary e não ser ouvido. Se ao menos lhe fosse dado o direito de olhar na cara dos homens... Seria possível lembrar do peixe tatuado no ombro daquele amigo! Mas tinha de continuar com seu intuito: tinha de ser poeta. Sentou-se só a um canto e olhou todos os outros. Pensou. Parou. Olhou. Teria ele um só direito: o de chorar? Levantou-se e saiu. Tinha de ser poeta. Mas como seria poeta e escreveria um poema. Se ele se sentia agora seu próprio verso. Ou

palavra espaçada em branco de papel num jogo de interdito entre o sentido e o verbo. Era ele mesmo a palavra pronunciada. Era ele mesmo a palavra escrita, para sempre para sempre presa a um papel. Sancho Pança de si mesmo. Pinto Calçudo. Comeu um hot dog com coca-cola e foi ao seu quarto. A porta bateu atrás de si. Foi ouvir sua banda favorita. Pensou. Já não havia mais versos pra se escrever? Olhou em volta e viu o mundo de cima. E não podia entender essa vida de querer ser o mesmo que outros. Levantou-se e foi à janela. E aquela menina em frente à tabacaria que já não existia a comer chocolates com mais metafísica que tudo. E pensou em Dorinha, meu amor. E se ele fosse também bastante puro... mas não o era. Inguém era. Não era mais ele mesmo. Não seria mais apenas um, tinha um verso, sabia que tinha. Precisava contribuir com ele. Pois já sabia da lama que o esperava. Já sabia que a mão que afaga é a mesma que apedreja e que o beijo é a véspera do escarro. A carcaça do verme no vaso fez com que percebesse que ele mesmo era o infante e a princesa que dormia. Retirou a grinalda de hera que lhe cobria o rosto e beijou a si mesmo. Precisava ser poeta. Escreveu um hai-kai. E foi dormir.

# A MARGINALIA POTIGUAR ANOS SETENTA



**BIANOR PAULINO**  
poeta e ensaísta

Ilustração  
Colagem de **Enoch Domingos**

Anos setenta: travessia cáustica dos últimos anos da década de sessenta. Geração explosiva. Paris. Amsterdã. Londres. Rio de Janeiro. Califórnia dream. Vietnã. Guerra fria. Movimento hippie. Underground. Monterrey pop. Woodstock. Jimi Hendrix. Janis Joplin. Frank Zappa. Bob Dylan. O sonho americano. Ditadura militar. Gorilas e guerrilhas. Tropicalismo. Esquerda festiva. O milagre brasileiro. Geléia geral. Leila Diniz. Ipanema. Lagoa do Abaeté. Sampa. Ponta do Morcego. Praia dos Artistas. Fátima Arruda. Fissuras. Sociedade alternativa. O zen na curva entrópica do Ocidente. Zaratustra. Viagem ao Oriente. Estranha Realidade. Estação no inferno. Caminhos de Katmandu. On the Road. Natal: cidade em trânsito. Os primeiros hippies na província (um argentino, um carioca, uma mineira): anfitrião do trio: Fernandão. Dailor Varela na Revisão (baixo Tirol). Signagens. Sacanagens. Poética do precário. Marcos Silva: o relógio, vaias e flores. Fantasma que sofre de asma não pode curtir. Cascudo ribeirando ao longe. O sexo maldito e erosivo de Falves Silva. A gafeira no Francesinha. O olho de Anchieta Fernandes. Fernando Lima e a bruxinha Elvira na floresta marrom transando com gnomos e fadas. Edinaldo e Zizinho (antes e depois d Ptsão). Darci Girassol e Sônia Godeiro na Ladeira do Sol. A flauta mágica de Graco Legião encantando as cordas do violão de Gilberto Gil. O makumblueiro Raul Andrade nas periferias potiguaranas. Os últimos tons das serestas. Os acordes musicais de João do Oreste noite adentram. O analista e performático Jota Medeiros nas trincheiras pós-modernas. Aucides Sales. A talha primitiva de Jordão: cavalheiro noturno. Pintura. Música. Poesia. Escultura. Quadrinhos. Simbiose poética. Sem concessão. Maurílio Eugênio, Flávio Papudo, Marconi Ginani dançando a valsa vienense no sítio do Dr. Choque. Chico Miséria (Hombre). Carlão to you. O Primeiro Festival do Sol (Ainda Cortez). Festivais do Forte. Fernando Mineiro. Plínio Santos. Maconha. Haxixe. Cogumelo azul do boi zebu. Araçá azul dividindo meridianos tropicais. Trampolim do sul, do sal e do sol. Carlos Capinan. Torquato Neto. Anjo Torto. Mirabô Dantas e Odaíres. Miguel Cirilo e José Maria na transcendência do caos. Navego e navegos. Samaral. Chacal. Cacaso. Apolo e Dionísio. Deus da chuva e do trovão. Enoch Domingos. O templário. Tadeu e Nestor. Dácio Galvão e Eduardo Holanda na feira do Alecrim: cebola, alho e cravo. Iara bar. O Cascalhinho. Castanhola bar. Sorveteria Ki-show. Oásis. A Toca de Nazareno. Carlos Gurgel e Eduardo Alexandre na Galeria do Povo: poesia nas mãos, nas ruas e nos becos. Dia da Poesia. Doces Bárbaros. Os Mutantes. Jards Macalé. Sérgio Sampaio. A boina verde de Osório de Almeida: a estrela Che. Vicente Vitoriano. O mimeógrafo. João Gualberto. A Máquina de lavar. Circo da Cultura. João da Rua no rio do João sonhando com Temporada de Ingênios. Formação da Alcatéia Maldita, João de Deus. João Costa. Edinho. Eliene Albuquerque, Racine Santos. Lóla, Fon, Cacá, Lelé Alves. O imberbe Walter Varela, Maracajaú. Macrobiótica. Vécio Lisboa e o teatro mágico. Tenda dos ciganos. John Lennon e Yoko Ono no Canto do Mangue: peixe, tapioca e vinho. War and Peace. Allen Ginsberg no Beco da Lama. Uivos e uvas. Rolling Stones. Waly Salomão dali de Salvador. Carlos Maciel. O Pasquim. O Bondinho. Maturi. A Flor do Mal. Cacto. Jornada da Praia. Grupo Cabra. Teorema. Terra em Transe. Blow-up. Boi de prata: cocaína contra jurema: Augusto Ribeiro Júnior. Dona Maria das Rocas e a carne verde sem frigorífico. O farol de Mãe Luiza dando sua geral nas crianças de aquário. O sonho não acabou. Acende a luz. Continua na próxima.



DJ François e MC Jair Rodrigues, exemplos de produtores caseiros de música eletrônica que produziram CD e tocaram na noite natalense



# Cena eletrônica potiguar

Texto e fotos  
Tadzio França

Aconteceu na primeira metade dos anos 90: uma subcultura que há anos fermentava no underground, emergiu para o mundo. Trazia consigo música tecnológica, dançante (na maioria das vezes), e a figura do DJ como protagonista, um seqüenciador humano de batidas que regia, como um maestro, os sons e as sensações de sua pista de dança. Assim como o jazz, o blues e o rock, havia chegado a vez da música eletrônica mostrar sua relevância pop. A reboque, vieram mudanças comportamentais que marcavam essa nova forma de encarar a música: festas que atravessavam a noite e o dia, a céu aberto ou em lugares fechados; foco na eletrônica e suas vertentes; DJs como atrações principais; clima geral tolerante, liberal e respeitoso à individualidade alheia. Dez anos depois, a cena eletrônica virou outro item comercialmente viá-

vel na prateleira do pop com o que isso tem de bom e ruim.

Hoje, num momento em que DJs protagonizam comerciais de celular, lançam DVDs, tocam em olimpíadas e cenas de raves ajudam a vender refrigerante, não é de se estranhar que Natal viva um momento de popularidade com a eletrônica. A palavra rave foi incorporada ao roteiro de diversão de qualquer jovem da capital, seja aquele do pub roqueiro ou o freqüentador de micaretas. Festas do gênero ocorrem quase todo o fim de semana em pontos do litoral como Tabatinga, Pipa e Cotovelo; várias dispensam propaganda tradicional de rádio e televisão e chegam a reunir centenas de pessoas, apenas no boca a boca. Estrelas dos toca-discos já tocaram por aqui e foram recebidos com honras de rock-stars. Algo, de fato, acontece na província. Mas não começou ontem. Há anos,

iniciativas isoladas vêm incorporando essa música e esse estilo de vida à noite (e ao dia) do natalense que procura novidades e formas diferentes de se divertir.

As primeiras experiências começaram em fins de 1996, em festas de regularidade mensal no Casarão da Ribeira, um bar decadente da rua Dr. Barata. Por lá se viam personagens exóticos da noite, drag queens, go-go dancers, e gente "antenedada". Emulava-se o clima das boates (clubs) inglesas e americanas, onde a chamada cultura clubber acontecia. Na verdade, era um bas-fond nem tão diferente de tantos outros. O real diferencial estava na música: o DJ Gustavo Jansen, veterano da noite local, passou dois anos morando em Londres e acumulando um repertório de vinis e CDs com o melhor da eletrônica da época. Quando voltou a Natal, passou a ser o animador oficial dessas noitadas alternativas. No dia 29

de agosto de 1998, a festa "Ruídos", no Bronx Pub (outro finado bar da Ribeira), marcou a noite local pela diversidade do público que atraiu: universitários, skatistas e gente da noite, uma "fauna" heterogênea que se uniu sob o mesmo groove para dançar. Enfim, algo com o real espírito das raves em Natal. O jornalista Sílvio Santiago, que na época tinha uma coluna no Jornal de Natal, dedicava especial atenção a essa nova boemia. "O sentimento de novidade era muito legal. Era mais ingênuo, todo mundo se conhecia. Hoje, acho que tem muito modismo e pouca cultura", analisa ele, que anda um tanto afastado da noite atual.

As festas foram chegando às praias a partir de 2000. Pipa, avançadinha por natureza, saiu na frente. Estrelas nacionais dos toca-discos como os Djs Marky, Patife e Rica Amaral tocaram no estado pela primeira vez, em Pipa. Da praia, novamente para o asfalto. A estudante de jornalismo Raquel Maia mostrou potencial como promotor ao bancar, com um grupo de amigos, a rave urbana Sirva-se Avonts, em 2003, no galpão de um antigo supermercado de Ponta Negra. O DJ Marky, eminência do drum 'n' bass, trouxe milhares de pessoas para a festa que foi até 7 da manhã. "Quando Marky entrou para tocar foi surreal. Parecia um sonho. Até chorei", conta. Raquel

se considera eclética em música eletrônica, no entanto, prioriza o techno na produção de raves. Em outra corrente da eletrônica, o trance psicodélico (ou psy, para os íntimos), o DJ e promotor André Negrão toca o núcleo de produções e eventos Deep for Trance. O psy é, atualmente, o estilo mais popular da música eletrônica em território nacional. Regra que também se estendeu a Natal. As festas Naturalize costumam atrair multidões, só no boca a boca.. "A Naturalize Edição Especial foi nosso principal evento de 2005. Mais de 1.600 pessoas e eu tocando ao amanhecer. Foi meio mágico", conta.

Os DJs sonorizam este mercado incipiente. Natal já conta com dezenas deles, entre os que tocam toda semana e os que raramente saem do quarto. Dentre estes, alguns poucos arriscam produções musicais próprias, a próxima etapa na carreira de quase todo DJ. O DJ François, 18 anos de baladas, e o MC e tecladista Jair Rodrigues produziram ano passado o álbum de drum 'n' bass, Mixing At Home. Foram três meses burilando sons em softwares como Fruit Loops, Samplitude, Reason e Soundforge, até chegar ao resultado final. François compara o tempo em que editava os loops (trechos musicais que se repetem ad infinitum) em fitas de rolo, só cortando e colando, com a tecnologia de hoje. "Agora tudo é bem mais fácil. Se tiver criatividade e feeling, vai longe", diz. O primeiro CD foi distribuído entre amigos, DJs e frequentao,

dores da cena d&nb, e o próximo já está a caminho, na velocidade de um clique no mouse. O DJ Claudinho, militante da cena psy trance, também vai dividir as pick-ups com produções próprias. Adquiriu um sintetizador Nord Lead e está montando o seu Live PA (os projetos de apresentações eletrônicas ao vivo), que se chamará Without Brain.

Ao vivo, Claudinho já turбина o som dos seus discos com processadores de efeitos, portanto, a produção própria seria o caminho natural. Segundo ele, será o primeiro Live de um DJ nordestino. Com a popularidade, também vieram os problemas. A constante associação das festas de música eletrônica com drogas virou um dos assuntos favoritos dos noticiários, principalmente pelo viés sensacionalista. Os organizadores locais acham que essa histeria também pode chegar aqui, dependendo do público fazer a sua parte para evitar. "Deve ser feito um trabalho de conscientização junto ao público e organizadores dos eventos", diz André Negrão. Para Raquel, a solução está na educação positiva. "Não podemos mandar nos atos das pessoas, mas podemos evidenciar o lado cultural e divertido da eletrônica, que é o nosso real interesse. Em todo caso, a fiscalização quanto ao consumo de drogas estará cada vez mais rígida nas festas, o que ajudará a diminuir e coibir o uso", explica.



# UM BREVE PANORAMA SINCROÔNICO DAS ARTES PLÁSTICAS POTIGUARES

JOTA MEDEIROS

Fotos  
Candinha Bezerra

*A contribuição milionária de todos  
os erros.*

Oswald de Andrade

Jota Medeiros é artista multimídia.  
Texto apresentado durante as  
comemorações do dia 8 de maio  
de 2005, na Capitania das Artes.



Pintura mural, Lajedo de Soledade, Apodi/RN.

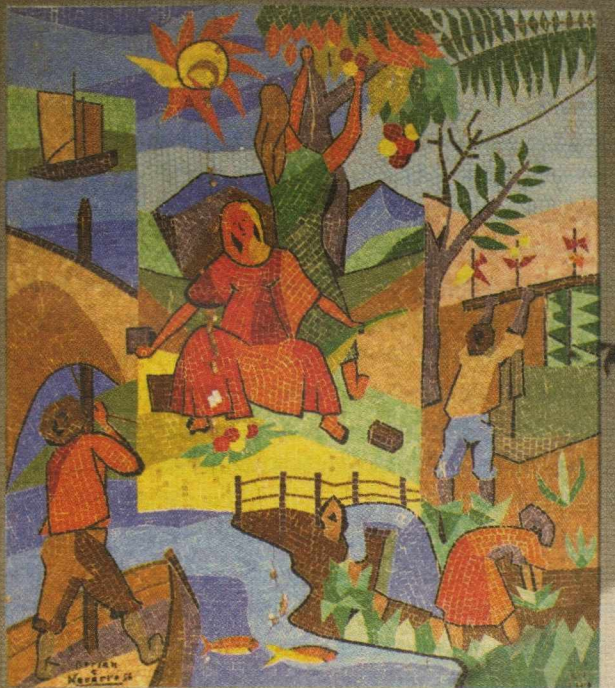


ABRAHAN PALATNIK. Aparelho cinescópico, 1951.





ERASMO XAVIER:  
Ilustração para a revista  
*Cigarra*, Natal, 1928.



DORIAN GRAY E NEWTON NAVARRO:  
Mural no Edifício Café Filho, Ribeira, 1956.

A tradição pictórica potiguar remonta aos nossos antepassados, ancestrais dos índios Cariris, Potiguares, Paiaçús, Janduí, que expressaram o seu imaginário poético através da iconografia impressa a céu aberto e/ou nas paredes das cavernas, a exemplo da grande pintura mural do Lajedo de Soledade na Chapada do Apodi.

Num segundo momento, presenciamos o legado dos artistas trazidos pelo brasileiro Maurício de Nassau, o conde nascido na Alemanha, mas “que vem sendo designado de brasileiro”, como reafirma o crítico Mário Barata.

Entre estes artistas, podemos destacar Frans Post e Eckhout, que muito bem retrataram a Nação Tapuia e a nossa paisagem tropical, quando fomos invadidos pela Companhia das Índias Ocidentais, numa época em que Natal e Nova York se chamaram Nova Amsterdam ou simplesmente Amsterdam, como diria Câmara Cascudo.

Em 1909, Manuel Dantas lançou no jornal *A República* o Manifesto do Futurismo, de Marinetti, pioneiramente no Brasil. Antes, houvera proferido a Conferência “Natal daqui há cinquenta anos”

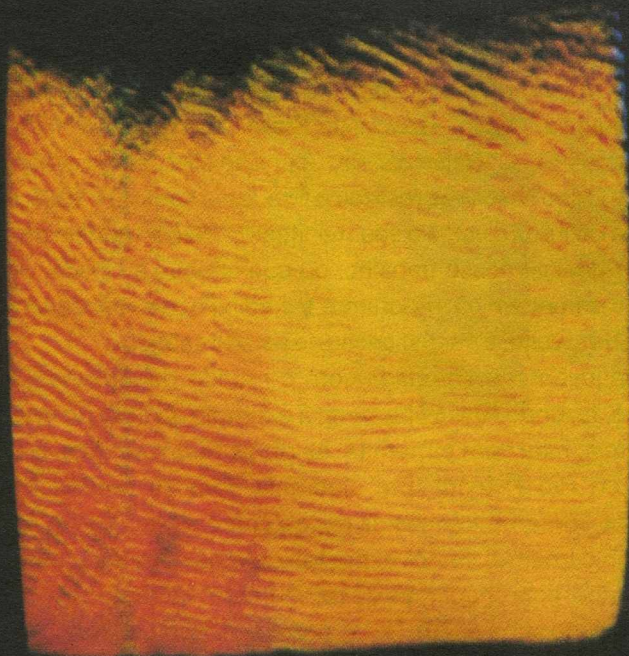
Nos anos 1920 registramos a presença ideogrâmica do poeta Jorge Fernandes e a sua permanente ação poética espontaneamente Dada. Quanto à modernidade visual, o pioneiro seria Erasmo Xavier, que atuou no Rio e em Natal, através de suas capas e ilustrações futuristas para a revista *Cigarra*, ao lado de Adriel Lopes Cardoso.

O pintor Moura Rabelo e o escultor Hostilio Dantas, nos anos 30, merecem ser lembrados como mestres de uma tradição clássica tardia.

Em 1948, Newton Navarro realiza sua primeira mostra individual, de forte tendência expressionista, e em 1950 acontece o I Salão de Arte Moderna da Cidade do Natal, coletiva de Navarro e Dorian Gray. É inegável a contribuição destes artistas, entre outros posteriores, como Ivon Rodrigues, Aguinaldo Muniz, Thomé Filgueira e Leopoldo Nelson.

Nos anos 60 houve uma verdadeira efervescência cultural: festivais de música, feiras, montagens teatrais entre outros eventos movimentaram Natal, a essa altura do tempo considerada a “capital espacial do Brasil”. Um grupo formado por Marcos Silva, Walter Varela, Joel Carvalho, Iaperi e Irani Araújo e Olavo Medeiros realizou o Esquema Kaos. Em 1966, a Semana do Kaos divulga o seu manifesto: “Não importa o que queira significar nosso trabalho, ou que choque a cidade, ou que não entendam. O importante é o ridículo, é a mensagem interior de revolta, é a significação do estado caótico”.

Uma juventude atendida com o mundo da informação estética, fazendo Arte Ephemera, a exemplo da obra de Walter Varela, feita com pimentas. As obras foram atiradas nas águas do Rio Potengi. Em sincronia com as tendências estéticas contemporâneas da época como a Mec Art e a Art Pop (ironicamente), foram expostos objetos como: sapatos, guarda-chuvas e chapinhas de refrigerante. Portanto, não há nada de novo sob o sol de Natal, parafraseando Salomão.

FALVES SILVA: *Sorria*. Arte postal, 1974.JOEL CARVALHO E JOTA MEDEIROS: *Galáxias*. Vídeo, 1991.

Foram realizadas três Exposições, no SESC, onde já se evidenciava a linguagem da instalação e do não-objeto, a exemplo da obra conceitual do pintor Jomar Jackson.

Em 1967 surge, em Natal e Rio de Janeiro, o Poema/Processo, "movimento de poesia visual e factual", como afirmaria o poeta português Melo e Castro. Teve como protagonistas, o matogrossense Wladimir Dias-Pino, um dos inventores da poesia Concreta, o carioca Álvaro de Sá e o potiguar Moacy Cirne. O nome mais expressivo entre nós seria o de Falves Silva, estando a sua obra em permanente intercâmbio conceitual com a de Wladimir.

Este movimento antiliterário traz em sua plataforma um intercâmbio processual com outras instâncias artísticas, anterior ao boom da Arte Conceitual e da Process Art. O crítico Frederico Moraes em seu livro Panorama das artes plásticas nos séculos XX e XXI, no verbete sobre Arte Tecnológica registra que "um dos primeiros grupos a expressar o uso do correio como veículo artístico no Brasil foi o poema/processo, ainda nos anos 60".

No final dos anos 70 e início dos 80 realizaram-se ações e intervenções através do grupo Denuncia(r)te, do Aluá Produções, e a atuação do Grupo Cobra (re-leitura promovida pelo crítico Franklin Jorge), em sincronia com outros surgidos em outros estados, como o 3NÓS3, de São Paulo; Bruscky & Santiago, do Recife e Jaguaribe Carne, da Paraíba.

Em se falando de Arte/Tecnologia destacaria a obra de Palatnik, um artista congenial, trans/secular, pioneiro da arte cinética internacional, o que não seria possível sem que houvesse visto a luz da Cidade do Sol, sua Terra Natal.

Durante a década de 70 houve uma razoável produção pictórica, de nomes já conhecidos e um surto escultural, de raízes populares/mitológicas, marcado pelo signo solar de nítida influência mexicana que tem como representantes Manxa, Jordão, Taciano Arruda. Destaca-se ainda a produção em tapeçaria de Dorian Gray e Iraken, os painéis abstratos em cerâmica de Marlene Galvão e a vertente underground dos desenhos de Enoch Domingos.

Em meados dos anos 70, houve a efervescência da Arte/Correio, movimento internacional, do qual participei ao lado de Falves, Avelino Araújo, Carlos Jucá, Venâncio Pinheiro, Carlos Humberto Dantas, e que nos proporcionou um intercâmbio global, com múltiplas tendências e/ou processos estéticos da arte internacional, como: performance, vídeo/arte, xerografia, art door, instalação, ação, infoart. Com uma permanente atuação em eventos, publicações e bienais internacionais. Por esta época foi criada a oficina de Gravura Rossini Peres, da Fundação José Augusto.

Pessoalmente realizei as primeiras performances e produzi o primeiro vídeo/arte, "Transformances" filmado pelo paraibano Marconi Edson com texto/psicologia de Jards Macalé e áudio-texto de Wolf Vostel. Foram feitas também instalações de minha autoria, Haroldo Maranhão, Venâncio Pinheiro.

As décadas de 80/90 se caracterizaram como de uma "geração alternativa", que reflete em hoje. Uma verdadeira geléia multi-tudo, festivais no Forte dos Reis Magos, Galeria do Povo na Praia dos Artistas, Oficina Viva, Poesia por Telefone, Circuito Suburbano, Mul-

timedia/UFRN, Art Door, num intercâmbio Poesia & Arte, culminando com a mostra "Tempos e Espaços de Natal", na Galeria Aluísio Magalhães, atual MAMAM, na cidade do Recife, sob nossa curadoria.

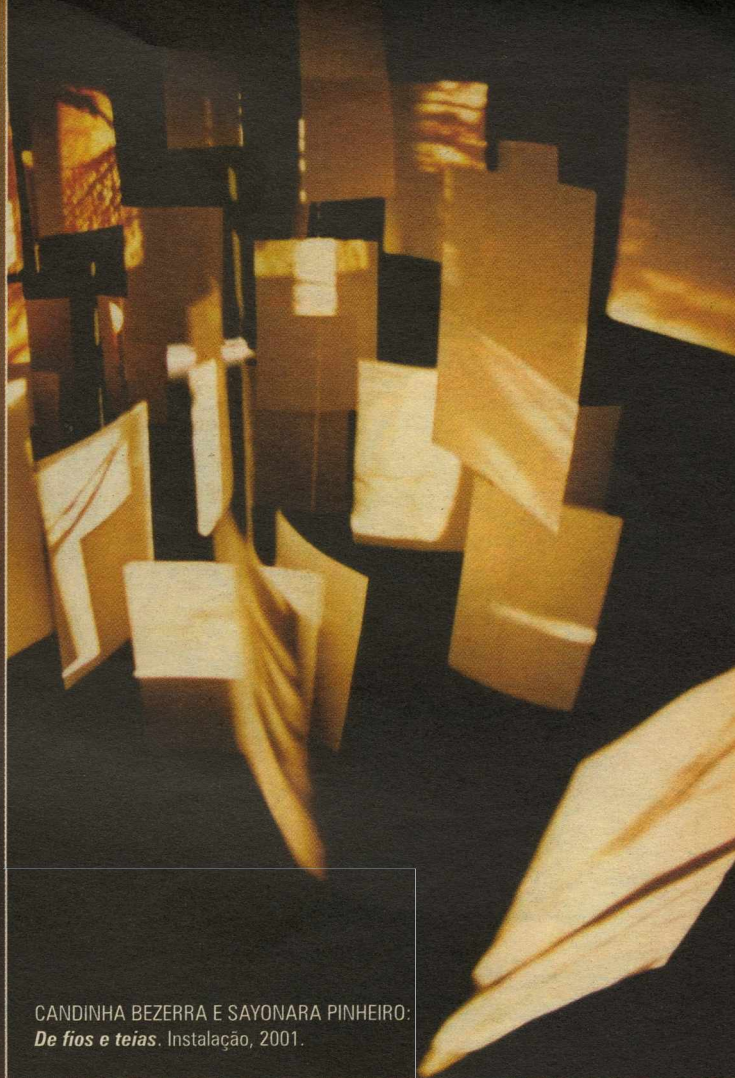
Em 1985 surge o NUCLEART (J. Medeiros, Fernando Gurgel, Novenil, Marcelus Bob, Cristina Jácome e Carlos Soares), e em 1987, o Ôxente, com Guaraci Gabriel, Sayonara Pinheiro, Cícero Cunha e Civone Medeiros.

Hoje comemoramos mais um 8 de maio, dia do Artista Plástico, comemoração iniciada pelo pintor Pedro Pereira em 1999. Em 2001, o Projeto Nação Potiguar realizou a I Mostra de Arte Contemporânea sob a curadoria de Jota Medeiros, Vicente Vitoriano e Sayonara Pinheiro. Nesta presente edição, promovida pelo M8M (Movimento 8 de Maio de artistas independentes), e a Capitania das Artes, destaque-se o I Circuito da Performance Potiguar, com a presença marcante de J. Pinheiro e Marcelo Gandhi. Ivens Machado, artista carioca convidado, realizou uma instalação com Terra Natal, numa sincronia com o poeta Ferreira Itajubá. Natal revisitada por Xico Chaves, rememorando os saudosos Festivais do Forte.

Da mostra realizada, destacaria alguns nomes, como o estilista San Martini, Ricardo Veriano, Jean Sartief, Manu Duarte, Selma Bezerra, Ilkes, entre outros, nesse evento que homenageou a pintora Zaíra Caldas, com a sua proposta transfigurativa.

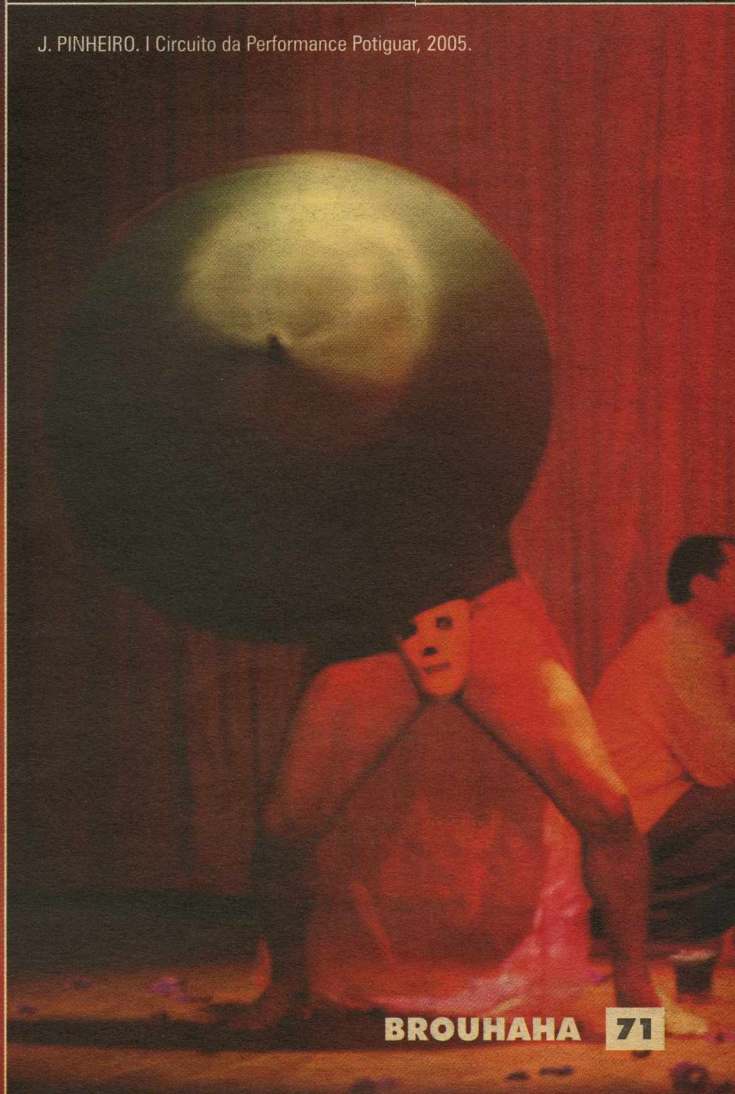
Neste contexto, destacaria alguns nomes da visualidade "Contemporâniguar", neologismo inventado pelo poeta Plínio Sanderson: o astrofísico Joel Carvalho, no vídeo "Galáxias", prolongamento do cinetismo de Palatnik, a partir do poema homônimo de Haroldo de Campos; o mikrokynema de Augusto Luís; a fotografia de Giovanni Sérgio e Ricardo Junqueira; a pintura de Erasmo Andrade, Eduardo Alexandre, Fábio Eduardo, Fernando Gurgel, Flávio Freitas, Ítalo Trindade, Marcelus Bob, Marcelo Fernandes, Fernando Galvão, Isaías Ribeiro, Jotó, entre outros. As foto-instalações de Candinha Bezerra; as folk-instalações de João Natal; o conceitualismo crítico de Marcus Macedo; a gravura de João Viannei; o desenho de Assis Marinho, Célia Albuquerque, Eugênio Medeiros, Roncalli; o design gráfico de Afonso Martins, Venâncio Pinheiro, Henrique José, Marcelo Mariz, Cláudio Damasceno, entre outros; o inventivo trabalho do GrupeHQ; a poesia visual de Avelino Araújo e Bianor Paulino, a nova arte/postal de Fábio Ojuara e Pedro Costa.

Apesar do descaso, o artista potiguar é em si e por si, um verdadeiro herói, podemos constatar a proeminência de valores estéticos do mais alto nível, o que ficou comprovado com o workshop Brasil/Alemanha, promovido pelo NAC/UFRN e produzido por Elidete Alencar, em janeiro de 2005, que contou com a presença do Iraniano Akbar Behkalam, dos alemães Trak Wendisch, Edda Krullman, Gudrun Fischer-Bomert e Dieter Ruckhaberle, curador de nomes como Rauschemberg e Léger, no Instituto de Arte de Berlim, dos paraibanos Marlene Almeida e Rodolfo Athayde e do pernambucano Maurício Castro ao lado de artistas locais como César Revorêdo, Rolim, Elon Constantino, entre outros, num intercâmbio cultural/vivencial que nos permite a compreensão e a evolução da nossa multidentidade pictórica num permanente acto de deglutição simultânea, ação antro(pop)hágica.



CANDINHA BEZERRA E SAYONARA PINHEIRO:  
*De fios e teias*. Instalação, 2001.

J. PINHEIRO. I Circuito da Performance Potiguar, 2005.





# Notícias do Brasil

COM A PALAVRA  
**FERNANDO BRANT**

Autor da bela e sempre emocionante *Travessia*, um dos maiores clássicos da MPB, Fernando Brant esteve em Natal em 4 de outubro passado, quando se apresentou em show-recital do Projeto Poemúsica, promovido pela Fundação Capitania das Artes, no Teatro Sandoval Wanderley, Alecrim. No show, ele foi acompanhado pelo violão de Gereba, espécie de mestre-de-cerimônia. Inicialmente, Brant e Gereba tomaram a iniciativa de deixar de lado maiores cerimônias e formalidades que um recital poético às vezes requer, dando ao show um necessário tom intimista e descontraído, quase um clima de bate papo de mesa de bar. Brant cantou suas mais belas canções e conversou com a platéia, que lhe indagou sobre as letras e a carreira artística.. Comentou que uma de suas canções, *Notícias do Brasil*, foi composta em Natal, com música de Milton Nascimento.

Nascido em Caldas (MG), em 9 de outubro de 1946, Fernando Brant é formado em Direito pela UFMG, mas nunca exerceu a profissão de advogado. Foi repórter da sucursal mineira da revista *O Cruzeiro*. A virada na vida artística dele e de Milton Nascimento ocorreu em 1967, quando a dupla participou do 2º Festival Nacional da Canção (TV Globo) com *Travessia*, classificada em 2º lugar no festival, em interpretação do próprio Milton. Como bom mineiro, Fernando Brant soube garimpar o melhor da ourivesaria poética, tornando-se o principal letrista de Milton. Com mais de 200 canções gravadas, a dupla registrou dezenas de sucessos, como *Maria, Maria, Planeta blue, Promessas do sol, O vendedor de sonhos, Canção da América, Saudade dos aviões da Panair (Conversando no bar), Encontros e despedidas, Nos bailes da vida*. Outros sucessos de Brant: *Para Lennon e McCartney* (com Lô Borges e Márcio Borges) e *Durango Kid* (com Toninho Horta). Em 72, *San Vicente* e *Ao que vai nascer*, ambas em parceria com Milton, e *Paisagem na janela* (com Lô Borges) foram incluídas no histórico LP *Clube da Esquina*, de Milton Nascimento e Lô Borges.

#### PARCERIA COM MILTON

“Nossa amizade nasceu antes do trabalho. Éramos amigos e a parceria nasceu em consequência e por termos interesses semelhantes: música, cinema, literatura, cultura em geral. Ele com suas melodias e harmonias espantosas, originais, que sempre me surpreendiam e surpreendem. Eu, com minha visão do mundo, tentava traduzir em palavras aquela usina musical. Todos os assuntos eram temas para nossas canções e o que cantamos acabou tocando os corações e as mentes dos nossos contemporâneos e, pelo que vejo, dos filhos e netos de nossos contemporâneos. O segredo talvez seja que nós abrimos nossas almas em nossas canções”.

#### CLUBE DA ESQUINA

“O que se acostumou denominar de Clube da Esquina foi o encontro espontâneo de jovens mineiros, moradores de Belo Horizonte, que amavam a música, o cinema, a poesia, a literatura. E que, em dado momento, começaram a traduzir em canções o que sentiam, o que almejavam, o que sonhavam. E eles tinham um porta-voz extraordinário, Milton Nascimento, que levou ao país e ao mundo as suas criações. Depois de um certo tempo já não eram só mineiros, eram também cariocas, pernambucanos e quem mais aparecesse e se enturmasse. No início: Milton, Márcio Borges, Fernando, Ronaldo Bastos, Nelson Ângelo, Toninho Horta, Lô Borges, Beto Guedes, Marilton Borges, Wagner Tiso, Nivaldo Ornelas, Tavito, Hélius Vilela. E Joyce, Tavinho Moura, Paulinho Jobim, Alaíde Costa, Clementina, Túlio Mourão, Murilo Antunes, Flávio Venturini, Chico Buarque e um monte de gente que faz e fez a música popular brasileira”.

#### POESIA E MÚSICA

“Falo do meu caso. Geralmente, mais de 90%, eu escrevo a letra depois da música. Ouço a abstração maravilhosa criada por meus parceiros e tento entender o que ela quer dizer. Meu trabalho é traduzir o signifi-

cado da melodia. Escrevo para a melodia, mas minhas palavras expressam o que eu penso do mundo e da vida, o que eu sinto. A canção fica pronta no momento em que o parceiro concorda com o que escrevi. A palavra e a música sempre andaram juntas, desde os primórdios de nossa língua, com as canções de amor e de amigo. A letra existe para se casar com a melodia e se transformar em canção. As duas se dependem. Já a poesia anda solta, embora muitas vezes tenha sua música interior, seu ritmo. Nenhuma das duas é melhor ou pior do que a outra. Aí o que manda é a qualidade do resultado”.

#### TRILHAS SONORAS

“Sempre gostei muito de cinema, do encontro de imagens com música. Por isso gosto de participar da criação de trilhas, seja de cinema, teatro ou televisão. Foram muitos os trabalhos, sempre gratificantes. Só espero que os cineastas brasileiros se interessem mais pelo respeito aos direitos autorais dos compositores”.

#### DEMOCRACIA

“Trabalhei contra a ditadura e a favor da democracia, como cidadão, brasileiro, compositor. Esse é um tipo de briga que sempre vale a pena. Amo a vida e a liberdade, a poesia e a justiça. Quero respirar o ar puro dos amores e das amizades. Quanto ao Lula e seu governo: decepcionantes”.

#### JK NA TV

“É bom que o brasileiro de hoje tenha conhecimento de um líder que tinha idéias e projetos e que realizou o que prometera. É um exemplo para os nossos dias. Não precisamos de heróis e muito menos de pessoas despreparadas para a complexidade do país e do mundo. O Brasil tem tudo para dar aos brasileiros uma vida mais digna e justa. Para isso é necessário espírito público e competência, visão do mundo e pensamento livre de preconceitos. Precisamos de educação, muita. Precisamos de cultura, muita. Precisamos enfrentar com inteligência os problemas e agir”.

# NO MEIO DA TARDE

LÍVIO OLIVEIRA

Desenho  
Célia Albuquerque  
série Fragmentos

No meio da tarde, resolveram voltar.

Vieram buscando o caminho antigo, após a bifurcação, atalhando o caminho em volta do açude. Parecia fácil.

A noite ia caindo. A pouca experiência dos meninos não aconselhava estender o tempo de pisada. A casa grande não ficava assim tão perto.

Na conversa dos imberbes surgiam os fantasmas guardados, os medos do escuro repentino. Cada fala era de um arauto de pavores infantis, presos interiores das almas dos infantes.

Suas pernas eram só tremores e a estrada se prolongava, crescendo, crescendo. O barro pisado, prolongando-se sinuosamente, inquietava mais.

A terra seca já não queimava sob as solas dos pés ingênuos. Pedras de fogo não se faziam mais sentir quando encaixavam entre os dedos descalços. O medo é que se agigantava. Perguntavam o porquê da incauta decisão. Meninos da cidade, não sabiam bem os segredos do sertão.

Surgiram dúvidas quanto ao roteiro mais acertado. Cadê o açude?

No meio da dúvida, a Cruz de Miquilino, cravada à margem, arrodada por uma coroa de flores plásticas, bizarra imagem. Miquilino tinha morrido ali mesmo, vítima de bala pequena de companheiro, caça imperita de avoantes. Acer-

tou-lhe o frontal. A morte de Miquilino tinha abalado todo mundo, os moradores da fazenda, o povo da "rua", como chamavam a cidade próxima, pequeno município de igreja só. Dona Inhana, sua mãe, quase enlouquecera de dor: Por que fizeram isto com meu menino? Meu menino Miquilino? Doze anos, ai, ai, ai! Miquilino, ai, ai, ai!

Talvez o batráquio que atravessou longitudinalmente não tivesse tido a intenção, mas causou, causou mesmo, pânico e arrepios nos meninos, aqueles dois. Mais arrepios do que os que estavam acometendo aqueles corpos brancos e imberbes de filhos da cidade grande. Ah! Ali naquela terra, todo estranho bem nutrido e corado era rico, filho de rico, eleito por Deus. Príncipezinhos desta terra!

Não havia ainda sinal do açude, nem da porteira que terminasse a agonia dos dois moleques. Um choro baixo, nervoso, já tinha sido iniciado por um deles. O outro, ainda querendo mostrar um pingo de coragem, reclamava: Faz isso não, Rodolfo, seja homem! A gente já chega!

Os passos apressados, atravessados pelo gemido de Rodolfo, na luta para encontrar o mundo pequeno da fazenda, apressavam os coraçõezinhos tensos, aos saltos, na esperança de encontrar o rumo da fazenda, da casa alva, da rede



áspera, menos áspera que o cinto do pai bruto, ligeiro no golpe, marcas avermelhadas ardendo depois. Costas e bundas ressentidas no outro dia! Dor no espinhaço!

Prosseguiam no ritmo alucinante. Às vezes queriam correr. Pouco prudente. Melhor caminharíamos juntos e evitamos surpresas, ataques de alguma fera, medo de aparições vivas ou mortas!

Algum sinal surgiu. Da entrada da fazenda. Já eram mais de três horas de caminhada. Graças! Luz de lamparina lá longe, nos longes daquele tempo. O cheiro de esterco de gado, os ventos nas algarobas, a terra seca entrando nas narinas e sublinhando os lábios de poeira e mormaço. A audição perfeita do canção de fogo. Tudo, toda dor, todo medo, já se abrandavam. À frente, a imagem do vestido branquinho da mulher jovem que ainda lavava no açude, quase escurecendo. Era Severina, Severina do Queijo, como era conhecida, pela sua atividade matinal de ajudar no coalho, no cozimento, no preparo do queijo, cujas raspas, com açúcar, faziam a felicidade da molecada toda.

Severina foi, então, o oásis mais feliz daqueles dois. A salvação, a volta para o seu mundo. Nenhuma fera nos venceu! Nenhum defunto apareceu, com nariz cheio de algodão e olhos arroxeados! Estamos com Severina, salvos de onça e de alma!

Recolheram os medos nos bisacos. Ainda dava tempo até para um banho no açude. Meteram-se na água fria, gelatinosa, do açude. E foi aí que, além da salvação de suas vidas, Severina, lá perto da canoa aportada, sem avistá-los, salvou também suas mais profundas sensações. Já não lavava a trouxa de roupas, à parte. Banhava, lindamente, seu corpo rijo e moreno, apertando mais uma vez, muito forte, o ritmo dos dois corações de testemunha.

**Lívio Oliveira é advogado e poeta. Publicou *O colecionador de horas* (2002) e *Telha crua* (2005)**

## REDE CASCIANA

# A VOZ DE CASCUDO

**HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO**  
Núcleo Câmara Cascudo de Estudos  
Norte-rio-grandenses (NCCEN/UFRN)

Fotos  
Candinha Bezerra

No dia 30 de dezembro de 2005, data em que se comemorou em Natal o aniversário de nascimento de Câmara Cascudo, ganharam destaque dois lançamentos significativos para a memória do ilustre potiguar, cuja obra permanece atual: o livro *Crônicas de origem: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*, e o CD *Brouhaha: Câmara Cascudo poeta e leitor de poesia*.

O livro *Crônicas de origem*, fruto de uma pesquisa realizada no Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses, da UFRN, tem uma história: coletadas no ano de 2000, no acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte-IHGRN, por José Luiz Ferreira (Prof. de Literatura/UERN, Mestre em Literatura Comparada/UFRN), as crônicas foram depositadas no acervo do Núcleo Câmara Cascudo e, no ano de 2005, examinadas e organizadas em livro pelo professor Raimundo Arrais (do Departamento de História/UFRN). Isto significa que se renovam e ao mesmo tempo se mantêm os modos de preservação da nossa memória cultural, sob três aspectos: no caso particular dessas

crônicas, os escritos cascudianos podem ser apreciados na sua forma impressa em papel-jornal (no IHGRN), podem ser lidos na forma convencional do livro, e podem ser consultados pela via digital (no NCCEN).

No caso do livro, o acesso ao texto cascudiano torna-se facilitado pela via impressa, mais popular e econômica, graças ao modo subvencionado da publicação (com apoio da Cooperativa Cultural Universitária e da Capitania das Artes). Trata-se, no caso da UFRN, de cumprir uma função social: não custa repetir que a universidade do Rio Grande do Norte tem a necessidade de transformar e de promover o intercâmbio do conhecimento, especialmente aquele que advém da comunidade na qual está inserida. Por causa dessa função, o Núcleo Câmara Cascudo propôs à Editora da UFRN a criação da coleção *Estudos Norte-Rio-Grandenses*, cujo critério de seleção de títulos se norteia pela acolhida a estudos de especialistas em aspectos da realidade potiguar, nos diversos campos do conhecimento.

No caso da via digital, o acesso aos escritos cascudianos ganha uma qualidade inimaginável há algumas décadas, fato que somente os pesquisadores com experiência em coleta de dados manuscritos podem testemunhar e avaliar. Com o texto digitado, ou digitalizado, o tempo cronológico da pesquisa abre espaço para a fertilidade do pensamento, da análise e da interpretação. Talvez, por causa deste fator, o leitor de *Crônicas de origem* tenha como prêmio um texto introdutório tão rico em informações como o do organizador do livro, o professor Raimundo Arrais.

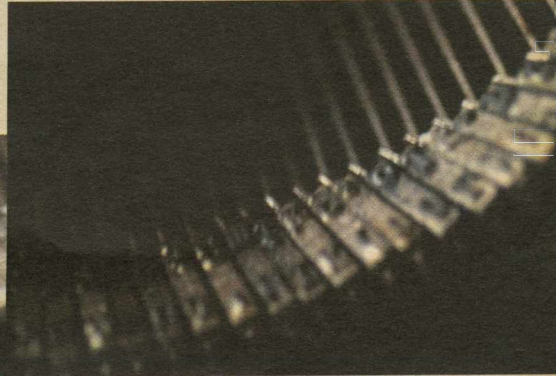
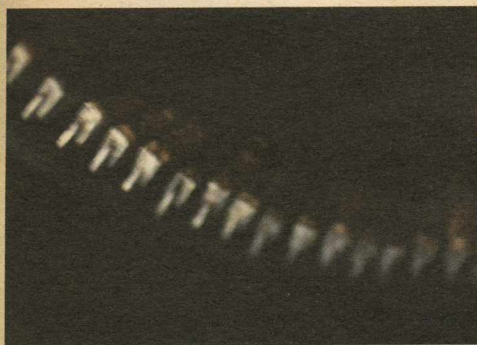
Livro e texto informatizado não tiram, no entanto, a importância e o valor histórico da forma original do papel-jornal que está depositado no acervo da mais anti-

ter eliminar ruídos que, desnecessários, poderiam fazer recuar os passos imprescindíveis à divulgação continuada de tão singular obra. Dentre essas variáveis, destaque-se a sensibilidade da família do homenageado e dos dirigentes de instituições que, da sociedade potiguar, tornam possíveis ações como essas. Enaltecemos tal sensibilidade e declaramos, em alto e bom som, que são muitos os que, como nós, têm a consciência de que a sociedade espera ainda mais investimentos na sua cultura.

Outro não é o valor do CD *Brouhaha: Câmara Cascudo poeta e leitor de poesia*, organizado por Dácio Galvão e com o selo do projeto "Nação Potiguar". O encarte do CD, ricamente ilustrado, traz em detalhe todos os créditos dos textos vocalizados, das músicas, assim como das fontes onde foi coletado o material apresentado. Esse detalhe é importantíssimo, porque

jovem Cascudo a poesia que se estendia dos rasgos romântico-parnasosimbolistas pelas vozes dos nossos antigos seresteiros, passando pelo influente mestre Henrique Castriciano, até o ponto em que eclode, de forma arrasadora, a voz dos também jovens modernistas? Por que a poesia no início? E, mais do que isso, por que o folclorista e o historiador sufocaram o poeta? Quanto dessa poesia sobrevive na prosa que se mostra nos ensaios sobre a nossa formação cultural?

Tais questionamentos não podem ser respondidos por intuição. Somente uma pesquisa que leve em consideração outras variantes (históricas, literárias, culturais, sociais) poderá contribuir no sentido de tornar cada vez mais complexo o



ga instituição da memória potiguar, o Instituto Histórico e Geográfico. Lá estão, disponíveis aos pesquisadores interessados em comparar os originais com as cópias, as ricas coleções preservadas sob a coordenação do Dr. Enélio de Lima Petrovich, a quem prestamos homenagem e declaramos agradecimento. Tais coleções interessam, obviamente, aos historiadores, aos filólogos, aos estudiosos de arquivos nunca ao público em geral, a não ser no seu aspecto museológico e com programa didático de conscientização sobre a sua importância histórica. Tanto é verdade que, sem a existência do Instituto Histórico e Geográfico, não estaríamos sequer escrevendo estes parágrafos.

Tal convergência de fatores positivos envolve mais variáveis, que é necessário destacar, uma vez que a experiência é fator determinante na pesquisa e, em se tratando de Câmara Cascudo, faz-se mis-

gerador de pesquisa, além de permitir uma fruição do material já antigo, simultaneamente à sua forma atualizada, abre as portas para uma reflexão que está presente em vários estudos sobre a obra cascudiana e que, neste momento, ganha um novo impulso, uma vez que o objeto da reflexão ganha uma visibilidade ampla. A reflexão é: qual o significado da poesia na obra cascudiana?

Como ler a poesia daquele que tanto se esforçou para dar ao Rio Grande do Norte uma singularidade cultural e literária no âmbito do sistema nacional? Que força de projeção teria, naqueles memoráveis "anos 20" do século passado, o gênero poético na cidade onde havia em cada casa um poeta, em cada esquina um jornal? Que sedução exercia para o então

modo de apreensão de obra tão vasta. Mais do que apreensão da obra, outro desafio mais alto se alevanta: trata-se de colaborar com o processo de conhecimento crítico da, cada vez mais, complexa experiência intelectual brasileira.

Enquanto caminham essas pesquisas, podemos experimentar de forma lúdica o livro e o CD. Já que tal aspecto, o lúdico, nos permite sonhar, imaginemos um momento ímpar que certamente aconteceu no sótão do lendário "Café Magestic": Cascudo lendo para Jorge Fernandes uma das cartas recebidas de Mário de Andrade, cujo assunto só podia ser a poesia. Imaginemos, pois, o encontro dos três poetas sob a nossa lua. E tratemos de planejar, para o já próximo ano de 2008, as comemorações referentes aos 80 anos de tão singular encontro acontecido entre as faxinas dos nossos pobres quintais.

Num provável exercício de imaginação histórica, decidi sair de casa no sábado de uma manhã ensolarada qualquer. Depois de passar todo o semestre tentando mostrar aos alunos do curso de Turismo o que eu queria dizer com contato interétnico, eu mesma resolvi vivenciá-lo mais de perto por algumas horas e, graças a uma sucessão de eventos culturais, pude experimentar tal sentimento a poucos quilômetros de minha própria janela.

Em poucos minutos já me transportava no tempo e no espaço para a margem do Rio Potengi, um pouco antes da chega-

trazido pelo latino europeu, se era dinheiro ou víveres ou tecnologia ou herança genética fortuita não se sabe. Se por mímica ou se por uma língua própria criada para tais finalidades, tampouco há notícia deixada em um diário nem documentos. O que se sabe é que, décadas depois, tais táticas não favoreceram na convivência com os holandeses e por isso houve uma guerra localizada.

Quando os portugueses resolveram instalar-se oficialmente a população nativa já havia modificado muitos de seus hábitos, a fricção cotidiana de seres com ideais estranhos entre si não impediu a

## NÓS, OS OUTROS...

GILMARA BENEVIDES COSTA

da dos primeiros estrangeiros a pisar no solo potiguar. Os primeiros habitantes do litoral tinham as mesmas feições que muitos de nós hoje em dia: não mediam mais do que 1,60 cm de altura, tinham uma coloração pardacenta e sem hábitos fixos, praticavam a caça de pequenos animais, a pesca e a coleta de frutos com instrumentos rudimentares preservados da ação humana unicamente por algumas camadas de areia das dunas.

Caminhando sobre largos bancos de terra, esses potiguares nativos foram se espalhando divididos em pequenos grupos que se comunicavam através de poucas variações da mesma língua, enquanto exploravam a região da extensa faixa litorânea. Queimadas de sol, as mulheres não tinham longos cabelos, seus seios e ventres eram largos e quando jovens todas desenvolviam pernas e braços com músculos bem desenvolvidos.

Não se tem notícia de visitantes de outra nacionalidade antes dos franceses, que comercializavam com os potiguares, trocando um bibelô em toras de madeira. Fazia parte do interesse do nativo local provar um pouco do algo exótico

miscigenação racial. Um desses primeiros brasileiros que nasciam em solo potiguar se chamou Jerônimo e muitos de nós descendemos de uma maioria de outros desses, porém anônimos. Foi depois de um massacre localizado promovido por holandeses e nativos aliados que se instaurou de vez um governo maciço português que dominaria seguidamente por três séculos.

O trabalho ao qual era submetido o nativo indígena fora substituído pela mão de obra dos escravos negros que, durante as noites de sábado, se reuniam em uma roda para dançar, cantar e beber cachaça misturada com o açúcar escuro dos canaviais. A brincadeira tomava todas as redondezas dos engenhos e durava a noite inteira, enquanto na casa grande se tocava o violão com algum acompanhamento de voz. Não ia até tarde, pela manhã os trabalhadores e os patrões já estavam de pé.

O inglês Henry Koster anotou em um diário sua visita ao principal dono de engenho da região, André de Albuquerque Maranhão, antes da morte desse iminente homem público que de tanto con-

fundir seus interesses com os da capitania foi preso, morto e exposto em praça pública. Natal era uma cidade mesmo antes de ter sido uma vila, mas o padrão das pequenas quatrocentas primeiras habitações só seria radicalmente modificado a partir da primeira metade do século vinte.

Novamente os franceses, dessa vez vieram pelos céus e tomavam a cidade de um glamour cinematográfico. Os potiguares pobres se haviam mestiçado

com europeus, à exceção do pequeno grupo de judeus que continuava intacto em seu pequeno grupo localizado no bairro do Alecrim, a maioria se espalhou pela margem do Potengi. As famílias tradicionais chegavam também do engenho para a cidade, trazendo seus negros contadores de história, mais um elemento humano a misturar-se aos indígenas já esbranquiçados. O areal, os cortiços, as zonas de praia com seus casebres humildes conviviam com a cidade alta e o centro comercial da Ribeira até o apagar das luzes no primeiro blackout.

A permanência dos norte-americanos transformou tudo mais rapidamente, em apenas quatro anos o que antes parecia imperceptível saltou aos olhos: o contato entre diferentes raças alcançaria um ápice fazendo a cidade triplicar seu número de habitantes além da geografia, expandindo-se além de suas fronteiras. Há pouco mais de uma década o intenso fluxo turístico traz atualmente para nossa cidade, como herança de Parnamirim, os vôos internacionais repletos de estranhos anônimos das mais diversas classes sociais e nacionalidades. Herdamos há séculos o principal ponto estratégico cultural entre os três continentes: África, América e Europa.



**Gilmara Benevides é historiadora e antropóloga**  
[gilmara.benevides@gmail.com](mailto:gilmara.benevides@gmail.com)





PREFEITURA DO  
**NATAL**  
COMPROMISSO COM A CIDADE

  
FUNDAÇÃO CULTURAL  
Capitanía das Artes